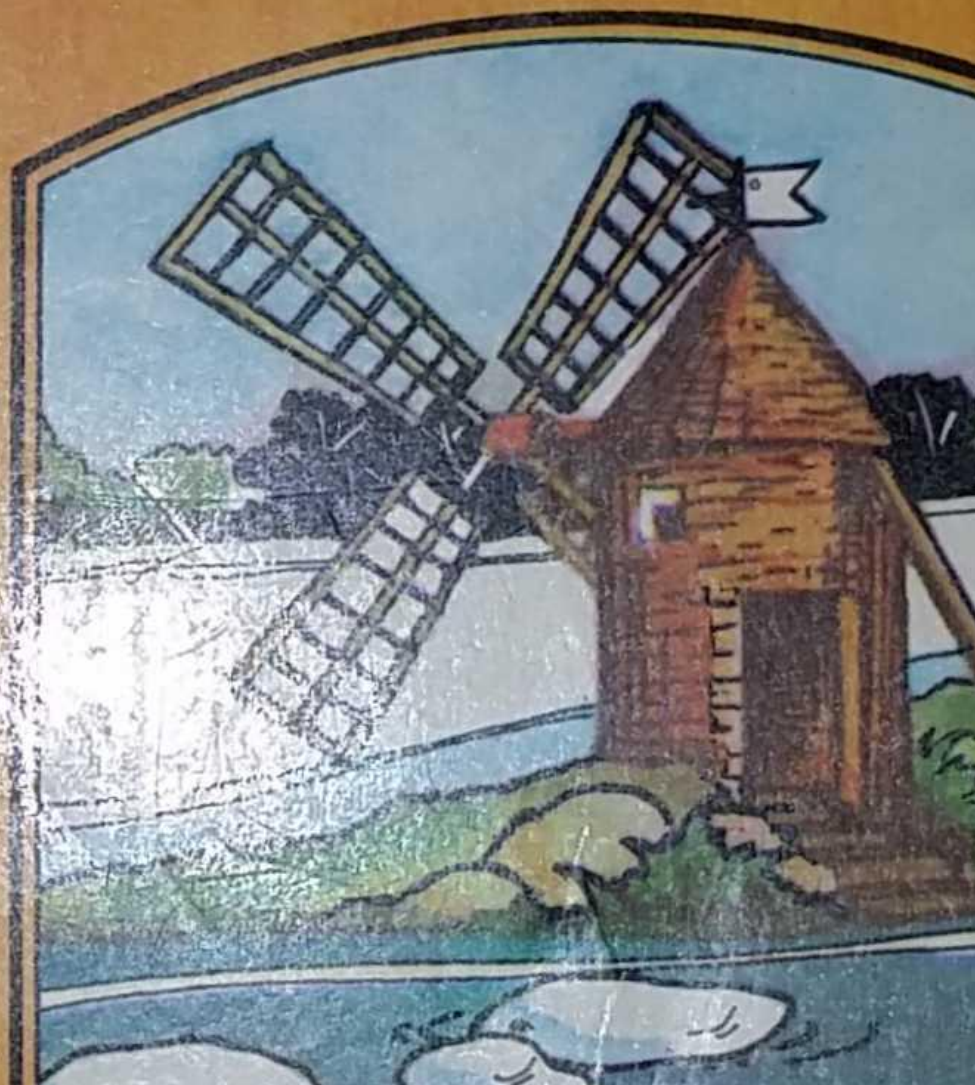




# A Barragem do Zécar



# O INFERNO ou A Barqueira de Júcar

NOVELA M E D I O N I C A

## I A BARQUEIRA DO JUCAR

Na Mancha, num cotovelo que o rio ali traça acima de Valeganga, um sítio existe onde funciona um moinho, propriedade de uma das casas mais antigas daquela região.

Nessa paragem, forma o rio extenso remanso, onde navega uma barca a transportar de uma para outra margem os que vão de viagem.

Em tempos idos, nesse mesmo rio, outra barca havia, de construção mais grosseira do que a da atual e pertencente a um pobre ribeirinho que, não mui distante do lugar ora ocupado pelo Moinho, levantara tosca choupana, que lhe servia de abrigo e a uma filha, que ele educava conscienciosamente e em quem resumia toda a sua felicidade.

Este pobre ribeirinho lavrara as terras que lhe rodeavam a choupana e desse trabalho, com o que produzia o serviço da barca, tirava p bastante para acudir às suas mais urgentes necessidades.

Antes que lã se instalasse, aquilo não passava de imenso xaral, de que eram donos os antepassados dos que até hoje pouco o têm possuído efetivamente.

Com o seu trabalho progressivo, com o seu continuado esforço, com a ideia firme e exclusiva de consagrar-se à educação especial que dava à filha, ele nunca retrocedeu diante de qualquer obstáculo material.

Em troca da permissão que obteve, para explorá-las, dado lhe fora o encargo de guardar os bosques do proprietário daquelas terras. Numa palavra: Francisco A. era o couteiro do Sr. X.

Entre o amo e o empregado certo retraimento havia, nada estranho à história que vamos narrar.

Francisco ali chegara trazendo consigo a filha, que contava então de três a quatro anos aproximadamente. Nos primeiros tempos, sustentaram-se da caça, que abundava no bosque. Mais tarde, a esse meio de subsistência acrescentou ele os que obtinha do pedaço de terra que suas mãos arroteavam e de umas tantas ovelhas que a menina, já crescidinha, apascentava.

Antes de falarmos dela, falaremos de Francisco .

Era de estatura regular e seu porte contrastava com o gênero de vida que adotara.

Pensador e de educação diferente da comum em os que se ocupam com os misteres que ele se impusera, não causará estranheza o dizermos que Francisco estava frequentemente a ler e que, dentro de uma caixa de pinho, cuja tampa desempenhava o ofício de mesa, guardava os livros e vários outros objetos de que tratava com extremos cuidados.

Não tendo missão mais sagrada do que a educação da filha, escrupulosamente a cumpria.

Sua abnegação, para ensinar à menina, chegara ao ponto de haver aprendido, mediante sucessivos e frequentes ensaios, até as fainas peculiares à mulher.

Desse modo, Francisco isolava do contacto social a filha. Mas, não tardou verificasse que nem todos os cálculos que o homem faz, ainda que na maior boa fé, se realizam com plena satisfação sua.

Certo dia, saiu ele, como de costume, à caça de uma perdiz que a criança desejava e, no momento preciso em que ia disparar a arma, o cão que o acompanhava, no movimento instintivo de correr ao lugar onde a ave teria de cair, lhe passou entre as pernas, fazendo-lhe perder o equilíbrio, oscilar ' um instante e precipitar-se por um barranco abaixo.

Sentindo intensa dor, perdeu os sentidos: fraturara a perna direita.

Vendo seu senhor em tão crítico estado, o pobre animal partiu como uma seta para a choupana. A menina se levantara, quando o cão chegou à porta e estacou, a olhar fixamente para a sua dona.

A pequena prestou atenção ao seu Leal e um sentimento íntimo lhe fêz perceber que ele lhe

queria exprimir algo, com aquela atitude, com aquela fixidez de olhar profundo, num momento em que, devendo estar junto do amo, ali se apresentava a fitá-la melancolicamente.

— Ah! meu Deus! — disse, levantando as mãos ao peito. — Que sinto! Que é que este animal me diz? Leal! Teu amo \_\_\_\_\_ meu pai?

O cão, que a olhava fixo, voltou a cabeça para o exterior da choça, depois aproximou-se dela que o contemplava extática, passou-lhe as patas dianteiras pela roupa, rasgando-lhe o avental, e dirigiu-se para fora, com a cauda entre as pernas e a cabeça baixa.

Em vão procurava a menina sufocar os tristes pressentimentos que a assaltaram: em vão se esforçava por afastar de si o que supunha uma preocupação; em vão permaneceu no mesmo lugar e na mesma atitude em que a encontrara o cão, porquanto este, vendo que ela não o seguia, retrocedeu a ladrar e a insistir em lhe significar alguma coisa, puxando-lhe as vestes com as patas dianteiras.

Maria, então, toda a tremer, se resolveu a acompanhá-lo. O cão saiu correndo e a menina também se pôs a correr. Logo, porém, cansava e o animal tinha que desandar o caminho percorrido, para instigar a dona a segui-lo apressadamente.

Chegaram, afinal, ao barranco e ela encontrou o pai sentado ao fundo deste, com a fisionomia descomposta e a roupa estilhaçada.

Francisco, assim que a viu, tratou de reprimir quanto pôde a expressão de dor que se lhe estampava na fisionomia e exclamou, fitando a filha adorada:

— Maria! Não te assustes, não te aflijas, minha filha. Foi um mau passo; precisamos resignar-nos e procurar meios de corrigir este percalço.

Maria deixou de chorar e ajudou o pai a pensar a perna, fazendo o que ele lhe determinava. Por fim, servindo-lhe ela de apoio, puderam os dois sair daquele sítio e chegar à choupana, vencendo toda sorte de dificuldades, como facilmente se pode imaginar.

Francisco, seja pelo pouco caso com que encarou o seu estado, seja por se haver findado o tempo da sua expiação na terra, foi piorando, até que a gangrena se apresentou, com todo o cortejo de sua ação destruidora.

Sentindo que a vida se lhe extinguia, o infeliz chamou a filha, para lhe dar um último conselho.

A pobre menina se acêrcou do leito paterno, recalçando a dor que lhe ia na alma, a fim de não tomar ainda mais amargos ao pai aqueles instantes que ele lhe consagrava.

— Maria, minha filha — disse o moribundo — não chores. Digo-te que não chores, não porque o teu pranto me faça sofrer, mas porque não é caso para chorares. Até hoje ignoras por que razão sempre me mostrei propenso a um insulamento pelo qual talvez me hajás recriminado, mas que perfeitamente se justifica, como verás, quando examinares um maço de papéis que se acham atados por uma fita amarela a um canto dessa arca. Quisera que os meus gostos fôsem os teus; porém, vejo que vais ficar só, necessitada do apoio e do amparo de outro ente mais forte do que tu, e não posso obrigar-te a que sigas o sistema de vida que te é habitual. Quando tenhas lido os papéis de que te falei e conheceres os motivos que a este lugar me trouxeram, creio que perdoarás a resolução de teu pai, se em desacordo comigo vieres a ficar. Amanhã, provavelmente, já não estarei a teu lado. Em morrendo eu, quero que me enterres aqui, pois não desejo que meu cadáver faça parte da sociedade dos túmulos. Irás, para isso, ao povoado, tendo presente sempre qual há sido a minha vontade: já que nos separamos materialmente, que teu Espírito me não abandone, como abandonar não deve a crença que te incuti, o amor que te consagrei, a caridade que te ensinei e a esperança que te restará, quando houveres, como eu, esgotado toda a seiva da tua vida neste mundo. Se não caiu em terreno estéril a semente que em ti lancei, estarei tranquilo, pois que algo me diz, aqui dentro, que, através dessas nuvens transparentes, nós nos entenderemos. Adeus, Maria; dá-me um beijo e deixa-me descansar.

E expirou nos braços da filha, que o não abandonara um só instante.

Logo que o Espírito de Francisco se desligou da prisão carnal, ela acomodou no leito mortuário o cadáver e, acompanhada de seu cão, partiu para o povoado, depois de fechar a choupana.

Quando regressava com as pessoas que trazia para lhe sepultarem o pai, notou que em sua companhia não vinha Leal; porém, como toda a atenção tinha-a voltada para o cadáver que deixara fechado na cabana, para esta se encaminhou com os que a seguiam.

Lá chegando, deram todos com o cão, de sentinela à porta. Este fato, que corrobora a lealdade desses animais, passou despercebido àquela gente. É fora de dúvida que o instinto o levava a evitar, com seus constantes latidos, a aproximação das feras do bosque, as quais fatalmente teriam sido atraídas pelo odor que o cadáver de seu amo exalava.

Com a sua resignação e habitual critério, Maria obedeceu aos costumes que de seu pai herdara. De nada valeram os conselhos dos habitantes da povoação, nem os do próprio cima, para decidi-la à vida social. Firmara, como o pai, a sua resolução. Era -lhe notório o desnível que havia entre aquela gente simples, a quem ela chamava a atenção, e seu caráter, seus hábitos de independência, de decisões lógicas e conseqüentes ao gênero de educação que recebera.

Sem ser o que se diz — formosa, Maria tinha, no entanto, um aspecto extremamente simpático. O exercício contínuo a dotara de grande robustez e admirável era a sua precocidade. Bebendo constantemente os conselhos do pai e saturada das máximas que lia nos livros onde aprendera a formar seu juízo, sem que isso signifique fôsse ela de especial talento, possuía, contudo, um critério lúcido e seguro em suas apreciações.

Enquanto duraram as primeiras impressões que lhe causara a morte do pai, andava como que perplexa. Logo, porém, que voltou ao estado normal, continuou seu sistema de vida, como se nada de extraordinário houvesse ocorrido.

O que mais lhe agradava era cultivar por suas próprias mãos o pedacinho de terra que seu pai reservara para as flores da predileção de sua idolatrada filha. Ampliou essa cultura, de cujo produto tirava o suficiente para sua vida material. Esse pedacinho de terreno ficava contíguo ao poste onde amarrava a barca.

A vida, pois, se lhe circunscrevera àquele lugarzinho, onde mandara levantar outra choça, porquanto a em que habitara vivo seu pai se convertera em túmulo deste.

Acostumada a esse gênero especial de vida e graças ao insulamento relativo em que se achava da sociedade, nada lhe podia chamar a atenção, nem preocupá-la.

Quantos por ali passavam viam-na alegre e satisfeita. Sua graça natural lhes fazia desejar transpor o rio. Apesar da sua modéstia, toda a comarca reconhecia haver nela alguma coisa que se não explicava, mas que a todos infundia respeito.

## 2 O NOVO COUTEIRO

Morto Francisco, os Condes, proprietários daquelas terras, não tardaram em preencher o lugar de couteiro, fazendo recair a nomeação num antigo servidor da casa, pouco simpático ao conde, que assim aproveitou a ocasião para afastá-lo de si, conseguindo afinal o que muitas vezes tentara em vão, porque a tal afastamento sempre se opunha a condessa. Agora, porém, lograra o seu intento, invocando o pretexto de necessitar de uma pessoa de confiança para estar à testa das obras e melhoramentos que pretendia levar a efeito no lugar.

Não sorriu a Gregório, que é como se chamava o novo couteiro, a resolução do conde. Todavia, considerando que desse modo talvez pudesse alcançar alguma vantagem, que até então não obtivera, como prêmio de seus serviços, e certo, ao demais, de que naquele posto seria quase senhor absoluto de suas ações, resignou-se e partiu para os bosques da Mancha a cumprir as ordens do amo.

Gregório, que andava pelos cinquenta anos, sempre gozara da confiança da condessa e, consequentemente, da do conde, da mesma forma que seus pais gozaram da dos antepassados deste. Muito prudente, mais por cálculo do que por sentimento, bem se compreende que houvesse anuído àquela mudança que antes o depreciava do que elevava, ao cabo dos numerosos anos de serviço que contava

na casa, e concebe-se que se conformasse com o receber por única recompensa o encargo de guardar os bosques da Mancha. E' que projetava converter-se ali em verdadeiro dono da propriedade e não há negar que fazia acertado cálculo.

Poucos dias após a morte de Francisco, deu-se a chegada de Gregório que, para ligar perfeitamente os fios da trama que imaginara, teve por primeiro cuidado captar a confiança de Maria, que, ao que ele supunha, viria a ser uma eterna testemunha ocular, a fiscalizar-lhe as operações.

Várias vezes tentara sondar o coração da jovem: impossível, porém, lhe foi realizá-lo com inteira satisfação sua.

— Esta mulher é um abismo — dizia a si mesmo. Como se dá que saiba mais do que eu, que venho de residir tantos anos na corte e de lidar com a astúcia madrilenas? Não há dúvida: ou é sincera e cândida como uma pomba, ou sabe mais do que Merlin. Hoje, está decidido, vou falar-lhe claro, porquanto, assim, se ela tem andado a dissimular, verá que não sou nenhum bobo. Se for de caráter leal, esta mesma qualidade me servirá de escudo para os meus ataques e de capa para os meus embustes.

Terminado este monólogo, tomou da escopeta, assobiou chamando o cão e saiu de Valdeganga, a dar um giro pelo bosque.

Haveria meia hora que por entre tojais e mato denso andavam caçador e cão, quando este último estacou diante de uma ramaria por detrás da qual ouvira ligeiro ruído.

Gregório apontou a escopeta e esperou que saltasse alguma peça, para gáudio do seu embornal.

O ruído se repetiu e, por fim, moveu-se a ramada. O cão ladrou mais forte e, com o latido, também mais forte se tornou o movimento das folhas.

Percebendo, embora imprecisamente,, qualquer coisa através da mataria, o couteiro, sem mais averiguações, fêz fogo. A detonação seguiram-se, na folhada, ruídos e movimentos mais vivos do que os anteriores.

Prist, o cão de Gregório, atravessou rápido o matagal em busca da caça. O ladrido de outro cão que se aproximava fez compreender ao couteiro que não estava só naquelas brenhas.

— Quem, diabos, andara por aqui sem minha permissão, disse. Descubra-o eu e certo se arrependerá de caçar no bosque, sem licença.

E, com muita dificuldade e prejuízo da roupa, seguiu o cão, agrilhoado pela curiosidade, ao verificar que Prist não voltava com a caça morta. Qual não foi a sua surpresa, verificando que a bala da escopeta havia atravessado, perto da espádua, o braço de uma das ovelhas que pastavam ao redor de uma choça!

— Caramba! que certo foi o tiro! Isto servirá de escarmento aos que levam seus rebanhos ao bosque sem permissão minha.

Mal acabara de proferir estas frases, eis que pelas suas costas uma voz respondeu, sardônica-mente:

— Cuidado com a autoridade do senhor couteiro!

Este voltou, espantado, a cabeça e deu com Maria.

— Como! Por aqui? perguntou.

— Que há nisso de estranhável?

— Como não me hei-de espantar? Supunha-a na barca. De quem são estas ovelhas?

— Minhas, senhor couteiro.

Gregório, que nem de longe queria desgostar a Maria, para que ela não lhe desmanchasse os cálculos, contrariado ficou com o incidente. Assim é que, dando à voz o tom mais carinhoso que pôde, replicou:

— Desculpe-me, Maria; ignorava que fôsem suas; ao demais, fiz fogo sem saber em que atirava: sinto muito.

— Ainda pior, meu amigo. Eu não me achava muito distante dessa pobre ovelha; veja, por aí, quão

fácilmente a sua irreflexão houvera podido deixar-me no estado em que se encontra esse mísero ser, a expirar! Sirva-lhe isto de lição, para que doutra feita seja mais precavido e não se terá perdido grande coisa. Pelo que me toca, não lhe dê o caso cuidado, nem desgosto. Perda mínima é essa, em comparação do que estamos arriscados a perder de um momento para outro. Assim, se não lhe causa incômodo, faça que essa ovelha seja vendida no mercado, revertendo para os pobres o produto da venda.

— Para os pobres! De modo que não lhe faz falta o que ela der? Julgava-a tão pobre como o que mais o seja.

' \*r~ Essa dedução, meu amigo, é tão precipitada, como o tiro que causou a vítima ali estendida.

— Pistolas! — disse de si para o couteiro. — É forte a mostarda.

Vendo que Maria não o recriminava • severamente, conforme temera, rejubilou-se intimamente, crente de que a morte da ovelha pouco interessara à moça. Como quer que fôsse, porém, conservou-se perplexo, sem se decidir a entabular a conversação que de muito desejava, receoso da ironia que campeava nas respostas da barqueira.

— Prometo-lhe, Maria, levar ao mercado esta ovelha, vendê-la, conforme deseja, e trazer-lhe a importância que apurar, a fim de que a distribua como entender.

— Seja como diz, pois já vejo que não quer desempenhar a incumbência tal qual lh'a dei, a fim de que implicitamente cumprisse a penitência do seu desatino. Mas, não faz mal. Uma vez que se escusa de distribuir pessoalmente as esmolas, fá-lo-ei em seu nome.

— Será beata? — perguntou Gregório a si mesmo. — Ora vamos!... Não pode ser, do contrário o cura não se queixaria de nunca a ver na igreja, nem por feiticeira a teriam todas as mexeriqueiras da povoação. E acrescentou em voz alta:

— Estou disposto, Maria, a ser seu amigo e farei tudo o que lhe pareça justo. Não creia, portanto, que me furte a distribuir as esmolas, desde que isso lhe agrada. Ainda mais: uma vez que este ato servirá para expungir-me da minha falta, prometo-lhe praticá-lo religiosamente.

— Muito bem, senhor couteiro; já vejo que posso contar com um amigo; a docilidade que mostra neste instante me garante que continuará sempre dócil.

— Pode crê-lo, Maria, e agora mais do que nunca, pois noto que não é rancorosa e me dá ensejo de lhe ser franco e leal, como se fora seu próprio pai. Que havemos de fazer? Levaremos a ovelha para a barca, ou a deixaremos aqui, até que eu vá ao povoado?

— Como melhor lhe pareça. Todavia, se quiser ir na barca e permitir que eu aqui fique, poderá servir-se dela, fazendo-me um favor.

— Não tenho necessidade de ir; propu-lo, para o caso de que lhe conviesse; agora, se tem o que fazer aqui e eu o estorvo, retirar-me-ei.

— De maneira alguma me estorva. Apenas, como neste lugar certamente nenhum atrativo encontra, ao passo que para mim é ele o santuário onde oro, não o quis deter.

— Uma vez que a minha presença não a incomoda e a ocasião se me oferece de passar alguns instantes com a filha do meu antecessor, permita permanença em sua companhia e assim iremos estreitando a nossa amizade.

— Com muito prazer, senhor couteiro, e tanto que lhe peço tenha a bondade de acompanhar-me, para nos sentarmos à pçrtá daquela choupana.

Depois de se haver acomodado perfeitamente bem no assento rústico que a barqueira lhe oferecia, disse o couteiro:

— Antes de tudo, Maria, bem vê que a minha idade é quase o dobro da sua. Não me parece justo, portanto, que, tendo os anos que conto, ainda esteja com cerimônias. Uma vez que somos amigos leais e francos, acho que podemos tratar-nos como se fôramos pai e filha. Não concorda?

— Se o faz por afetação, não me seria agradável; se, ao contrário, esse desejo lhe nasceu espontâneamente, não o quero contrariar: cedo ao seu intuito.

— Obrigado, Maria! — disse o couteiro, pensando de si para si: — vamos ver se deste modo abro a porta da franqueza.

E logo, em voz alta:

— Que diabo vens fazer aqui?

— Venho ver meu pai e falar-lhe.

. — Ver teu pai, e... falar-lhe! Na imaginação, não é? figurando-te que assim acontece enquanto rezas.

— Não me surpreende o teu assombro, nem a tua opinião difere da de todos no povoado. É natural! Pelo que, também, como eles, me consideras dada a práticas de feitiçaria?

— Em verdade, não há negar que no povoado não se fala de outra coisa senão das tuas esmolas, pois não compreendem como possas fazê-las, carecendo de meios. Surpreendem as curas que efetuas sem seres doutora e comentam-se as tuas conversas com os próprios demônios. Eu, porém, nunca acreditei em semelhante coisa. Agora, desde que tu, séria e formalmente, me afirmas que falas com teu pai, acabarás por fazer-me partilhar da opinião dos demais.

-Maria sorriu e, por única réplica, dirigiu ao céu o olhar, ao mesmo tempo que dizia ao couteiro:

— Meu amigo, as coisas mais simples são as que menos se compreendem. Assim foi sempre. Se não estás em boa disposição para comigo, inútil será passarmos adiante; mas, quer me creias feiticeira, ou não, fica sabendo que o que te disse é uma verdade.

— Francamente, Maria, queres que te diga o juízo que formei?

— Certo, pois desse modo melhor nos entenderemos.

— Então, ouve: quando percebi os rumores do povoado, disse comigo mesmo: Meu antecéssor foi um homem bastante econômico; o bosque dá para todos e o que ele destinava a gozar depois que saísse deste retiro fêz a má sorte que houvesse de abandonar às tuas inocentes mãos; essas economias tu as vais repartindo, por não saberes o que fazer delas. Isto, junto à circunstância de que as mulheres são como os gatos, que se afeiçoam ao lugar onde habitam, fêz que essa gente grosseira imaginasse o que não és. E logo, porque um remédio de pastor, de ti conhecido e aplicado, teve por efeito a cura de umas terçãs, ou porque uma vasilha d'água, dada por graciosa menina, livrou da icterícia a um mancebo, tudo reunido pareceu extraordinário e te consideram a maga destes sítios. A esse juízo, acrescento de minha parte que és uma pequena a quem Deus agraciou com uma fanga de talento, enquanto que a nós outros apenas uma razão deu. Ai tens exposta a minha opinião a teu respeito: dirás se estou equivocado.

— Pode ser.

— Diabos! que respostas as tuas! Isso e nada dizer é a mesma coisa. Pergunto-te se estou equivocado.

— E eu respondo que pode ser — repetiu Maria.

— Daí não sairemos?

Gregório, posso afirmar-te que, transcorrido pouco tempo depois da morte de meu pai, tomei a vê-lo e a conversar com ele diàriamente. Não crês?... Pois não creias; entretanto, isso é tão certo, como que estávamos, ele e eu, ocupando-nos de ti, quando disparaste a escopeta sobre o inocente animal.

Gregório pôs-se a rir e, mudando de posição, perguntou, em tom irônico:

— Deveras? E que dizíeis?

— Que dizíamos? Eu, naquele momento, escutava. ' ' '

— Dá no mesmo. Que dizia o teu bom pai a meu respeito?

— Vou ser franca e o serei, porque com isso pratico uma obra de caridade. A docilidade que me tens demonstrado e a amizade que me oferecete fazem que eu não vacile em te dar um conselho.

— Vamos, vamos, estou esperando — interrompeu zombeteiramente o couteiro.

— Esse Gregório, dizia meu pai, é ganancioso; seus cálculos ultrapassam os limites do razoável



e no intento lhe está tornar-te cúmplice de seus propósitos.

— Diabo! — disse o couteiro, levantando-se estupefacto. Passado um instante, mais calmo — acrescentou:

— Ora, menina, isso é uma suposição tua, que me ofende e esse conselho não mo debes dar, porque não é real o que o motiva.

— Mentira ou verdade, aprecia-o como queiras; meu dever é dizer-to. Ouve: disporás de mim,

sempre que me procures com intenções leais; jamais de moto próprio revelarei tuas faltas; porém, se alguma vez me interpelarem, não as calarei, em sendo graves.

— Maria, sabes que me estás ofendendo? — retorquiu confuso o couteiro e sem conseguir acalmar-se. — Sou um homem honrado e, francamente, não se cimenta a amizade, apelando para a fantasia.

— Fantasia! Serás tu quem a ela recorras. Prova evidente de que não é verdade queiras ser meu amigo é que, sem te haver eu causado dano algum, pretendeste que me afastassem deste sítio e ontem à noite mesmo recebeste resposta negativa à tua pretensão.

— Jesus, Maria, José!

— Que é que te passa pela mente?

— Voz do povo, voz do céu!

— Acalma-te, Gregório; já disse que não te quero mal; desejo, ao contrário, que sejas meu amigo.

— Amigo eu, de uma feiticeira!

— Feiticeira! Assim me chamas porque descobri tua falta e não a queres confessar? Sou eu por acaso quem te há-de condenar? Acalma-te, digo, e reflete. Quem te fala deste modo, com tanta espontaneidade, com tanta franqueza e interesse, não pretende ser tua inimiga.

— Maria, confesso que a minha fraqueza pôde induzir-me a querer que daqui te afastassem. Rogo-te neste instante que me perdoes. Eu não te conhecia e, não estando ligado a ti por nenhum vínculo, só cuidei dos meus interesses. Agora que te fui franco, como nunca o fui, dize-me, de igual modo, se és ou não feiticeira.

— Acreditas na existência de feiticeiros?

— Não; mas, ouvindo-te, afirmá-lo-ia.

— Gregório, se continuarea dócil; se, de hoje em diante, tua amizade for sincera, teremos ocasião de falar deste assunto, para teu bem. Por agora, basta saibas que sou tua amiga; ainda mais: que sou tua irmã... Vejo vir gente pela estrada; vou para a barca; de outra vez que venhas, falaremos, se estiveres mais calmo. Suspende, entretanto, teu juízo e faze as esmolas de que te encarreguei. Retiro-me, que lá me chama a obrigação.

Confuso e aturdido, o couteiro, pouco depois de a jovem haver desaparecido, apanhou a ovelha que matara, colocou-a ao ombro e se pôs a caminho da povoação, dizendo:

— Deus me assista! Esta mulher é o diabo!

### 3 UMA VISITA INESPERADA

Com o correr do tempo, entre Maria e Gregório se estreitaram as relações, no que concerne aos atos da vida material e legítimos, havendo os dois realizado uma aliança de mútua proteção: Maria, para ter um amigo e defensor em incidentes inesperados; Gregório, para ter quem cuidasse dos trabalhos domésticos, pois, como se sabe, só estando, ambos precisavam ajudar-se reciprocamente, o que, todavia, não obstava a que o couteiro, sem abrir mão de seus intentos cúpidos, procedesse reservadamente, ocultando de Maria seus manejos e cálculos, embora fosse ela a sua conselheira.

Para que ao público passasse despercebida a exploração fraudulenta do bosque, Gregório se havia instalado numa das casas do Moinho, que acabara de construir-se para melhoramento da propriedade. Muitas vezes instara com sua amiga para que fosse habitar no Moinho; ela, porém, jamais anuiu, não tanto pelo receio de dar pasto aos falatórios do vulgo, como por não se separar do sítio onde jazia seu pai.

Os dois se viam às horas em que a moça preparava a comida de que ele partilhava.

Numa dessas ocasiões em que Gregório bateu à choça de Maria, levando um carcás cheio de caça, disse-lhe ela ao vê-lo:

— Bem provido chegas, Gregório.

— Não obstante, trago mais fome do que o meu cachorro.

— Está tudo pronto: não tens mais do que te sentares e satisfazeres ao apetite.

Gregório, depois de pendurar o carcás e o embornal e de encostar a um canto a espingarda, sentou-se, esfregando as mãos, enquanto que Prist se pôs a ladrar em torno do amo e de Maria, fazendo-lhe festas.

— Gregório — perguntou a moça, ao cabo de algum tempo — onde vais tão carregado?

— Se te referes à caça, vou levá-la à casa do senhor cura. Como já te anunciei, os patrões devem chegar hoje e quero oferecer-lhes este regalo.

— Chegam hoje e vão para a casa do senhor cura? Não me tinhas dito que iriam para o Moinho?

— E' exato; mas, como a senhora condessa vem doente, quer descansar no povoado, antes de subir para estas quebradas. Enquanto isso, dar-se-á a última demão no preparo das casas que eles vão ocupar, pois é preciso saibas que a senhora condessa não se hospeda assim como qualquer um.

— Bem o presumo. Uma senhora de tantos atavios!

— E sem dúvida — interrompeu Gregório — um favor me farias se, vencendo a tua repugnância, me viesses ajudar nestes últimos trabalhos. De passagem, verias como está aquilo; porque, em matéria de adornar gabinetes, não conheço quem me iguale. Poderás crer que nasci para tapeceiro?

— Sei lá!

— Com que então, vamos. Anues?

— De modo algum.

— Nesse caso, filha, muito obrigado. Não compreendo, nem se explica, tua oposição a ir ao Moinho.

— Entretanto, é muito simples: conforme acabas de dizer, aquilo é muito bom e lá se está muito bem.

— E\* verdade; mas não compreendo.

— Não entendes?

— Não compreendo que por ser bom o desprezes .

— Se considerasses que ao que é bom a gente se acostuma facilmente, concluirias que talvez o Moinho me fizesse esquecer a minha choça.

— Temor de perder isto por aquilo? Não haveria inconveniente em experimentá-lo.

— Tu, sim; mas, eu, não.

— Não te afadigues em mo demonstrar, creio-o; pois, quem recebe do pai essa arca e, depois de tanto tempo, sendo, ainda por cima, mulher, não sente o desejo de saber o que há dentro, por força tem embotado o sentimento.

— Vê como são as coisas: meus sentimentos não os podes tu apreciar; para isso, seria necessário que fosses da mesma condição que eu.

— Deus me livre!

— Não é o que digo?

— Como queres que me conforme com que minha pele se mude na casca em que a tua já se tornou?

Maria não pôde reprimir a hilaridade e soltou uma gargalhada, que levou Gregório a exclamar:

— Como te ris! Parece que acertei. Não é, pelo menos, uma casca a tua pele, uma vez que em toda a tua vida jamais sentiste uma dor de cabeça, que és insensível ao frio e ao calor, que nem trabalhos nem prazeres te fazem suspirar, que estás sempre tranquila e serena, disposta a afrontar todas as eventualidades? Só assim, só estando forrado como o sobro<sup>1</sup>, se pode ter a tranquilidade e a confiança que noto em ti.

— Tão rude é então o meu exterior?

— Porque digo que é casca? Não, filha; é uma casca tão fina, que o própria seda lhe inveja a maciez.

— Como está gentil o senhor couteiro!

— Perdoe, senhora barqueira; é justiça...

— Muito obrigada.

Com estas palavras, deu Maria por terminada a conversação.

Assim o compreendeu o couteiro, que se dispôs a partir, murmurando de si para consigo:

— Parece que se enfadou; estas mulheres consentem em ser feiticeiras, porém feias nunca; tirar- -lhe-ei o mau humor quando aqui voltar.

E acrescentou em voz alta, depois de haver retomado seus utensílios de caça:

— Eia, menina, até à volta; Deus te guarde.

— Adeus.

Gregório, para encurtar caminho, tomou por um atalho só dele conhecido. Ao chegar ao povoado, encontrou-se com toda a tralha de viagem da Condessa.

Dirigiu-se então à casa paroquial; subiu as escadas muito ligeiro e embarafustou pela sala do cura, a quem foi achar absorvido na leitura do seu breviário.

A voz do couteiro arrancou à sua meditação o pároco.

— Deus o guarde, Padre.

O cura ergueu a cabeça e, olhando por cima dos óculos, respondeu:

— Oh! lá, Gregório; certamente já sabes da chegada da senhora Condessa.

— Presumi que houvesse chegado, vendo os carros que conduziram a equipagem. Como está a Senhora?

— Muito mal, meu filho! Apenas chegou ao quarto que lhe tínhamos preparado, pensei que me fôsse cair nos braços. Deus se compadeça dela, pois a pobre senhora sofre muito, muitíssimo, Gregório.

— Que lástima! Confesso-lhe, Padre, que a morte da Senhora (Deus tal não pennita) seria para mim a perda de um tesouro... Mas, que tem ela?

— Nenhum médico o sabe. Julguei que o senhor Conde, embora ocultando-o à sua boa mãe, não ignorasse qual a moléstia. Entretanto, assim não é.

— E o senhor Conde, como está?

— Podes imaginar: conquanto bem de saúde, muito aflito com a doença de sua mãe.

— Sempre galhardo moço, não é verdade? Poderei vê-los, senhor cura?

— Sim, meu filho: somente o que há é que tens de esperar até que saibas se te recebem, pois me disseram que queriam descansar um pouco. Mas já é hora, a meu ver, de tomarem algum alimento.

— Se estão dormindo, Padre, não os desperte.

O senhor Conde se incomoda com qualquer coisa e muito longe estou de querer causar-lhe aborrecimento.

— Não, não, já são horas — disse o cura, encaminhando-se para os aposentos interiores.

<sup>1</sup> (\*) Espécie de carvalho, cuja madeira é muito dura, tendo, porém, a casca grossa, porosa, leve e impermeável à água, casca a que vulgarmente se chama cortiça.

Gregório colocou os apetrechos de caça, com o çap.éu, a um canto da sala e se pôs a sacudir o pó da roupa com um lenço, a fim de estar bem, se os senhores se dignassem de recebê-lo.

Dali a pouco, apareceu o cura, dizendo-lhe:

— Podes entrar.

Gregório, compassadamente, transpôs o limiar da porta, inclinou-se profundamente e ficou esperando ouvir a voz de seus amos.

Estava a Condessa reclinada, entre amplos almofadões, num sofá e, ao lado, apoiado nos almofadões, o jovem Conde metido num roupão, com cujos cordões brincava.

— Entre, Gregório — disse o Conde, depois de tê-lo observado por alguns instantes.

O couteiro avançou até a uma distância respeitosa e se conservou perfilado como um recruta.

— Deus vos guarde, Senhor — disse ele e, dirigindo o olhar para a Condessa — acrescentou:

— Sinto muito, Senhora, ver-vos em tal estado.

— Obrigada — respondeu a Condessa. — Sinto-me muito mal, Gregório.

— Creio, porém, que a Senhora, com estes ares e estas águas, muito diferentes das da corte, conseguirá seu completo restabelecimento.

— Ah! Deus o queira, Gregório! — retrucou a dama, suspirando e enxugando uma lágrima, indicio da sua desesperança.

— Não duvideis, tenho a certeza disso e, embora a minha pobre opinião nada valha, não esqueçais, Senhora, que assim vo-lo asseguro neste momento.

— Bom profeta estás! — disse o Conde, metendo-se na conversa.

— Obrigado, Senhor — respondeu Gregório, fingindo um sorriso.

— Em que baseias a tua certeza? Em que consiste ela? Fica certo de que, se assim acontecer, te farei mordomo da casa.

— Obrigado, Senhor Conde — replicou Gregório. Com tanta satisfação e tanta convicção vo-lo digo, que desde este momento me considero mordomo, ainda que sem função.

— Agradeço, Gregório, teus bons desejos — disse a Condessa, em cujo rosto brilhou um raio de esperança.

— Sim, Senhora, se para vossa cura houvesse de contribuir apenas o meu desejo, pouco poderia prometer-me a mim mesmo, em vosso benefício; conto, porém, ao demais, com outro auxílio de grande importância e por isso é que repito que desde este momento me considero mordomo da casa.

— Que auxílio é esse?

— Se a Senhora Condessa me permitir que deixe para ocasião mais oportuna a satisfação do seu desejo, guardarei silêncio; se, porém, tiver grande empenho...

— Como é isto? Como te atreves — interrompeu o Conde — a guardar silêncio, faltando ao respeito e à consideração que deves a teus amos?

— Não é isso, Xavier — observou a Condessa, acalmando a irritação do filho. — Estou certa de que Gregório o que disse não foi com o intuito que atribuíste às suas palavras.

— Senhor Conde., /u

— Silêncio! Falo com minha mãe.

— Escuta-o, Xavier.

— Fala, vamos a ver.

— E' verdade, Senhor Conde, que me exprimi estupidamente. Ao dizer que a ocasião não era propícia, quis apenas expressar o meu desejo de apresentar à Senhora e ao Senhor Conde, se mo permitissem, o auxilio com que conto para a cura da Senhora Condessa.

— Ah! — exclamou o pároco, que, de pé à esquerda da Condessa, escutava o diálogo. — Se mo consentem, direi o que entendo acerca do auxilio a que alude o couteiro.

— Fale, Senhor cura — disse o Conde.

— Vejo com pesar — prosseguiu o pároco, dirigindo-se a Gregório — que não alcançarás a tua

mordomia.

Um suspiro da Condessa advertiu o cura da sua discricção.

— Porque, Senhor cura?

— Porque tu te referes à feiticeira e todos já sabemos que as suas pretensas curas não passam de balelas do vulgo.

— Vá, vá, vá! — murmurou o Conde. — Eu já pressentia que este avestruz havia de nos importunar com uma das suas habituais sandices.

— Xavier, Senhor cura, é necessário dispensar alguma atenção a esses seres que, se bem faltos de instrução, alimentam desejos puros. Antigo servidor da casa, este me tem grande estima.

— E' verdade, Senhora. Apesar dos desgostos que causei neste instante ao Senhor cura e embora provoque a cólera do Senhor Conde, apesar de tudo, Senhora Condessa, eu vos asseguro, confiante na palavra do Senhor Conde, que serei mordomo de vossa casa.

— Jesus! Jesus! Jesus! — exclamou o cura, persignando-se.

O coração da Condessa bateu com mais força, por alguns segundos. O Conde, levantando-se com um gesto desdenhoso, indicou a porta ao couteiro, dizendo-lhe:

— E' verdade que não faltarei à minha promessa; mas, também o é que, se te saíres mal, deves 'considerar-te despedido da casa. Podes retirar-te.

Gregório, mordendo os lábios, se inclinou ante os senhores e, caminhando quase obliquamente, para não lhes dar as costas, deixou o aposento.

No gabinete do cura, esperou um pouco por este, a fim de entregar-lhe, à saída, o presente que trouxera para os Condes. No entanto, deduzindo pelos rumores que lhe chegavam aos ouvidos e entre os quais distinguia a voz do pároco, que este ainda se demoraria, deixou o presente, enterrou o chapéu na cabeça e, assobiando para chamar o seu cão, saiu da casa em direção ao bosque.

## 4 A ESPERANÇA DA CONDESSA

Alguna coisa há no coração humano, alguma fibra sensível por excelência, que vibra em unísono com a palavra de outrem, quando esta logra penetrar nele e tocá-lo nos seus recônditos mais profundos.

Assim, perfeitamente se pode explicar a sensação que a Condessa experimentou ao ouvir as últimas palavras do couteiro. Abatida pela sua enfermidade e desejosa de que se ausentasse a importuna testemunha que contradissera ao que tanto bem lhe fazia naquele momento, ela se abismou em reflexões, buscando nestas o consolo que a imaginação simula com as suas divagações.

Apesar, porém, de seu silêncio e da sua abstracção, ouvia aborrecida o diálogo que se travara entre seu filho e o cura.

— Esse homem, dizia o segundo, está certamente enfeitado. Digo assim, caso se admita como verdade o que afirma o povo; porque, de minha parte, creio que tudo isso são patranhas.

— Ora, vejamos, senhor cura; de que patranhas e de que feitiço falais? — inquiriu o Conde.

— Disso.

— Mas, disso quê? — tornou a perguntar, impaciente, Xavier.

Nos bosques de vossa propriedade, há uma extravagante rapariga, doutora rústica, que me tem transtornado a população. Meus paroquianos, desde que essa louca (não posso chamar-lhe outra coisa) se meteu a fazer curas e a dar conselhos, parece que estão tolos por ela. Mas, a falar verdade, não vejo porque, pois nem sei que haja curado alguém, nem que seus conselhos tenham produzido benefício algum. O caso, entretanto, é que já não vêm, como dantes, ouvir os meus sermões.

— E já vistes alguma vez essa bruxa? — perguntou Xavier.

— Sim, senhor; quando lhe morreu o pai, fui aconselhá-la a que se mudasse para o povoado, porquanto não me parecia bem que uma jovem continuasse no insulamento em que a sua desgraça a

deixara, ainda mais quando isso poderia dar que falar.

— E que impressão lhe causou a tal jovem?

— Que impressão me havia de causar? A de uma tagarela deixada de mão por Deus, com umas ideias... próprias da sua ignorância e da escassa educação que pôde receber de seu pobre pai.

— Quem era seu pai?

— O vosso anterior couteiro.

A Condessa se ergueu de súbito e tanto seu filho como o cura julgaram notar na fisionomia da nobre dama uma agravação do seu mal estar.

— Que é isso, mamãe? — perguntou com interesse o mancebo.

— Quereis alguma coisa, senhora? — inquiriu o cura.

— Nada, não é nada — respondeu a Condessa, em agitação extrema. — Vou mudar de posição.

E se recostou do outro lado do sofá.

Ao cabo de uma pausa, o pároco pôs-se de novo a falar:

— Então, como dizia, depois de conversar com ela bastante tempo, interessando-me pelo seu bem-estar, respondeu-me: "Muito obrigada, senhor cura; estou aqui magnificamente e, por enquanto, não necessito em absoluto de nada. Já que meu pobre pai, por haver morrido sem confissão, foi enterrado neste lugar, toca-me a mim guardar-lhe os restos. Se é por motivo de auxílios espirituais que me convida a abandonar este sítio, Deus, que é onipotente e cuja bondade atinge a todos, não me deixará sem os que eu mereça. Assim, pois, repito- -Ihe, senhor cura, que sinto muito se tenha dado o incômodo de vir até aqui por minha causa e agradeço os seus bons e desinteressados desejos.

— Coisa rara! E a essa rapariga não lhe dá medo o achar-se só e exposta a ataques de todo gênero?

— Expliquei-lhe os riscos que corre em sua soledade; ela, porém, com todo o desagrado resultante da sua má educação, me replicou que tem confiança em si mesma, desde que lhe não falte o amparo divino. Ora veja o senhor Conde; como se o amparo divino aproveitasse aos feiticeiros, quando é certo que ninguém, fora da nossa Igreja, se pode salvar!

O Conde, sem dar atenção às observações do cura, continuou:

E que idade tem essa rapariga?

— Ao certo não posso dizer, porque não encontrei seus assentamentos nos livros de batismo da minha paróquia. Escrevi a alguns colegas desta comarca, porém nenhum me soube dizer coisa alguma.

— Bem; mas, aproximadamente...

— Creio que também me equivocaria, porque é uma rapariga extraordinariamente desenvolvida, física e intelectualmente, desenvolvimento esse que não corresponde à idade que o público lhe atribui.

— Bem; e que idade lhe dá o público? fcái— Dizem que terá uns quinze anos;<sup>11</sup> mas, o quê!... não pode ser.

— E o pai era natural desta região?

— Não, senhor; era forasteiro. Mandou-o para cá, pouco antes de morrer, o senhor Conde, a quem Deus haja, vosso bom pai.

— Não me lembro como se chamava.

— E dificilmente haverá quem vô-lo diga, porquanto aqui o conhecíamos por — o couteiro e o barqueiro de Bolinches.

— Lembras-te tu? — perguntou o jovem Conde dirigindo-se à sua mãe. — Silêncio! adormeceu — acrescentou. Deixemo-la descansar.

— Ah! não, senhor Conde! É tarde e ela, não deve passar muito tempo sem tomar alimento. Convém despertá-la.

— Tendes razão — disse o jovem, tocando de leve no ombro de sua mãe e chamando-a em voz baixa, carinhosamente.

A Condessa soltou prolongado suspiro e despertou.

E> & são horas de tomares algum alimento — disse-lhe o filho.

— Vamos, senhora — ajuntou o pároco: — é preciso ajudar a vida.

— Está bem, está bem — disse a nobre senhora, procurando levantar-se.

Xavier passou-lhe o braço direito pela cintura e ela, apoiando-se ao ombro do mancebo, se encaminhou para a sala de jantar.

Um pouco mais animada do que durante a viagem, efeito que atribuiu aos ares puros do país, e sentindo-se com forças para prosseguir a jornada, deu ordens para a partida no dia seguinte, rumo ao Moinho de Bolinches.

## 5 HÁ VERDADES QUE AMARGAM

Três dias haviam, transcorrido da instalação dos Condes no Moinho. A condessa, ansiosa por experimentar o recurso que o couteiro indicara e que lhe reanimara o coração com uma ligeira esperança, cuja razão de ser, entretanto, não pudera perceber, mandou chamar Gregório e lhe deu ordem de que no dia seguinte, à hora em que o filho visitava a propriedade, lhe apresentasse a ela a barqueira.

Para cumprir essa determinação, Gregório, logo ao romper do dia, se encaminhou para a choça de Maria.

— Deus te guarde, Maria — disse-lhe ao vê-la, tomado de uma emoção que em vão tentava reprimir.

— Que é isto? Tão cedo por estes sítios?

— Ai, menina! Chegou a hora: venho da parte da Condessa, para que vãs comigo, agora mesmo, ao Moinho.

— O homem propõe e Deus dispõe...

— Que queres dizer? — perguntou Gregório, surpreendido.

— Que, não me sendo possível ir neste momento, forçoso é que a Condessa espere outra ocasião mais oportuna<sup>1</sup>!

— Estás louca, Maria? — exclamou o couteiro, estupefacto. — Que a Condessa espere!... Ora, ora, vamos.

— Devagar; meus serviços, mais do que da Condessa, são do público e não posso abandonar este posto sem que haja quem me substitua.

— Estás certa do que dizes?

— Certíssima!...

— Não pensaste bem. A Condessa está antes de tudo.

— Pois, embora assim não o pense, ela é igual a todos e mais fácil será que espere alguns instantes do que o infeliz que passe neste caminho, ansioso por chegar a casa, levando talvez o pão para a família.

' — Isto agora está muito bom! E que resposta darei à Condessa? disse Gregório, cruzando os braços diante de Maria.

— Muito simples: não tens mais do que chegar ao Moinho e expor à senhora o que acabo de dizer. Se ela não dispuser de alguém que me substitua, terá a bondade de dar-se o incômodo de vir até aqui.

— Quê?! Dizer eu issp? Estás doida! — bradou o couteiro, exasperando-se e dando no chão uma pancada com a culatra da sua carabina. — Maria, resolveste perder-me?

— Corre ao Moinho, crê-me, e repete à senhora Condessa a resposta que te dei.

— Serás causa da minha desesperação!

— Não percas tempo; sabes que a Condessa precisa receber-me antes que o Conde regresse.

— Co'a breca, é verdade! Isso me anima — disse de súbito o couteiro, ao ouvir as últimas frases

da jovem, compreendendo que ninguém, a não ser o Espírito de seu pai, conforme ela dizia, lhe pudera ter revelado o encargo que lhe dera a ele a fidalga.

E, mais veloz do que o seu lebreu, largou-se pelo campo afora.

Ao cabo de meia hora estava de volta com um criado da casa, para substituir a barqueira em suas funções.

— Em boa hora venha. Vês, Gregório, como tudo se arranja?

— Sem dúvida, Maria. Mas, ouve lá. Tu vais curar a senhora, sem que ninguém o saiba, pois é bem de ver que ao senhor Conde muito aborreceriam os teus feitiços.

— Quanto a isso, veremos; será o que tenha de ser.

— Como o que tenha de ser? Porventura pretendes impor condições à Condessa?

— Seria fácil; porém, tal coisa não se coaduna com o meu carácter, nem com a minha missão.

— Suponho que terás falado com teu pai e que lhe terás pedido a receita. Enfim, já sabes que estarei despedido do meu cargo, desde que a senhora Condessa perca a esperança de curar-se.

— Tudo pode ser . ^Q! ;

— Que é que pode ser? Numa ocasião destas é que desconfias do teu poder? Estaria muito bem que te pusesses a zombar de mim no momento da prova! Eia! não pode ser. Hás-de curar a Condessa. Já te referi o que se passou na presença do senhor Cura... Ora, não faltava mais nada, senão que esse gralho faminto se cevasse nos nossos cadáveres!... Porque eu, Maria... faço um disparate.

— Bem vejo.

— Que vês?

— Os disparates de que falas.

— Onde? Quais são? Gostas de me trazer sobressaltado !

— Pois, que mais disparates queres, além dos que estás aí alinhavando! Olá, eis que aí vem o substituto.

E, dirigindo-se ao criado que acabava de chegar, disse-lhe:

— Creio, bom amigo, que sabe ao que vem?

— Que dúvida, zagaia! — respondeu o homem, com pronunciado sotaque andaluz.

— E também que sabe manejar este veículo.

— Que diz? — perguntou, voltando-se para Gregório, mas olhando Maria com curiosa admiração .

— Pergunta se sabes manejar esta barquinha.

— Ah! sim; não tenha cuidado, morena; o mais que pode acontecer é irmos os dois corrente abaixo:

— Não chegará a tanto — replicou Maria, sustendo o riso. — Vai, até à volta — acrescentou despedindo-se.

— Vá com Deus, candilzinho de minha alma.

Enquanto Gregório e Maria se preparavam, na choça, para partir, o filho do Guadalquivir, entoava, colhendo os remos:

*A uma adelfa te assemelhas Na formosura e na seiva;*

*Aos olhares sedutora,*

*Ao sabor, porém, amarga.*

Durante o trajeto, Gregório outra coisa não fêz senão atenazar a moça com perguntas e observações. Acabou ela por tomar a resolução de não lhe responder.

Pouco tempo levaram para se verem na residência da Condessa.

— Espera — disse Gregório, em chegando. — Vou comunicar à Condessa que esperas suas ordens. Maria sentou-se na ante-sala e o coiteiro enfiou pelo interior da casa.

Não tardou a aparecer de novo e, ao tomar da mão de Maria, pôs-se a apertá-la convulsivamente, enquanto lhe dizia ao ouvido:

— Vamos, está só e te espera com ansiedade.



— Então, vamos — disse Maria.

Passaram a um salão quadrilongo, perfeitamente mobilado segundo o estilo da época.

Defronte de um espelho, estava a Condessa, reclinada num divã. Do lado dos pés, mandara colocar uma poltrona destinada a Maria.

Ao entrar esta, disse-lhe a fidalga:

— Senta-te aqui.

— Bons dias, senhora — disse Maria, ao sentar-se na poltrona que lhe designara a Condessa. — Sinto muito vê-la em tão máu estado; mas, com a ajuda de Deus, devemos esperar que lhe melhore a saúde.

A palavra Deus, nos lábios de Maria, causou certa estranheza à Condessa, visto que, de acordo com o juízo que fazia da jovem, não esperava que esta invocasse aquele que tudo pode.

— Assim o crês?

— Senhora, tudo devemos esperar do Ser Onipotente, pois, quando de boa fé nos dirigimos a Ele, quase sempre se cumpre aquela frase do Evangelho: *Pedi e se vos dará.*

— De maneira que toda a tua ciência se funda na vontade de Deus?

— Oh! sim, senhora; porquanto, divorciados dela, nada podemos.

A Condessa, se bem nada tivesse de ateia, começou a perder um pouco da sua confiança.

— Como te chamas?

— Maria, senhora.

— Pois bem, Maria, tenho consultado e ouvido os mais famosos médicos do nosso país e muitos do estrangeiro e nenhum pôde até agora dizer qual a enfermidade de que sofro. Ao chamar-te, julgando fôsses uma dessas raridades que existem no mundo, filhas da natureza, fi-lo crente de que possuías algum específico aplicável a tudo e, conquanto pouca seja a minha fé num resultado favorável, tal é o meu desespero, que estou disposta a cometer qualquer disparate, decidida a entregar-me a ti.

— Antes de responder, se a senhora não vir inconveniente em que fiquemos a sós por alguns momentos, Gregório poderia dispensar que lhe pedíssemos. ..

— Vai-te, Gregório — interrompeu a Condessa.

O couteiro se retirou e Maria, com mais confiança, disse à fidalga:

— Senhora, antes de tudo, não sou nenhum produto raro da natureza; se acreditou que o era, equivocou-se; se assim lho disseram, enganaram-na. Em segundo lugar, é necessário que tenha mais fé, não em qualquer específico, mas na misericórdia de Deus que, como Pai bondoso, está sempre pronto a satisfazer aos justos desejos de seus filhos. Em terceiro lugar, a senhora Condessa deve pensar muito no que faz, pois desde já protesto contra o entregar-se disparatadamente à minha boa vontade e aos meus rústicos serviços.

A Condessa mordeu os lábios, compreendendo que sob aquele traço de estamena pulsava um coração mais forte do que o seu. Só assim se explica que titubeasse ao responder:

— Maria, não foi meu intento ferir-te a suscetibilidade; quis explicar-te o meu estado de aflição e desespero. Assim é que, para to provar, espero ouvir tua opinião acerca do meu mal.

— Está muito bem, senhora, mas, primeiramente, ainda é preciso que me considere interessada...

— Ah! sim, entendo! Dar-te-ei quanto peças, quanto queiras.

Enquanto isto dizia a Condessa, Maria lhe lançava um olhar de compaixão, de verdadeiro sentimento. Depois, acrescentou:

— Senhora, espere, não precipite seu juízo, porquanto, embora eu exija meus honorários, estes não são os que a senhora Condessa julga. Nenhuma recompensa quero que não resulte em benefício geral, visto que não sou egoísta e ficarei satisfeita com que a senhora Condessa se resolva; primeiro, a não duvidar da bondade de Deus; segundo, a não me olhar com prevenção, por isso que esta mais danosa lhe será, do que me ofende a mim; terceiro, que consagre alguns instantes da noite a concen-

trar-se e a pedir ao Eterno que alivie as angústias de todos aqueles que por causa da Condessa sofrem.

— Bem pouco me pedes; entretanto, é muito, porque hei tolerado as frases da tua terceira condição.

Maria sorriu e, com a mais completa calma, replicou:

— Já a senhora há visto que, para não lhe criar embaraço ao rubor, Gregório saiu deste aposento.

— Maria! Costumas operar tuas curas insultando?

— Senhora Condessa, não é essa a minha intenção, tanto mais quando penso em curá-la; mas, para isso, são necessárias as três condições que formulei, uma vez que nelas se radica a ação dos meus medicamentos. Se à senhora não convém, peço-lhe perdão do que a tenha ofendido. Contudo, guarde bem presente que ao médico e ao confessor se diz a verdade. Inútil que eu exponha meu método curativo, por demais simples, desde que a senhora Condessa já deixa ver que lhe será refratária. O meu interesse em curá-la é mais vivo, o meu anelo mais forte, se se pode dizer assim, do que o interesse que a senhora tem em ficar boa.

Ante o silêncio que a Condessa guardou, Maria se ergueu e dispunha-se a fazer suas despedidas, quando a fidalga estendeu a mão, indicando-lhe que se sentasse. Depois de uma pausa e de um profundo suspiro, disse:

— Maria, tens razão; mas, é preciso moderes um pouco o modo natural de te expressares, que eu desde já te relevo, embora me ofendá muito, visto que nunca fui causa da desgraça de ninguém.

— Pede-me um impossível, senhora. Expresso-me com toda a espontaneidade própria da minha alma e, com os meus modos selvagens, como a senhora diria, creio que sempre ofendo aos que me cercam. A Senhora Condessa, que em tão grande contacto se acha com a sociedade em cujo seio sempre viveu, dentro desse núcleo formado de interesses e paixões em conflito, se atreve a afirmar que nunca ofendeu, ou que não afeta, mais ou menos, os que a rodeiam? Ah! senhora, prove-mo e cairei de joelhos aos seus pés, como faço todos os dias diante de meu pai.

— Maria, atribuis enorme gravidade aos pequenos incidentes da vida social, vida que não conhece .

— Enquanto a senhora Condessa não fôr franca e espontânea para comigo, que possuo o coração mais desinteressado que já pulsou pelo seu bem, nem mais um passo darei no caminho em que nos encontramos.

Estas frases, disse-as Maria com tal aprumo e firmeza, que a Condessa estremeceu ligeiramente.

— Maria, estás abusando do meu estado. Que te fiz eu, para que assim me ofendas e tão cruelmente me trates?

As lágrimas marejaram os olhos da Condessa e Maria caiu de joelhos no tapete que pisava.

— Senhora! senhora! pelo amor de Deus, não chore! Não chore o vosso orgulho, senhora! Veja as minhas lágrimas a provocarem as lágrimas do seu coração! Quão diversamente sentimos as duas! Se minha alma pudesse introduzir-se no seu corpo, fique certa de que o gozo das nossas duas almas causaria inveja ao mais feliz dos mortais.

— Não chores, acalma-te, que eu já o estou. Senta-te e escuta. Quem és tu, Maria?

— Oh! senhora! a barqueira de Bolinches.

— Não é isso... Que papel representas neste instante, para que, apesar do muito que me ofendes, eu me compraza em ver-te?

— Isto é outra coisa. Sou aqui, senhora, neste momento, a encarnação da verdade e do amor. Por isso é que, embora a moleste e me moleste também a mim ao mesmo tempo, ambas gozamos de ouvir-nos uma à outra.

— Porque te molestas, como dizes?

— Porque me dói vê-la e fazê-la sofrer.

- E que queres dizer com essa encarnação da verdade e do amor?
  - Que a verdade será pto médico que a curará e que o amor se sacrificará para curá-la.
  - Não entendo.
  - Eu tão-pouco posso ser mais explícita.
  - Assim, já não correspondeste à tua decantada franqueza e espontaneidade.
  - Por demais o sou, ao contrário, visto que por franca e espontânea estive exposta a ultrapassar os limites do meu dever.
  - Qual é o teu dever?
  - O cumprimento da minha missão.
  - E a tua inissão, quai é?
  - Curá-la.
- Quem te impõe essa missão?
- Deus.
  - E de que modo tens consciência de que essa é a sua origem, porquanto suponho que não falas com Deus.
  - Tens razão, senhora, não falo com Deus; entretanto, é Ele quem m'a impôs.
  - Como?
  - Ao infundir-me o sentimento do amor, como lho impôs, à senhora, do mesmo modo que a todos os seus filhos.
  - Não compreendo, Maria, o mistério das tuas palavras.
  - E' muito simples, senhora. Sature-se do dever, que nos corre a todos e que não cumprimos, e facilmente me compreenderá.
  - E' preciso — disse a Condessa — que os deveres a que aludes eu os desconheça, uma vez que julgo cumprir os meus, como todos os cumprem. Que dever é esse?
  - O mais simples, o mais fácil de cumprir-se. Amarmo-nos todos até ao extremo de sentirmos, primeiro, o mal que queiramos causar ao nosso irmão.
  - Maria, creio que amo os meus semelhantes, como a Igreja nos ensina. :
  - Ai está o erro, senhora: o crer que o cumpre, seguindo o exemplo que lhe dá a Igreja. Pique certa de que, se o cumprisse como o digo, nem a senhora se veria no estado que deploramos nem eu teria necessidade de a curar. Cumpra a senhora Condessa as minhas três condições, que não são mais do que um leal conselho, e começaremos a entender-nos.
  - Bem, Maria, estou decidida, assim o farei. A ti me entrego, mas a ninguém digas que me trata.
- Mariu sorriu e respondeu:
- Pode estar certa de que a ninguém o direi. — B, sempre a sorrir, acrescentou: — Sou, porém, tão zelosa da minha fama, que a minha quarta condição é que seja a senhora Condessa quem o diga a toda a gente.
  - Impossível!
  - Então, senhora, permita lhe peça de novo perdão dos incômodos que lhe tenho causado e me retire para cumprir o meu dever noutra parte.
  - Bs muito intransigente.
  - Senhora Condessa, zelo a sua saúde.
  - Mal se ajusta o teu zelo carinhoso, como dizes, com a tua vaidade e o teu orgulho.
  - E' exato que se ajustam mal, pois a minha vaidade e o meu orgulho não têm lugar aqui.
  - Assim o dizes, mas não o demonstras. Que tem que ver com a minha saúde o sacrifício que me impões? Ao contrário, dando-me este desgosto, mal me poderás curar. Se é certo que a minha enfermidade é nervosa, o obrigar-me a confessar uma fraqueza pode agravar o meu mal.
  - Eis aí de novo o erro. Quando se tenha convencido de que a sua enfermidade não se radica em seus nervos, mas sim na sua consciência, tudo lhe estqrá explicado.

— Isto não se pode suportar, Maria — disse a Condessa, fazendo menção de levantar-se.  
— Não se incomode, senhora; tranquilize-se; perdoe-me e o céu lhe mande todo o alívio que com fervor suplico. Não me queira mal, porque eu, senhora, que não conheço distâncias, a amo de todo coração. Deus a guarde.

A moça levantou-se para se ir embora, justamente no momento em que o Conde entrava no salão.

— Maria... — disse a Condessa, interrompendo-se, ao ver o filho.

O semblante, profundamente alterado, da Condessa alarmou o mancebo. Aproximou-se dela pressuroso, ao ver que mal podia ter-se em pé, e lhe perguntou rapidamente:

— Quem é essa mulher?

A Condessa não pôde responder e caiu desmaiada no sofá. Maria explicou:

— A barqueira, senhor Conde, que veio apresentar suas respeitosas homenagens a seus amos e se retirava neste momento.

— Mãe! mãe! Água! água! barqueira! — bradou o Conde a esta, ao ver sua mãe sem sentidos.

— Não há necessidade, senhor Conde — observou Maria.

— Água e depressa!

Maria, sem se mover, estendeu o braço direito para a Condessa e esta, voltando a si, deu um suspiro. Disse a jovem:

— Vê, senhor Conde?

— Água! — repetiu o Conde, contrariado.

Maria, diante da insistência dessa ordem, aproximou-se da campainha e a agitou com força, enquanto o Conde a olhava estupefato. Ouvindo a campainha, Gregório se apresentou no limiar da porta. Disse-lhe Maria:

— Água para o senhor Conde.

Gregório girou nos calcanhares para cumprir a ordem e o Conde perguntou a Maria, com vivos sinais de aborrecimento:

— Que fazes aqui?

— Esperava as ordens da Senhora Condessa, que mas ia dar, quando o senhor Conde entrou.

— Sim — interveio a Condessa — ia dizer-lhe que, quando esteja mais aliviada, passarei pelo seu retiro, pois tenho ouvido dizer que o traz adornado com muito gosto.

— Senhora, terei grande prazer em ver-vos na minha pobre choça, onde, se nada há digno de vós, pelo menos se abriga o coração mais carinhoso com que, como já tive ocasião de dizer, haveis topado, desde que entrastes no uso da razão.

— Atrevido é o oferecimento — disse o Conde, logo que Maria se calou.

— Senhor Conde, ainda que vos pareça estranho, é a verdade e o que acabo de exprimir à senhora Condessa também vos asseguro, embora peques por pouco amável. Terei grande prazer em vê-los juntos, aspirando os aromas das minhas flores silvestres. Bons dias. Coragem Senhora, e confiança em Deus!

Maria saiu da sala, deixando os Condes a se olharem mutuamente, sem dizerem palavra.

## 6 PREOCUPAÇÕES

Depois dessa cena, os três autores que a representaram tiveram que se absorver em reflexões, repassando na imaginação as sensações e efeitos experimentados.

Maria, durante o regresso à sua choça, não respondeu a nenhuma das perguntas de Gregório que, contrariado com o sucedido, começou a desesperar e a lançar acusações à moça, demonstrando desse modo a sua pouca fé e a desconfiança que já o assaltava. Assim, logo que a deixou na choupana, intemou-se pelo bosque, presa de insuportável humor.

Dé seu lado o Conde, apenas a barqueira se ausentara, assediou sua mãe de perguntas, a que ela

fugia de responder satisfatoriamente, aproveitou-se das últimas palavras da jovem.

Xavier, irritado com a atitude e o proceder desta, que lhe havia exacerbado o amor-próprio, não podia afastar da mente a figura de Maria.

A Condessa, num momento em que o filho deixou de estar a seu lado, pediu papel e escreveu convulsivamente estas linhas.

"Meu coração exausto necessita de consolo. O "senhor é o indicado para me prestar este auxilio, "ao mesmo tempo que para me trazer seus conselhos, a fim de avivar minhas esperanças. Assim, "quando mais fácil e natural lhe seja, faça o obsé- "quio de vir ter com esta boa amiga — *A Condessa*".

Concluído o bilhete, puxou o cordão da campainha e um criado se apresentou.

- Que ordena, senhora?
- Leva este papel ao senhor cura, a toda pressa.
- Está muito bem, senhora. Devo esperar resposta?
- Não, vai-te sem demora. Dize à camareira que quero deitar-me.
- A senhora se sente mal?
- Não estou muito bem.
- Quer que chame o médico?
- Nada mais quero; faze o que eu te disse.

O criado foi-se e dali a momentos a Condessa

repousava em seu leito, tendo ao lado o filho que lhe dizia:

— Forçosamente, mamãe, alguma coisa há-de ter havido com aquela rapariga, tão perturbada a vi e tão desfalecida te encontro. Empenhada, como estás, em o negar, vais fazer que eu assumo o compromisso de rebaixar a minha dignidade até ao extremo de lho ir perguntar a ela.

— Não, Xavier, não te engano. Esta manhã eu me sentia mal; não devia ter-me levantado. Mas, fiz um esforço, para me ir acostumando a respirar o ar puro, a fim de que o mais breve possível tenhamos o prazer de sair juntos a passeio.'

— Tudo isso são evasivas. Essa mulher, na sua grosseria, há-de ter-te dito alguma palavra inconveniente, que te irritou.

— Repito-te que não Xavier. Se tal se houvera dado, imaginas que eu não teria mandado expulsá-la de casa? Pelo contrário; ela impressiona muito bem, é amável, carinhosa e de uma inteligência fora do comum, levando-se em conta a esfera a que pertence.

— Assim também me pareceu, embora não lhe tenha falado, como tu; creio, porém, que é duvidosa a sua amabilidade, pois que nela notei suprema altivez.

— Engano teu; essa inteireza que se lhe aprecia no carácter é efeito da educação que deu a si mesma.

— Será o que quiseres; mas, o certo é que essa mulher me feriu o amor-próprio e, como o fêz comigo, pode também tê-lo feito contigo.

— Em que feriu ela o teu amor-próprio?

— E' verdade que não o notaste. Foi quando, para fazer que voltasses a ti do desmaio, lhe ordenei que depressa trouxesse água. Respondendo-me que não era preciso, tornei a lhe dar a ordem com mais autoridade e ela, em vez de obedecer, puxou o cordão da campainha e mandou que Gregório me atendesse. Como vês, este ato, num subordinado à minha casa, é subversivo e reclama correção.

— Talvez, Xavier, que ela, pelo atordoamento em que ficou, não reparasse no que fazia, porque, repito, é muito amável e não creio que seja tão altiva quanto supões.

— Todavia, será bom verificá-lo.

— Que pensas fazer?

— Dar-lhe uma lição, para que, doutra feita, seja mais comedida com seus amos.

— Não, Xavier; não me dêes esse desgosto. Acresce que não tens razão.

— Não tenho razão? Porquê?

- Porque Maria não pertence à nossa famulagem, nem depende, portanto, da nossa casa.
  - Não o entendo assim; mas, quando mesmo assim fora, a nenhum selvagem consinto em hospedar nos meus domínios.
  - Xavier, cada vez te vais exaltando mais. Tens um carácter... que, se não o modificares, te acarretará muitos dissabores na vida. Escuta, meu filho, e crê em tua mãe, que mais não tem senão amor para o seu único encanto.
  - Túdo está muito bem: entretanto, na minha qualidade de Senhor, não posso permitir que um miserável se coloque à minha altura.
  - Escuta, Xavier, escuta, meu filho, Maria não merece os qualificativos que lhe dás, pois, ainda quando houvesse realmente feito...
  - Duvidas? — interrompeu o Conde.
  - Não. Maria, ao se te apresentar na atitude em que a viste, agiu perfeitamente e foi consequentemente lógica com a sua condição independente.
  - Sou seu amo.
  - Não é verdade.
  - Como não?
  - Já o verás. Teu pai — e dizendo isso a Condessa soltou um profundo suspiro — antes de partir para aquela desgraçada viagem, que nos privou de seus amorosos cuidados, havia firmado com o pai de Maria um contrato pelo qual lhe cedia, a ele e a seus descendentes, um terreno nestes sítios para morada, sob a condição de que lhe guardasse os bosques, ficando o Conde obrigado ainda a passar essas funções ao filho mais velho do antigo couteiro.
  - Está bem! Isso não destrói a minha opinião — observou o mancebo, depois de refletir um momento.
  - Como não?
  - Porque Maria é filha do contratante e, como tal, faz parte da famulagem da casa.
  - Não; a obrigação cabe apenas aos descendentes varões do contratante. Maria, como mulher, só está obrigada a sustentar os direitos que o contratante adquiriu e que os Condes respeitarão, dando-lhe a morada, que é o preço pelo qual aquele prestava seus serviços.
  - Oh! esse contrato é leonino; não tem valor perante a lei.
  - Tem sim e, mesmo que assim não fora, deve tê-lo ante o teu coração, pois foi o último contrato que teu pai firmou.
- Só isso pode conter o meu despeito.
- Xavier, ainda és muito criança; o pesar ainda não chegou ao teu coração; não experimentaste até hoje senão prazeres e, por isso, a mais pequenina contrariedade se te afigura um cúmulo. Não sei como a jovem, sendo tão discreta e tão simpática ao mesmo tempo, haja podido agastar-te.
- Mamãe, não é agastamento, é zelo por conservar íntegro o meu direito.
- ÈR|| Embora seja isso, que vitória irias alcançar com a humilhação de Maria e que é o que conquistarias? Os seres da nossa estirpe devem ter aspirações mais altas; isso seria próprio de um judeu.
- Mamãe, não cifro minha conquista na reivindicação de duas varas de terreno, que é o que Maria pode ocupar; é pelo seu orgulho que, apesar de sua formosura, não posso tolerar que o manifeste na minha própria casa...
  - Basta, Xavier; não falemos mais deste assunto. Se não me queres ser agradável, nem queres respeitar as decisões de teu pai, faze o que entenderes. Será uma dor mais que juntarei à soma das que me afligem, ao testemunhar a tua injustiça. — E logo acrescentou, com visível emoção: — Não te causa pena o arrancá-la do único abrigo que possui? Onde irá essa pequena, abandonada no mundo, levando de acréscimo uma atração simpática, que para mim é irresistível?
  - Não temas, minha mãe, — que te dê esse desgosto: a mim também me parece formosa e me faz pena. Satisfar-me-ei com que me diga:—"Senhor Conde, perdoe-me; não tive consciência do que

fazia”.

Compreendendo que, se Xavier tratasse dessa questão com Maria, o resultado seria o aumento da ferida que se abrira no amor-próprio do filho e conhecendo os caracteres deste e daquela, a Condessa procurou dissuadi-lo, falando-lhe deste modo:

— Xavier, meu filho, as almas grandes estão muito acima das fraquezas humanas e eu, que vejo ou pressinto que a têmpera da tua há-de servir para coisas de muito maior valia do que humilhar uma pobre barqueira, desejara ouvir-te dizer que tudo farás por olvidar o acontecido e por te não lembrares mais de Maria.

— Farei tudo por consegui-lo, pois nenhum pesar desejo causar-te; porém, confesso-te ingênuamente que, por meu gosto, não deixaria passar sem corretivo este incidente. Não me agrada que as pessoas com quem trato fiquem acima de mim, na mais insignificante coisa. Enfim, tranquiliza-te, que procurarei reprimir o meu amor-próprio.

Xavier saiu preocupado do aposento de sua mãe, que também o estava com a ocorrência daquela manhã.

## 7 RECONCILIAÇÃO

Era a manhã do dia seguinte ao da visita de Maria à Condessa. O Sol acabava de galgar o horizonte e seus raios vermelhos se retratavam nos cristais exteriores do aposento onde dormia o jovem Conde.

Vestido e fumando maquinalmente, achava-se ele estirado na cama, com a imaginação absorvida por uma multidão de ideias. Um círculo azulado por baixo dos olhos indicava a vigília em que passara a noite. Os restos de uma vela, que se consumira num castiçal de prata, e um livro aberto sobre a mesa de cabeceira davam testemunho dessa vigília.

Embora distraído, notou Xavier um leve ruído à porta do seu dormitório. Para ali dirigiu os olhos e viu entrar um belo cão de caça. Como não reconhecesse o animal, voltou a si da abstração em que estava e o chamou carinhosamente. O cão saltou para a cama e se pôs a lambe-lhe a mão, com mostras de alegria.

— Lindo cão! — disse de si para si. — E\* estranho! Já me deve ter visto alguma vez. De quem será? Quem o terá trazido.

Estendendo a mão para o cordão da campainha, puxou-o. Apresentou-se Roque, criado da casa.

— Que ordena o senhor?

— De quem é este cão?

— Não sei.

— Como entrou aqui?

— Tão-pouco o sei.

— Como não sabes?

— Do mesmo modo que não o sabe Vossência.

— Tens obrigação de sabê-lo. Por onde entrou?

— Senhor Conde... pela porta — respondeu o servo, titubeando.

O Conde correu os olhos pelos cantos, denotando querer castigar a insolência do criado, que, percebendo a tormenta, se apressou em acrescentar:

— Espere Vossência, que ainda não acabei.

O Conde se deteve e, fixando nele o olhar, disse, rápido:

— Pois então acaba.

— Este cão... entrou pela porta... porque estava aberta.

Perdendo a paciência, o Conde saltou da cama para apanhar uma bengala; porém, quando ia zurzir as costelas de Roque, já este havia desaparecido e o cão dava pulos, a beijar a mão armada.

Fatigado, por efeito da insônia, a presença do animal lhe sugeriu a ideia de aproveitar a manhã, para refrescar o seu ânimo abatido. Novamente tocou a campainha e Roque, sem ultrapassar à ombreira da porta, inquiriu:

- Que deseja o senhor?
- Que vamos à caça.
- Não está má a madrugada! — pensou o criado, e acrescentou em voz alta:
- Quer Vossência o seu traje apropriado?
- Não; toma tu a escopeta e munições e trata de prender este cão, que não fuja.
- E se o dono o reconhecer?
- Em meus domínios só há um dono, que sou eu.
- Ê verdade; porém, é um comprometimento...
- Obedece e cala-te.

Preso o cão por uma corrente com coleira, Roque se armou para acompanhar o amo, Xavier tomou da bengala e do chapéu e os dois partiram para o bosque.

- Que cão manso! senhor Conde — dizia o criado, ao ver que o animal o seguia alegremente. Xavier continuou a andar sem responder.

— Estes animaizinhos — prosseguiu Roque — enquanto farejam alguma coisa, são mais mansos do que uma ovelha. Como se chamará o lebréu?

- Tira-lhe a coleira. Carrega.

Cumprida a ordem, o Conde tomou da escopeta e, depois de engatilhá-la, disse a Roque:

- Levanta a caça...

Haveria meia hora que começara a prova do cão, quando Roque parou de repente, a olhar por cima da ramaria:

- Ai, Jesus!
- Que é? — perguntou o Conde. — Que vê?
- Que vejo? Uma perdiz espantosa...
- Onde está?

Afastando-se da ramaria, o criado olhava re- ceosamente para o Conde, ao mesmo tempo que, apontando pela abertura de um tronco, dizia:

- Ali...

— Não a vejo.

. — Não a vê vossa mercê? Se até parece um cisne!

— Não a vejo.

— Como Vossência não dormiu esta noite, a vista se lhe deve ter enfraquecido...

— Onde está? — insistiu o Conde, cortando com um gesto as humorísticas frases do criado.

— Ali, senhor Conde; não a vê vossa mercê? Se está na água.

— Uma perdiz na água!

— Não é isso, senhor! Se é a calhandra mais divina que se ouve neste vale! Não percebe vossência que o que lhe estou mostrando é a barqueira?

— Roque, um dia tu te sairás mal com as tuas brincadeiras.

— Senhor Conde, que perdiz pode haver melhor do que esta?

— Vai-te para o diabo e caça sozinho. Não voltes para casa, sem me teres dito antes como se porta o cão.

— O cão... — murmurou entre dentes o criado. — Não está mal: o cão!

Roque, levando consigo o animal, afastou-se com a manifesta intenção de não abandonar aquele sítio e observar porque o mandava embora o Conde.

Quando criado e cão se perderam na espessura do bosque, Xavier se decidiu a transpor a distância que o separava de Maria.



— Está visto — dizia de si para si — ontem se apresentou para ferir-nos, esta noite não me deixou dormir, agora a Providência ma envia para satisfação do meu amor-próprio. Não se poderá queixar minha mãe de que eu não tenha procurado vencer-me. Já que ocasião se me oferece casualmente, satisfarei a esta necessidade.

Custou pouco a chegar onde Maria estava, sem se deter ante os obstáculos que lhe opunha daquele lado o emaranhado do bosque.

Desconhecendo o caminho, Xavier se metera, sem dar atenção a isso, pelos matagais, que lhe castigaram a imprudência, abrindo-lhe vários rasgões na roupa. Apenas se aproximou da jovem, esta, que encostava à margem a sua barca, logo que avistou o Conde, lhe disse:

— Bons dias; vai atravessar, senhòr Conde?

Xavier se limitou a fazer um ligeiro movimento de cabeça, para responder à saudação e à pergunta da rapariga.

Ao tocar a barca a margem em que estava o Conde, passou ele ao domínio móvel de Maria e a embarcação, cedendo ao impulso que esta lhe dera, se afastou da ribanceira.

— Pode sentar-se, senhor Conde, pois, não está acostumado a este movimento e fácil seria perder o equilíbrio.

O Conde tomou assento num banquinho rústico que Maria tinha para uso do público, do lado direito da barca. De pé, apoiada ao bordo da embarcação, que abandonara ao impulso da correnteza, disse a barqueira ao Conde:

— Ainda que corra o risco de ser indiscreta, ousou perguntar onde vai tão cedo?

O Conde, que observava o movimento moroso da barca, ponderou, fazendo-se de desentendido da pergunta.

— Parece que não andamos.

Parece-lhe? Leva muita pressa? Se assim ê, terá que refrear a impaciência, pois com este veículo sucede o que ocorre com todas as coisas do mundo; temos que nos satisfazer com a sua marcha, que não podemos forçar, sem nos expormos a perigo.

— Há perigo?

1 Se se empenhar em forçar a marcha, não terá medo?

— Jamais o conheci e, por prova, quero andar o mais depressa que seja possível.

A moça sorriu e replicou:

— Para isso, preciso que o senhor Conde me ajude a puxar a maroma: fracas são as minhas forças para lhe atender ao desejo.

— Se é assim, já andaremos depressa.

— Bem o creio, mas para lhe dar esse prazer, farei de minha parte, tudo o que puder.

— Não te incomodes.

— Obrigada, senhor Conde. Entretanto, não respondeu à minha primeira pergunta e eu sou pertinaz, ao mesmo tempo que curiosa.

— Bem se vê.

Houve uma pausa, ocasionada pelo desdém do Conde, a que Maria pôs termo com estas palavras:

— Está de mau humor?

O Conde fixou os olhos na moça, que desviou os seus, fazendo uma momice de coquetismo e dizendo:

— Mete-me medo.

— Sinal de que há motivo para tanto.

— Quem o duvida? Procura conservar um aspecto tão severo, uma gravidade tão postiça que, diga-se a verdade, assenta mal à sua galhardia e aos seus poucos anos.

Pondo-se de pé, exclamou o Conde:

— Fizeste o propósito de ofender-me?

— Não se levante, senhor Conde, que vâi cair.

Xavier viu-se obrigado a sentar-se novamente.

— Vê? Para que tanto alarde, se é uma sensitiva?

O Conde não podia sair da posição que se colocara. Sentado num banquinho grosseiramente trabalhado para o serviço da plebe, como ele pensava; sobre uma superfície móvel e branda, qual a das águas do rio; debaixo do olhar doce e insinuante da barqueira, que ele tinha diante de si na atitude e com o semblante de um inimigo poderoso, quedou-se meio vexado, compreendendo o ridículo de suas bravatas. Isto ainda mais o enfureceu e, querendo sair rapidamente dessa situação, disse de súbito a Maria, em tom bastante brusco, que se não compadecia com a amabilidade da barqueira:

— Ignoras completamente o respeito que deves a teus superiores; só assim se te pode exculpar a falta de cortesia e o atrevimento de falares, quando nada se te pergunta.

Maria, com o seu habitual sorriso, lhe retrucou em tom de extrema doçura:

— Meu amigo, não sei qual dos dois o que ignora, aqui, a representação do seu papel. Dedo-lhe, senhor Conde, que sinto me tenha vindo visitar tão mal humorado;

— Ora veja-se que desvergonhamento. fia obrigada a receber os teus senhores sempre satisfeita, sem lhes provocar aborrecimento.

— Que lástima! — disse Maria olhando para o céu e para o Conde compassivamente.

— Lástima de quê? — interrogou o mancebo, levantando-se de novo do banquinho.

— Olhe, que vai tontear, Conde, e, estando a barca a tocar a margem oposta, se ficar de pé, o choque o fará cair.

~^5=r Com os diabos! — murmurou Xavier de si para si. — Esta mulher me domina! — acrescentou, sentando-se outra vez.

— Como leio na sua fisionomia! Em que erro está!

— O que há é que me estás apurando a paciência! ...

O riso de Maria lhe conteve a frase, arrancando-lhe esta outra:

— Ris, miserável!!

— Como não hei-de rir, senhor Conde, se, afinal, acabará por me querer dár um abraço?

Esta frase de Maria pareceu ao Conde mais própria de uma mulher leviana do que de uma feiticeira, pelo que, disse:

— Tu te fias da tua formosura e dos teus atrativos para aplacar a minha irritação; mas, enquanto não hajas dado satisfação ao meu amor-próprio, não satisfarei às tuas aspirações.

Uma estrepitosa gargalhada interrompeu o Conde em seus juízos.

— Que lástima! — repetiu a barqueira.

— De quê?

— De que seja tão leviano em pensar e dizer, quanto orgulhoso e atrevido para interpretar torcidamente as minhas expressões, quando a isso nada, nem ninguém o autoriza.

— Isso é uma provocação, Maria; se eu a tomar a sério, podes levar a pior.

Neste momento a barca encostava à margem direita, pelo que, replicou a moça:

— Apanho a luva, senhor Conde; fique sabendo que neste lugar encontrará sempre uma antagonista eterna da sua intemperança, porém com a excelente intenção de uma boa irmã. Pode saltar, pois que a barca vai afastar-se da margem.

— Volto; quis apenas passear e já que levantas a luva, com mais razão regresso, pois que a nossa primeira lide começou.

— Em boa hora o seja.

Principiou a barca a mover-se em sentido contrário, mercê dos impulsos que lhe dava Maria. Transcorridos breves instantes, achavam-se na margem donde pouco antes haviam partido e a moça prendia com uma corda a embarcação.

O silêncio que o Conde mantivera interrompeu-o Maria que, ao saltar em terra, disse:

— Eia, valente adail! Estamos na arena; vejamos qual dos dois pode mais.  
— Nunca vi soberba como a tua!  
— Nem eu, senhor Conde, impertinência como a sua.  
— Sê comedida, Maria, pois...  
— Longe disso, senhor Conde; é de absoluta necessidade que terminantemente' manifeste seu propósito ao vir aqui, muito embora ele não me esteja oculto.

— Quem pode duvidar? Uma feiticeira, segundo dizem, deve ser capaz de adivinhar tudo.  
— Justamente e, sendo assim, o senhor é impertinente e nada lógico no seu proceder. Aqui veio para que eu lhe dê uma satisfação; essa, porém, está muito longe de obtê-la, não porque eu seja tão soberba como o senhor, absolutamente; mas, porque não quero deixar passar a primeira ocasião que se me oferece de lhe proporcionar alguma luz.

— Dizes que não queres deixar passar a primeira ocasião! Pois nem eu, tão-pouco. Prometera à minha mãe esquecer a tua ofensa e tu me fazes revogar a minha promessa, com o persistires na tua altivez, olvidando o respeito devido a teu amo e senhor.

i-p-rH Senhor Conde, já a senhora sua mãe lhe disse que, ao seu ver, eu estava no terreno que me é próprio e, como assim o julgo igualmente, não pretendo perder dele um palmo que seja, nem recuo diante da sua atitude, convencida que estou de que, se refletir um momento e chegar a compenetrar-se do afeto e vivo interesse que me ligam à sua família, logo se arrependerá de querer sustentar um papel que ainda não sabe representar.

O Conde, ao ouvir essa alusão tão direta à conversação que tivera com sua mãe, ficou-se atônito, sem poder proferir palavra.

Para o tirar desse estado de espanto, Maria acrescentou:

— Sabendo, senhor Conde, que sou feiticeira, não deve estranhar que lhe fale assim, pois, quem lhe diz isso também pode afirmar, ao mesmo tempo, que muito o lastimou pela sua insônia da noite passada.

Xavier ficou absorto e presa de indescritível assombro.

— Não se assombre, senhor Conde; tudo isso é muito natural e prova evidente da minha lealdade como inimiga e do meu carinho como irmã.

— Irmã!

— Sim; todos somos filhos de Deus.

— Eh!

— Julga que não é meu irmão, porque me olha de uma altura que lhe parece inacessível a mim? Pois fique sabendo que, embora a seu mau grado, ainda que o considere de outro modo, todos somos irmãos e eu, por minha vez, o olho com piedade, porque toda a distância que imagina existir entre nós dois, eu a noto com pesar, vendo-o muito abai-, xo de mim, no fundo de um abismo.

O Conde se conservou espantado da segurança e do aprumo com que Maria lhe falava daquilo que, na sua opinião, ninguém poderia saber, a menos que sua mãe houvesse conversado com ela durante a noite precedente. Porém, ainda assim, como teria podido adivinhar — perguntava ele a si mesmo — o meu estado a noite passada? Decididamente, ao seu pensar, Maria era de fato o que o público a supunha. Não lhe ocorreu uma só ideia que fôsse, nem pôde responder à moça, desde que esta preferira aquela última frase. Felizmente para ele, veio tirá-lo de tão penosa situação a chegada de Leal com um coelho na boca.

— Meu cão! — exclamaram os dois a um tempo. Logo, porém, o Conde, estranhando a exclamação de Maria, lhe perguntou:

— Teu cão?!

— Sim, senhor. E' o meu Leal. Costuma caçar sòzinho e trazer-me a caça.

— E' uma lindeza; mas, deves notar que desta vez a peça está aos meus pés e que o cão espera um sinal meu.

- Isso não impede, senhor Conde, que seja verdade o que lhe digo.
- Não o prova o fato.
- O que o fato prova é que o meu Leal é mui galanteador.

Enquanto falava com Maria acerca do animal, o Conde, ao saber que este pertencia à barqueira, deduziu, da presença dele em sua casa, que muito bem pudera ter a moça estado, sem que ele o soubesse, com a Condessa, ficando lá esquecido o cão, ou retido casualmente. Desse modo explicou a natural adivinhação de Maria e a presença do cão. Assim é que perguntou de súbito à jovem;

- Estiveste lá em casa esta noite?
- Não, senhor.

Só tendo falado com minha mãe, poderias saber o que entre ela e mim se passou; só havendo tu estado no Moinho esta noite, pode explicar-se que o cão tenha ido a minha casa.

— Ah! sim? Não sabia desse pormenor, se bem haja vinte e quatro horas ou mais que lhe sinto falta.

— Não procures, Maria, fazer-me considerar maravilhoso um fato que por instantes me surpreendeu, porém, que, agora, explico perfeitamente.

— Nada disso, senhor Conde. Se antes me atrevi a declarar-me inteirada de certos pormenores de sua casa, não foi para me apresentar com esse dom ou virtude, de que me supõe adornada o povo supersticioso. Longe daí: foi para lhe provar que tão grandes são o interesse e o carinho que sinto pelos Condes, que a todo transe procuro conquistar-lhes a simpatia.

— Mau caminho escolheste, como má é a atitude que manténs para conseguires o teu fim. Não se conquista a confiança, abatendo ou ferindo o amor-próprio daqueles cuja amizade se deseja.

— Senhor Conde, se mo permite, dir-lhe-ei que não entende o que digo; se não mo permite, reservar-me-ei o direito de esperar que os Condes venham ter comigo.

- Que não entendo! Que os Condes venham ter contigo!... Tens razão; não o entendo...
- Afinal, confessa...
- Isto não é confessar; o que digo é que não entendo.
- Assim, é, com efeito.

— Como se explica que o cão, esta manhã, ainda muito cedo, se encontrasse em meu quarto?

— Se o fato obedece a alguma lei superior ao nosso critério, ignoro-o neste momento.

Afigura-se-me, porém, que o cão, não me encontrando neste lugar, saiu à minha procura. O faro o guiou à sua casa e, como do Moinho regressei montada até aqui, ele sem dúvida perdeu a pista e se obstinou em me procurar lá, pois já o senhor Conde me ouviu dizer quanto tempo faz que não vejo esse animal.

— Podes assegurar que foi como dizes?

— Oh! não, não lho asseguro. Quando tenho consciência de um fato, ou de uma ideia, a segurança e a convicção se manifestam em todo o meu ser. Nos poucos instantes que temos estado a falar-nos, já o senhor deve ter-se convencido da minha lealdade, da minha espontaneidade e franqueza.

O Conde, cada vez mais confundido, ansiava por sair prontamente da posição difícil em que se encontrava diante da barqueira. Foi assim que, abdicando algum tanto do seu caráter, disse:

- Então, é certo que não estiveste com minha mãe?
- Não, senhor.

— Mas, como se explica que hajas mencionado particularidades da conversação que tive com ela?

— De boa vontade explicaria, porém ainda não é tempo, pois que o senhor Conde não me entenderia. Prefiro, pois, me considere como o vulgo; adivinha ou feiticeira.

— Mas, isso não pode ser!

— Realmente, não; porém, para se convencer, detenha um pouco sua atenção e lembre-se de

que eu lhe disse que o senhor não dormira esta noite.

— E' singular! — exclamou Xavier, desapontado. E continuou, dirigindo-se a Maria: — Para que me convença de que o que avanças não é fruto da tua penetração ou agudeza de espírito, dize-me em que pensava eu esta noite.

— Não devo, Conde, satisfazer a tanta curiosidade .

— Já vejo que 3ão argúcias tuas e desse modo é que trazes embaucada toda a comarca — replicou Xavier, com a ideia de provocar a espontaneidade de Maria.

— Conformo-me, senhor Conde, com a sentença, antes que abdicar do meu pudor.

Atônito Xavier ante aquela figura sedutora e sem poder retomar a sua atitude habitual, perguntou, num ímpeto próprio da mocidade e de harmonia com o sentimento que a barqueira lhe havia inspirado:

— Uma sua irmã, senhor Conde — respondeu Maria, ferindo a suscetibilidade do jovem, com o fim de reprimir as ideias que lhe transluziam no olhar.

— Minha irmã!... Não volvamos atrás, Maria; não percamos o terreno conquistado a bem da harmonia. Pergunto-te quem és e não quero que me respondas com uma evasiva, mas categoricamente.

Categoricamente, senhor Conde, em que lhe pese ou o ofenda, sou uma sua irmã, pobre, carinhosa e amparada por Espíritos muito superiores a nós ambos.

— Não desejo incomodar-me, Maria; porém, repito-te que não quero evasivas. Minha pergunta é no sentido de que me expliques porque está a tua essência muito acima do alcance vulgar. Numa palavra: qual a tua ciência, ou qual a tua virtude mágica?

— Senhor Conde, o que sei está ao alcance de todos; minha virtude reside no meu coração, lugar onde radicam os sentimentos humanos; amolde esses sentimentos à justiça, como fiz, e valerá tanto, senão mais do que eu.

— Isso é muito vago, Maria; quero saber se és feiticeira, como dizem, e porque me enfeitiças a mim.

Maria não pôde conter a hilaridade. O Conde baixou os olhos e mordeu os lábios, despeitado.

— A feiticeira — exclamou a jovem — não é senão a distância que separa os menos dos mais, dos que, marchando pelo caminho do estudo, da fé e da razão, se mantêm constantemente, muito adiante dos atrasados: sou feiticeira para o senhor, como para os outros, porque o senhor teve a desgraça de não unir o pulsar do seu coração ao da sua mente. Dai resultou que, sem estudar os efeitos que o surpreendem, por não inquirir racionalmente a causa que os produz, julga na razão direta da sua impressão e não do seu raciocínio, e o caso é tão palmar que eu, simples órfã abandonada nestes lugares, sem outra companhia que a dos seres que me rodeiam e com o meu constante desejo de praticar os conselhos de meu pai e de estudar nos livros que ele me deixou, estou, sem que Deus mo possa tachar de orgulho, quase um século adiante de vós outros. Esta é a feiticeira, senhor Conde. Diga-me, sem se confundir: que há feito, durante os anos que já viveu, para formar o seu critério? Julgue o senhor Conde mesmo, com a mão no coração, se seus atos todos têm tido por fim o benefício do próximo. Não precisa que me responda, nem se deve envergonhar de que eu assim lhe fale. Tive a sorte de ser filha de Francisco, o barqueiro, enquanto que o senhor teve a infelicidade de nascer Conde.

— Maria, devagar, Não posso consentir...

— Nada, não se ofenda: retiro as palavras, porém fica a intenção, que lhe é a mais leal e salutar, do mesmo modo que para todo o mundo. Todos os seres me são caros; todos os meus semelhantes são por mim amados e aqui tem porque o admiro sem valer nada, motivo que lhe explica a atitude que conservo e conservarei, sem me desviar uma linha, diante dos Condes. Esta atitude será tanto mais severa, e atente bem no que digo, pois não desejo prolongar por mais tempo esta conversação, essa atitude será tanto mais severa, quanto mais persista o senhor em manter a outra.

- Maria, explica-me...
  - Já basta; se se não retira, retirar-me-ei.
  - Porque, Maria?
  - Sabe-o melhor do que eu.
  - Tenho porventura a culpa, Maria, do sentimento que me inspiraste?
  - Que fortuna! Olhe, senhor Conde, quem vem aí.
- O Conde voltou a cabeça e deu com Roque que se aproximava em busca do cão que lhe fugira com a caça.
- Roque! — disse Xavier, contrariado.
  - Sim, Roque; entre ele e o senhor, nenhuma diferença há; ambos estais animados de torpes sentimentos .
  - Maria!
  - Deus te guarde, Roque — disse a jovem, dirigindo significativamente o olhar para o Conde.
  - Que é isto? — perguntou Xavier, recobrando sua severidade, ao falar ao criado.
  - Sim, senhor; fugiu-me! respondeu este com o gorro na mão.
  - Mal cumpres com o teu dever; esperava-te bastante incomodado, pois faz muito sol. Vamo-nos para casa.
  - Ai, morena! — disse Roque baixinho a Maria, enquanto apanhava o coelho; e, aproveitando-se da distância que o Conde já ganhara, acrescentou: — Não senti o sol senão quando eu cheguei. Queira Deus que um sol tão quente não traga atrás de si alguma nuvem. Adeus!
  - Que ele te acompanhe — respondeu Maria, fazendo-se de desentendida.

## 8 FIDELIDADE DE ROQUE

Quando, de regresso do seu passeio matutino, o Conde chegou a casa seguido do criado, encontrou o cura a almoçar com o maior apetite.

Este, ao ver entrar o Conde, se pôs de pé e o saudou com calculado respeito.

- Bons dias, senhor Conde. Costuma passear de manhã tão cedo?
- Terá visto, senhor cura, a minha mamãe?
- A senhora Condessa descansava, quando cheguei, e, para não estar parado, fiz-me servir o almoço, contando sempre com a carinhosa bondade que os Condes me dispensam. E o senhor Conde não toma alguma coisa?

— Não; prefiro descansar.

— Andou tanto?

— Um pouco.

O cura se pôs a olhar para Xavier, estranhando-lhe o laconismo, enquanto ajustava por debaixo do queixo a ponta do guardanapo.

- Veio mal humorado — disse de si para si. — Logo, porém, exclamou em voz alta: — Pois o exercício abre o apetite; como vê, um passeio de Valdeganga até aqui me fêz pedir recursos reparadores ao cozinheiro.

Xavier se limitou a um encolher de ombros. Depois de breve pausa, disse:

- Estou cansado; não dormi esta noite e vou descansar, enquanto mamãe se prepara para o receber.
- Porém, antes de dormir, deve almoçar. Se visse como está suculento este pedaço de porco!
- Obrigado, senhor cura, pelo seu conselho. Tenho, primeiro, que fazer apetite.
- Homem! E' estranho, um jovem, como o senhor Conde, sem apetite, depois de andar pelo

bosque! Caçou muito?

— Pouca coisa. Ah! Roque referirá os pormenores. Até logo.

O cura continuava a devorar os pratos que o cozinheiro lhe apresentava, desesperado por não ter ao lado quem lhe entretivesse as ouças, enquanto exercitava os dentes.

Xavier entrou meditabundo em seu quarto e se reclinou o mais cômodamente que pôde, para entregar-se às suas meditações.

O cura aproveitou um instante em que o cozinheiro trazia um pedaço de pato, para lhe dizer que chamasse a Roque, que não tardou em se apresentar, se bem que não de muito boa vontade.

— Deus o guarde, senhor cura.

— Adeus, Roque; espero tenhas a bondade de narrar-me a caçada desta manhã.

— Que caçada?

— Pois não estiveste a bater mato com o senhor Conde?

— Sim, senhor.

>— Pois bem, essa batida.

— O caso é, senhor cura, que estivemos a caçar os dois, mas cada um para seu lado. Assim é que não posso dizer o que aconteceu ao Conde; sòmente posso falar de mim.

— Homem! homem! Pois se o senhor Conde me disse que tu me darias os detalhes...

— Não sei de outros, senão que o Conde veio a fugir do sol que o aquecia muito.

. — Mas, então, quem matou as peças?

— Dir-lhe-ei, senhor cura: as peças não as pudemos apanhar, nem o Conde, nem eu.

— Então, não trouxeram nada.

— Ah! sim, trouxemos um coelho e não trouxemos dois, porque o outro se escapou do senhor Conde.

— De sorte que o que trouxeste mataste-o tu?

— Que! não senhor; também a mim se me escapou; eu, porém levava um cão e foi a minha sorte.

— Por onde andou o Conde?

Nesse momento souu a campainha dos aposentos do Conde e da Condessa e, ouvindo-a, Roque deixou o cura com o bocado atravessado e correu a acudir ao amo.

Nem por isso abandonou o cura a empresa, tanto que disse à camareira:

'— Comunique à senhora Condessa que estou acabando de almoçar.

Do quarto do Conde saiu Roque com uma carta na mão, a revirá-la entre os dedos e a mirá-la curiosamente. O criado abanava a cabeça num gesto estranho, com duro semblante.

O cura, ao vê-lo sair com esse aspecto, perguntou :

— Que é isso, Roque? Vais a mandado?

— Assim, parece, senhor cura.

— Vais a Mahora ou a Valdeganga?

— Qual o que, senhor cura! — exclamou Roque, suspirando.

— Aonde então vais, que tanto aborrecimento te causa?

— Aonde? Ao inferno, senhor cura.

— Homem! comprida é a viagem; pouca vontade tenho de fazê-la.

— Oh! senhor cura! contra a preguiça, diligencia .

— E' mau lugar.

— Nada obstante e se bem ali não nos tratem como em casa do senhor Conde, não me desagradaria lá ir por minha conta, em vez de o fazer por conta alheia.

— Com qual dos diabos mantém teu amo correspondência ?

— Não é com os diabos, é com a diaba.

O cura começava a ver claro, pelo que perguntou intencionalmente:

— Há muitas diabas lá? Conheces alguma?

— A uma, sim.  
— Como se chama?  
— Senhor cura, é preciso ir ao inferno para saber estas coisas. Respeito muito a vossa mercê para lhe dar notícias de terra tão quente. Vá, passe bem. E' provável que ao senhorzinho lhe dê na telha sair e poderá supor que eu já esteja de volta.

— Vai com Deus.  
— Fique o senhor cura com ele.

Roque enfiou o gorro e se pôs a andar com a ligeireza de um gamo.

Quando, internado no bosque, se julgou a coberto de olhares curiosos, disse de si para si:

— Reflitamos, Roque, pois que o Conde te vai ludibriar.

Mirou demoradamente o sobrescrito, depois o sinete e, por fim, exclamou dando uma patada no chão:

— Com mil diabos, não sei o que faça! Se abro a carta, tolerá-lo-á a calhandra, sem o gorjear ao frango? Se deixo escapar a ocasião, pelos meus pobres bigodes vai a correspondência passar. Não te restam mais que dois caminhos: ou te resignas a continuar com o Conde e, nesse caso, não deves abrir a carta, ou jogas de mão para ganhares a partida.

O coração de Roque batia violentamente, ao ver-se ele em tal conjuntura.

— Pois, Senhor, dizem que Jesus não escapou da cruz e eu não escaparei deste carrasqueiro sem ver o recheio a este salpicão.

Sentou-se encostado ao tronco de uma enzinha, rasgou resolutamente a sobrecarta e decidiu-se a ler. Um suor frio lhe inundava a fronte. Desdobrou a carta, exclamando:

— Eia, Roque; já periquito está feito frade: se não te souberes conduzir, mau fim te espera.

"Maria, a presença de meu criado... (Eu já "o sabia!) me impediu de prevenir-te de tudo a que "estou resolvido, se não consentires na satisfação "de meus desejos". (Este bárbaro é capaz de qual-quer coisa!) Ofereço-te igualmente satisfazer, por "minha vez, aos teus até mesmo menores caprichos. "Contando que cederás, preciso é que, para desorientar a todos, expliques a Roque a chegada desta "carta ao teu poder". (Não terá que se dar a esse "trabalho).- "Ver-nos-emos amanhã, se não for esta "noite".

r.— Aqui está uma carta que, se se perdesse, a ninguém comprometeria! Se estes Senhores Condes têm por costume não assinar o nome! Está claro: para que o nome, se tudo merecem pelas suas boas caras!

A atrapalhão de Roque aumentava cada vez mais. Satisfizera ao seu desejo, mas não sabia que partido tomar. Hesitava entre voltar para o Moinho e dizer ao Conde que perdera a carta e ir à choupana de Maria, confessar-lhe seu afeto e entregar-lhe aberta a carta.

— Se vólto para o Moinho e digo ao Conde qualquer patranha, não servirei mais para portador! Se vou ter com Maria e ela não me tira do embaraço, devo desistir de ceiar nestes sítios. Porém, se Maria me amparar, está tudo salvo. Ainda mais: isso seria a prova de que ela não retribui à paixão do Conde e aceita meus carinhos! Sim, senhor, quando eu disse ao *Paternoster* que ia ao inferno, não estava dele muito longe. Barrunto aqui alguma coisa que nos vai fazer a todos dançar na corda bamba. Eia! avante!

Dobrou a carta, meteu-a no bolso e se encaminhou para a barca. Ao dar, porém, o primeiro passo, achou-se frente a frente com Gregório.

— E esta! Dar-se-á que tenha estado a espionar-me? Que má cara traz! Deus o guarde, senhor Gregório.

— Guarde-te ele. Roque. Que fazias por aqui tão fora de mão?

— Adeus, apuros! — disse de si para si o criado, ao ouvir a pergunta do couteiro e, gaguejando um pouco, respondeu:

— Senti-me apertado no caminho e vim aqui aliviar-me do peso.



- Bom proveito. Aonde vais?
  - Nunca vi gente tão curiosa, como as que vou encontrando! — pensou Roque. — Estou certo de que até mesmo o Conde, se me encontrasse, perguntaria aonde vou.
  - Não ouviste? — bradou Gregório.
  - Que disse o senhor?
  - Aonde vais, homem?
  - Senhor Gregório, vou em missão secreta.
  - Sim? onde?
  - Boas! Se lhe disser aonde vou, já terei deixado escapar o segredo.
  - Bem, homem, não sou curioso. Segue, pois, e eu te acompanharei até onde consintas, ou queiras.
  - Se até onde eu queira, bem poderia fazer- -me o favor de não se mover daqui, antes de três ou quatro horas, pelo menos.
  - Estás assim tão próximo do teu destino? — perguntou Gregório, cada vez mais espicaçado e receoso de que o criado estivesse incumbido de o espiar. — Terá vindo contar as árvores cortadas? A este não o deixo mais de mão — acrescentou intimamente.
  - Não está muito longe, não senhor; mas, também não está muito perto. Contento-me com que me espere aqui meia hora.
  - Não pode ser, Roque. Tenho que cumprir minhas obrigações e preciso, além disso, comer.
  - Então, saiamos daqui.
- Principiaram a andar. Notando Roque, porém, que o couteiro não se separava dele, atreveu-se a dizer:
- Senhor Gregório, não disse que ia comer?
  - E' verdade, Roque; e, se não vais muito apressado na tua viagem, podes acompanhar-me.
  - Como? O senhor não vai ao Moinho?
  - Não; não como lá.
  - Onde, então? Não vejo que leve consigo os pitéus.
  - Como na barca!
  - Não é que a coisa se está complicando — disse consigo mesmo o criado e acrescentou em voz alta: — E dormir, também dorme na barca?
  - Quê? Que dizes?
  - E' que eu supunha que o cargo de couteiro, que o senhor desempenha, o obrigava a dormir no bosque. Nunca me ocorreu que o fizesse na barca. Por acaso é também guarda das águas.
  - Isso já é malícia, Roque. Não tens senão que atentar na minha fisionomia e nos meus anos e eles te responderão.
  - Isso não. Ao senhor cura a coroa lhe chega até aos sobrolhos, mastiga mal e, no entanto, lhe desagradam os meus galanteios a Jacinta, de quem gosto muito.
  - Não sejas sacrílego, homem!
  - Senhor Gregório, devo dizer-lhe que o julgava homem de juízo e dó mundo. Entretanto, pelo que me acaba de dizer, tenho que mudar de opinião.
  - Porquê?
  - Será algum corpo sagrado o da Jacinta?
  - Homem, não!
  - Então, porque me chama de sacrílego?
  - Disse-o com relação ao curai
  - Eu com o senhor cura nada tive nunca que ver.
  - Pelo que vejo, resolveste comer comigo?
  - A esse respeito, eu nada disse, senhor Gregório.
  - Como me acompanhas ao remanso, imaginei que tinhas adiado a tua missão secreta.

- Também não disse palavra sobre isso.
- Bom, comeremos juntos.
- Se o senhor faz questão. . .
- Se daí nenhum prejuízo te possa resultar,!
- Absolutamente. Por ser abundante o trigo, nunca é mau o ano.
- Muito me alegre. Ainda é cedo e tens tempo de percorrer o bosque, por onde te hajam determinado.

— Olha lá! Este estúpido se abespinhou; farejo que traz na cauda rabo de palha. Não o sentirei desse modo, se o Conde se obstinar em fazer barulho comigo, porque este truão me acompanhará — pensou Roque.

- Ora bem — disse Gregório — chegamos: vou chamar a Maria, pára que nos sirva o almoço.
- Ah! como me vai saber bem, senhor Gregório!
- Porquê?
- Porque os temperos de que usa Maria não se vendem na comarca.

Gregório sorriu e caminhou direito para a choça da barqueira, onde esta se achava entregue aos afazeres próprios do seu sexo.

— Maria, prepara o almoço, que tenho um convidado. Se não te faz incômodo, poderá também ele comer aqui; se não, comeremos os dois à sombra do salgueiro.

- Não é preciso, Gregório; seja quem for, pode entrar. Não basta que o queira?
- Bom: então vou chamá-lo.

Efetivamente, Gregório e Roque se sentaram para almoçar, Maria, depois de os haver servido, retirou-se para o barco e, como os dois se estavam estorvando um ao outro, não se podiam separar sem um entendimento mútuo. Roque foi quem atacou o assunto deste modo:

— Senhor Gregório, até este momento, em que a casualidade me abria os olhos, não havia eu pensado em quanto podemos ser úteis um ao outro.

- Não te entendo.
- Sim, senhor, soltemos a língua, bebendo antes um trago à saúde do nosso compadrio.
- Bebamo-lo; mas, não sei onde queres chegar — disse Gregório, um tanto sobressaltado.
- Não? Não quer ser meu compadre?
- Homem, ambos somos solteiros.
- Na minha terra, há uma classe de compadres, entre os quais não existem segredos e sim mútua proteção.

- Explica-te melhor.
- Enquanto não me prometa guardar segredo e ser meu amigo, não direi palavra.
- Conta com a promessa; tu sempre me foste simpático.
- Pois bem, fui encarregado pelo senhor Conde (Bem se me afigurava — interrompeu Gregório) de desempenhar uma comissão, em que você me vai ajudar e, como recompensa, ofereço-lhe guardar silêncio.

Depois de uma pausa, durante a qual, com os olhos postos no chão, meneava a cabeça, Gregório perguntou a Roque:

— De que maneira souberam disso os Condes? Se foi por ti, perdoar-te-ei, em honra ao compa- dresco.

- Não souberam de nada e é por isso que lhe proponho nos protejamos mutuamente.
- Já te compreendo. Aceito. Que queres?
- Não sou exigente: quero que, no caso de eu sair da casa dos Condes, você me receba como sócio da... companhia...
- Nada mais?
- Nada mais.

- Bom, de moto próprio, *faço-te* este presente — disse, entregando ao outro uma onça de ouro que, como sinal, acabara de receber dos contratantes de um corte fraudulento do bosque.
- Aceito-o e agradeço-lho, porém, isto não basta. Pode você amanhã arrepender-se do contrato e eu preciso de uma garantia maior.
- Que queres?
- Um documento.
- Dar-to-ei, mas só amanhã.
- Porque não hoje?
- Porque não há papel, nem tinta.
- Esperarei aqui e desse modo finjo cumprir a minha missão.
- Se esperas, vou imediatamente.

Gregório saiu na direção do Moinho, para fazer em duplicata o compromisso, tal qual Roque propusera, e este se dirigiu para a barca, a desempenhar a comissão do Conde.

## 9 O AMOR DE ROQUE

- Deus te guarde, Roque — disse Maria, ao vê-lo chegar.
- Deus te guarde, morena. Passa muita gente por aqui?
- E' como vês; isto está ao serviço do público.
- Nenhum namorado passa com frequência por estes sítios?
- Como não me incumbe conhecê-los, não posso satisfazer à tua curiosidade.
- E' extraordinário, zagaia, pois raro é que os olhos de vocês se enganem .
- Os olhos das mulheres, em geral, é o que deves dizer, porquanto os meus constituem exceção à regra.
- De sorte que, Maria, não olhas e não vês?
- E' o que habitualmente sucede.
- Então, fácil é de concluir-se que não olhaste para o senhor Conde, nem o viste.
- No sentido em que o dizes, tens razão.
- Nesse caso, Maria, faze-me o favor de me olhar e me ver.
- Estou vendo-te.
- Que viste?
- Um homem.
- Nada mais que um homem?
- Nada mais.
- Ah! Maria! deveras ter conhecido que sou um triste condenado, que a todo instante vomita as chamas do coração.
- Horrível estado, Roque. Lastimo-te.
- Oh! é o que ando procurando. Na minha terra dizem que da compaixão ao amor não hã mais que um passo.
- Repito que te lastimo.
- Porque, traidora?
- Porque esse passo de que falas, não o posso dar.
- Acaso, será porque já o deste?
- Estás curioso.
- Não te disse que estou vomitando chamas e que meu peito é um vulcão?
- Sinto-o; porém, não é mau que conheças a enfermidade; assim poderás aplicar com segurança o remédio.
- Oh! Maria, esse remédio seria pior do que a mesma enfermidade. Só tendo eu certeza de

que não amas o Conde, pudera ir-me resignado. Mas, ante a dúvida em que me trazes... estou impaciente e quero despejar...

— Roque! Tu, como todos, terás minha afeição, porque Deus assim o manda e porque conto que ma tenhas a mim. Porém, do modo que imaginas, muito longe estou de corresponder a quem quer que seja. Com que direito vens exigir de mim a confissão dos meus sentimentos? Tê-la-ias do Conde?

— Ah! Maria, dizes que me lastimas e és cruel como uma fera.

— Não faço mais do que te responder na mesma linguagem em que me falas.

— Não entendo, Maria.

— Pois, olha, Roque: serei mais explícita. Deus te livre haja quem saiba o que acabas de contratar com Gregório.

— Escutaste?

— Não.

— Então, como o sabes?

— Porque comigo se dá o contrário do que ocorre com a generalidade das pessoas: *vejo* quando não *olho*.

— Bem, Maria, tu o sabes; não queres confessar como soubeste, mas eu o imagino. Agora, pergunto-te : que tem que ver essa história do contrato (que creio não revelarás a ninguém), que tem isso que ver, repito, com o meu afeto e com o que pretendo de ti?

— Muito: estimo e admiro a honradez como base principal da vida.

— E' verdade que me pesa haver feito esse contrato; porém, pronto estaria a recusá-lo.

— Não, Roque; ainda te falta muito para isso. Teus lábios nem sempre dizem a verdade.

— A ninguém engano, Maria.

— E' isso verdade?

— Oh! sim! certo.

— Não estranhes haver um vulcão, como dizes, em teu peito. Se hoje não o sentes, amanhã o sentirás. Não se deve brincar com o fogo. Roque. Quem ama o perigo, nele perece.

— Maria, serei honrado quanto queiras, desde que não ames p Conde e me tires do comprometimento em que me vejo.

— Se a tua honradez depende de tão pouca coisa, prometo-te.

— Sou feliz, Maria.

— Andas muito depressa, Roque.

— E' verdade que não amas o Conde?

— Não; quero-o como irmão, como te quero a ti, como quero aos meus inimigos. Qual é o compromisso ?

— Caramba! se cumpres como falas, vou dizer-te sem demora. Escuta: o Conde me deu este papel...

— Não prossigas; lança-o à água...

— Ah! como sou feliz, Maria! porém, isso não é tudo: que vais dizer ao Conde quando te perguntar?

— Direi que o li.

— Como? se não o lêste?

— Não importa; basta que o tenhas feito.

Roque ficou extático diante de Maria, sem notar que a carta, ao lhe cair dos dedos, fora levada corrente abaixo. Depois, mais calmo, perguntou à jovem:

— Tu me estiveste espreitando?

— Não, homem; já te disse que sou o contrário de toda a gente: *vejo o que não olho*.

Tal foi o espanto do criado, que Maria teve de o arrancar à sua abstração, dizendo-lhe:

— Roque, não te assombres, volta a ti. Isto é um aviso que Deus te manda. Os avisos extraordi-

nários, que deste modo se apresentam, não devem ser desprezados. Não forces a imaginação, para qualificar os meus atos. Apenas te baste saber que estás obrigado, como bom irmão, a crer com fé. Que queres mais?

— Maria, já não sei o que te diga: não sei se é uma realidade a tua feitizaria. Como quer que seja, não olvides que não consentirei nos teus amores com o Conde. Portanto, jamais cederei, se não for verdade o que me declaraste.

— Roque, a honradez é tudo; Deus é o fim. Não te assombres; no dia em que fores verdadeiramente honrado, compreenderás tudo. Vai-te; ai vem Gregório.

Este, efetivamente, chegava, taciturno e cabisbaixo.

Roque se aproximou dele que, sem dizer palavra, meteu a mão no bolso interno do casaco e tirou dois papéis. Apresentando um a Roque, disse-lhe:

— Assina e te entregarei este outro assinado.

Roque tomou do papel e da pena metida no tinteiro de chifre que Gregório lhe apresentava e assinou o papel, depois do que o entregou a seu *compadre*, recebendo a segunda via.

Dando a mão ao *compadre*, disse-lhe o couteiro com ar de certa gravidade:

— Roque, aquele de nós dois que faltar ao compromisso sabe que deve ao outro a vida.

— Estamos de acordo; não falemos mais do assunto e seja o que Deus quiser.

Retiraram-se: Gregório para o bosque e Roque para o Moinho.

## 10 PASSEIO A TARDE

Depois de terem conferenciado secretamente, a Condessa e o cura decidiram dar um passeio pela alameda e assim fizeram.

Andado pequeno trecho, ela, sentindo-se um tanto fatigada, se sentou junto de uma fontezinha.

Descansaram um instante, com o propósito de prosseguirem o passeio. A Condessa, porém, a seu pesar, não se atreveu a continuá-lo, pelo que o cura, a instâncias da dama, também se sentou, entabulando-se logo o seguinte diálogo:

—? Condessa, a senhora não tem que se preocupar; todas estas coisas tomaram vulto por causa do vulgacho. Os diabos, senhora, nos atazanam incessantemente.

— Senhor cura, sofro de modo horrível; não posso mais viver na incerteza.

— Senhora, tem que sofrer com paciência; mais sofreu Nosso Senhor Jesus-Cristo na cruz, para nos redimir. Quem, neste mundo, não passa por sofrimentos?

— E' verdade; mas, nem todos temos a natureza do Cristo.

— Não há que desesperar, senhora. Essa mu- lherzinha não tem senão parlapatice. Meteu em cabeça fazer-se célebre e, efetivamente, o vai conseguindo.

— E' tal a força de sua convicção, quando fala, que parece mentira possa ser ela quem fale de tal modo.

— Assim é, com efeito; mas, isso acontece, porque tem a assisti-la os demônios. A senhora não vê que só desse modo pôde ela ter forças para a ferir tão vivamente?

— Sim, senhor cura; só assim se compreende que uma mulher daquela esfera possa atrever-se a faltar ao respeito devido a pessoas de mais alta categoria.

— £ não é só isso; também dá para trazer sempre nos lábios as palavras de Deus. Tal coisa só o faz o demônio. Que remédio deu ela à senhora Condessa, para a curar da sua enfermidade? Se se tratasse de qualquer pessoa do povo, ter-lhe-ia propinado um disparate. Como se tratava da senhora Condessa, tudo foram evasivas.

— Ah! senhor cura! porém, suas evasivas me feriam no mais fundo de minha alma. Eram a cen-

sura de toda uma vida de prazeres e delicias. -

— Senhora Condessa, o passado nada importa, desde que há um firme propósito de emenda.

— O propósito existe; o que falta é o meio de cumprir a penitência. Por isso é que lhe manifestei toda a minha vida anterior, em a qual deve o senhor ter percebido a triste dor que venho sofrendo, desde a morte de meu esposo.

— Senhora, quando os fatos se consumam, é que houve a permissão de Deus. Quem sabe se nos altos desígnios da Providência não fora decretado que o Conde morresse longe da família e quem sabe, também, se a mesma Providência não havia disposto que os propósitos do senhor Conde ficassem ignorados de sua família?

— Mas, isso seria uma injustiça, senhor cura, e Deus, em sua grandeza, não a deveria permitir.

— Perfeitamente. Deus não é injusto; nós é que entendemos de submeter à nossa vontade seus altos desígnios.

— De sorte que, na opinião do senhor cura, foi justo que o Conde não tivesse cuidado de regradar e determinar o futuro de seus filhos?

— São funduras estas, senhora Condessa, em que nós outros não nos devemos meter. Antes de tudo, fé, senhora Condessa, fé.

— Mas, que tem que ver a fé com o de que vimos falando?

— Muito. A senhora Condessa se atreve a qualificar de justos ou injustos os desígnios do Senhor ?

— Será o que vossa reverendíssima quiser; porém, não posso compreender que Deus consinta na prática de ações reprováveis.

— Deus as consente, quando se dão.

— Mas, porque se dão?

— Senhora... porque se dão? Não sei o que lhe responda.

— Por exemplo, se é verdade o que presumo, porque consentiu em que se pudesse verificar o duelo ?

— Oh! senhora, para castigo!

— Castigo! De quem: do Conde, ou meu?

— Senhora, isso fora saber tanto quanto Deus. Sei, e assim o deve entender todo bom cristão, que os delitos dos pais purgam-nos os filhos até à sétima geração.

— E' horrível semelhante coisa, senhor cura! Compreendo que eu sofra pelos meus delitos, porém, meus filhos! E' injusto!

— Aí está Condessa, porque Deus não pode apiedar-se da senhora. Talvez que, se se mostrasse mais resignada, Ele lhe pudesse ser mais clemente.

— Será possível mais resignação, senhor cura, e decisão para buscar a penitência? Creio que não.

— Senhora, talvez esteja para chegar o termo de seus sofrimentos. Já fez hoje confissão geral e está disposta a seguir o tratamento de seus médicos, dos médicos da Corte, que lhe aconselharam operações cirúrgicas e, dessa maneira, em vez de encontrar a morte, como outros opinam, porventura encontrará a saúde.

— Assim o espero, senhor cura. Desejo seguir-lhe o conselho; porém, confesso francamente que bem curta há-de ser a minha vida, a acreditar eu nos pressentimentos de minha alma.

— Não há motivo para temores, senhora. Cumpra-lhe dispensar alguma confiança à ciência.

— Onde, senhor cura, pode estar a confiança, quando vossa reverendíssima me induz a duvidar até da própria Divindade? Não disse que Deus permite o sofrimento para castigo? Se sou pecadora, devo esperar que este castigo me seja infligido.

— Não desespere. Perdido lhe será todo o tempo que passar presa desses temores.

— Todavia, não fora melhor, apesar de ser absolutamente contrária a isso a opinião de vossa

reverendíssima, que eu ouvisse a da feiticeira?

— Isso nunca, senhora Condessa. Irritará a Deus e, depois, como fará para aplacar a cólera divina?

— De sorte que não tenho outro remédio, senão abandonar estes sítios e lançar-me nos braços da morte?

— Senhora, não se entregue ao desespero. Se Deus se abrandar, talvez possa contar com a sua cura, ao passo que, se desprezar o aviso que Ele, por meu intermédio, lhe dá, confiando-se a essa feiticeira, é muito possível que vá de cabeça para o Inferno.

— Senhor cura, vossa reverendíssima me atormenta na minha agonia. Que outro inferno pode haver, além deste em que me acho?

— Oh! senhora Condessa, não tenha dúvida. Se a senhora não purgar suas culpas, o senhor Conde terá que sofrer e seus filhos e os filhos dos seus filhos.

— Como me sinto fatigada!

— Quer que voltemos ?

·— Não; esta agonia é da alma; não há no mundo bálsamo capaz de suavizar a minha dor.

— Senhora Condessa, lembre-se de que o Cristo suou sangue. Derramando lágrimas, que faz a senhora mais do que o Cristo ?

— Quase que é preferível a situação do Cristo, a ter continuamente, ante os olhos e a imaginação, como eterno pesadelo, as figuras do Conde e de Dom João.

— Isso são fantasmas que se originam da fraca fé que a senhora possui. Abandone estas ideias e reze a Maria Santíssima, encomende-se a ela, para que peça a seu filho que lhe dê paz e tranquilidade.

V.-T-. Faça-o, meu padre; pois os céus parecem surdos à minha voz.

— Não, minha filha, não desespere, a bondade de Deus é muito grande.

A Condessa caiu de joelhos, enquanto um mar de lágrimas banhava a mão do sacerdote.

. — Não tenha cuidado, console-se — exclamou este com paternal acento. — Deus perdoa às arrependidas e se tu, minha filha, seguirees os meus conselhos, não tenhas dúvida de que entrarás numa nova era de felicidade, sobretudo se, para aplacar a cólera divina, fizeres alguma promessa que possa utilizar-se na igreja de Valdeganga, em memória do milagre. Direi algumas missas, as que a senhora Condessa queira encomendar, em sufrágio da alma do Senhor Conde e de Dom João, e, desse modo, verá como lhe volta a calma ao coração.

— Assim o farei, senhor cura.

— Outra coisa ainda é preciso: convém que a senhora Condessa se forme o propósito deliberado e faça a promessa de afastar destes sítios a barqueira Maria. Bem vê que a sua permanência aqui é perniciososa.

— Ah! isto não: seria faltar ao último contrato do senhor Conde.

— Não há tal: como o fato implicaria um serviço à doutrina de Deus e à Religião, sua consciência, minha filha, nenhum escrúpulo deve ter em o executar, pois que com qualquer outra promessa se poderia aplacar a alma do senhor Conde.

— Tenho de pensar muito nisso, senhor cura, tanto mais que a coisa não depende unicamente da minha vontade. Acresce que eu teria de ressarcir à barqueira o prejuízo, uma vez que ela tem direito.

— Senhora Condessa, tudo se pode arranjar. Com mais vagar falaremos do modo de regularmos o negócio, visto que a senhora Condessa me honra com a sua confiança.

— Concorde o senhor cura em que regressemos ao Moinho?

— Como quiser, senhora Condessa.

Sumiam-se os últimos resplendores da tarde,

quando os dois interlocutores se puseram em marcha para o Moinho.

## 11 OS TEMORES DE ROQUE

Enquanto a carta era levada pela corrente do Júcar, *Leal*, que observara o incidente, se lançou ao rio, apanhou o papel e ganhou a margem oposta.

Mal pôs pé em terra, partiu em desabalada corrida para o Moinho, onde penetrou sem ser visto.

O Conde ainda dormia, descansando da fadiga da manhã, quando o cão entrou e deixou no chão o papel.

*Leal*, apaixonado da caça, tendo encontrado um digno senhor, se dispôs a acordar o Conde. Saltou-lhe à cama e, com o brusco empurrão que lhe deu, Xavier despertou a esfregar os olhos,

— Oh! lá, *Leal*. Parece que me vens avisar e marcar a entrevista. Bravos! Não terás que esperar muito tempo.

Efetivamente, o Conde se levantou para vestir-se e, sentindo vazio o estômago, seu primeiro cuidado foi alimentar-se.

Tocou a campainha e um fâmulos se apresentou, ao qual perguntou ele pelo seu criado de quarto.

O fâmulos nada sabia. Apenas pôde informar que a senhora Condessa saíra em companhia do cura, a dar o seu primeiro passeio.

Xavier, certo de que a encontraria pelo caminho, tomou a escopeta, assobiou por *Leal* e se dirigiu alegremente para o bosque.

À pouca distância, topou com Roque que regressava ao Moinho.

— Aonde vais?

— Senhor, à procura de vossa mercê.

— Entregaste a carta?

— Sim. Entreguei-a e ela a leu.

— Que te disse?

— Nada, senhor Conde.

— Assim deve set. Segue-me.

Sem mais palavra dizerem, internaram-se no bosque. A caça fêz que Xavier olvidasse o seu propósito de encontrar a Condessa. Subindo morros e correndo planícies, divertiram-se até à noite.

Grande papel desempenhou *Leal*; não havia peça que não levantasse e, ao cair ferida a caça, levava-a para Roque.

Já noite feita, o Conde ordenou o regresso do criado ao Moinho, conduzindo a caça abatida.

— Mas, o senhor Conde vai ficar sozinho? — perguntou Roque.

— Nada tens que ver com isso. Quando voltares, vem disposto a esperar-me aqui, neste mesmo lugar, até que eu tome.

— Está bem, senhor Conde.

E Roque partiu, decidido a volver mais depressa do que o Conde imaginara.

Entrementes, Xavier se encaminhou para a choça de Maria, favorecido pela claridade que a lua nascente projetava na selva.

Não notou o Conde a presença de um homem que, escondendo-se por detrás dos troncos das árvores, não perdia de vista um só que fôsse de seus movimentos. Era Gregório, o coiteiro<sup>^</sup>

— Aonde irá ele? Que andarás procurando? Quem sabe se não pretende apanhar-me com a mão na massa? Estou meio tentado a lançar-lhe um balázio! Esta, sim, é que seria uma cartada em cheio.

Nesse momento, chegava Xavier ao ponto do rio onde se balouçava a barca. Julgando ser ainda cedo, sentou-se um instante, a refletir e a combinar seus planos.

Gregório, desorientado, decidiu, para ver se se confirmavam seus temores, esperar a uma distância razoável, às escondidas. *Leal* se deitou aos pés de Xavier e *Prist* fêz o mesmo ao lado de



Gregório.

Havia coisa de cinco minutos que cada um se entregava às suas meditações, quando um incidente inesperado veio despertar a atenção de ambos os caçadores. Um coelho, que sem dúvida buscava a sua lapa, saltou a meio da distância que separava um do outro.

Leal e Prist se lançaram em perseguição do animal.

O Conde, pela presença do outro cão, compreendeu que estava sendo espreitado. Levou à cara a escopeta e perguntou: Quem está aí?

Gregório, não querendo ser descoberto, pôs-se em fuga.

Convencido de que o seguiam, o Conde, para livrar-se do importuno, fêz fogo. A carga de chumbo foi ferir a Leal, que naquele momento cortava a trajetória do projétil.

Sentindo-se ferido, o pobre animal partiu como uma flexa para a cabana.

Xavier, esquecido dele, saiu em perseguição do fugitivo. Cansado afinal, de dar voltas sem resultado, encaminhou-se para a choça, onde encontrou Maria a lavar o seu cão.

— Que é isso, Maria?

A jovem levantou os olhos e, fitando-os no Conde, respondeu:

— Desfaço o que o senhor fêz.

— Que fiz, Maria?

— Sim, senhor Conde; o que a sua irreflexão fêz.

— Como hei podido fazer isso?

— Querendo evitar testemunhos...

— Causa-me estranheza, Maria, a segurança com que falas.

— Não estranhe, senhor Conde.

— Como não estranhar?

— Tenho quem me informe dos fatos que se relacionem com os seus pensamentos.

— Maria, ponhamos fim a este incidente. Se tal se deu, não foi porque tivesse eu a intenção de causar qualquer dano. Deixa essa atitude de pitonisa e lembra-te daquilo a que venho.

— E' inútil, senhor Conde; pode ir-se. <sup>1</sup>

— Não vim até aqui inutilmente; não descansarei um momento, enquanto não satisfazer ao meu desejo.

— Repito, senhor Conde; tenha a bondade de retirar-se.

— E' inútil, Maria, e te peço que não me obrigues a tomar à força o que não me concedes de bom grado.

— Insisto em repetir pela terceira vez que se retire, senhor Conde.

Este, a resmungar colérico, encaminhou-se para a porta da cabana e fechou-a.

Maria, guardando a mesma atitude, com a mão direita apoiada na arca que herdara do pai, esperava o ataque de Xavier.

Quando este se voltou para ela, disse-lhe a barqueira:

— O senhor não quis sair daqui, Conde; pois bem, detenha-se, ou invoco em meu auxílio o amparo da Providência.

— De pouco pode valer-te a Providência, Maria. Peia última vez, vem aos meus braços e faze-me ditoso.

E avançou para a jovem.

— Detenha-se, disse Maria, tendo tão perto de si o Conde, que, a um pequeno empurrão deste, ela tombara sobre a arca.

Neste instante, a porta da choça caiu, cedendo a um impulso do couteiro, que tinha a espingarda apontada para a cabeça do Conde.

Ao ruído, Xavier se voltou e, vendo-se frente a frente com o seu empregado, ao qual reconheceu à fraca luz que alumiaava a cabana, exclamou, em tom de reconcentrada raiva:

— Miserável!

— Senhor Conde — disse Gregório, abaixando a arma — ignorava que fôsse vossa fidalguia. Perdoe-me.

— Vai-te.

— Espere, Gregório — disse Maria, retendo o coureiro.

— Aonde vais, Maria.

— Entregar-me às feras do bosque, o que é preferível a permanecer aqui na sua companhia. E, sem atender ao Conde, encaminhou-se para a barca, da qual aquele não ousou aproximar-se. Gregório ficou estupefato diante da cena, sem poder retirar-se, nem articular palavra.

O Conde tomou rumo do Moinho.

Gregório o seguia cabisbaixo. Notando isso, o Conde voltou-se e lhe disse:

— Não preciso de tão pernicioso companhia. Vai amanhã ao Moinho para entregares a Couteria ao teu sucessor.

O coureiro rodou nos calcanhares, sem pronunciar uma sílaba.

Difícil fora descrever-se o estado de ânimo em que se achava Xavier. Frenético, venceu a distância que o separava do seu aposento, sem dar atenção ao que ia encontrando pelo caminho.

Fim chegando ao quarto, atirou-se na cama, a elaborar mil projetos de extermínio.

Roque, cansado de esperá-lo no lugar que lhe fora determinado, resolveu regressar ao Moinho, convencido, pelo que Gregório lhe referira ao topar com ele, de que o amo não o iria procurar.

Inútil dizer que o ódio se lhe acumulou no coração e que não pensava senão em vingar-se.

Seu primeiro cuidado, ao regressar, foi apresentar-se no dormitório de Xavier.

— Desde amanhã, serás o coureiro desta herdade.

— Muito obrigado, senhor Conde! — disse o criado de quarto que, ao inclinar-se reverente, deu com a vista num papel que se achava perto da mesa de cabeceira do Conde.

Reconheceu a carta e tal foi o seu assombro, que não pôde apanhá-la dissimuladamente.

O Conde lhe notou o movimento e perguntou:

— Que é isso?

— Um papel que me terá caído do bolso.

— Dá-mo.

— Sim... sim... é meu, senhor Conde — disse Roque tartamudeando.

— Meus criados nada de seu têm, dentro de minha casa.

— Adeus, couteria! — exclamou Roque, de si para si.

— Que? Caiu-te do bolso, dizes! E porque está aqui?

— Senhor, isso pergunto eu: como está isto aqui?

— Não me disseste que havias entregado esta carta?

— E tomo a repeti-lo, senhor Conde.

— Mentos!

— Se o senhor Conde assim o quer...

— Não o quero.

— Então, não sei o que responder. Ah! — disse, batendo com a mão na testa. — Já adivinho como terá voltado para cá: o senhor Conde com certeza a trouxe presa à capa.

— Como presa à capa? — perguntou Xavier, num ímpeto de raiva.

— Sim; ao sentar-se, ela se lhe pegou.

— És um miserável! Estás despedido da casa.

— Porém... senhor Conde!

— Vai-te daqui e não provoques mais a minha ira.

Roque saiu ainda mais desesperado do que o Conde que, apertando a carta nas mãos, exclamava:

# 12 EVOCAÇÃO EXTRAORDINÁRIA

Quando viu, da barca, que o Conde e Gregório se afastavam daqueles sítios, Maria se encaminhou para a primitiva palhoça, onde costumava evocar o pai.

Embora tivesse o ânimo fortalecido pela convicção íntima de suas crenças e pelo grande amparo que lhe dispensavam Espíritos superiores, como, neste mundo, por intermédio da matéria é que se sente, não podia deixar de estar atribulada com as rudes cenas que acabavam de desenrolar-se. Necessitava do bálsamo tranquilizador de sua alma e ia buscá-lo onde continuamente o obtinha.

Assim é que, chegando à palhoça, caiu de joelhos sobre a modesta tumba de seu pai.

Um misterioso raio de luz iluminava aquela figura que, banhada de copiosas lágrimas, exclamava, sorvendo o aroma das delicadas flores que ali colocara na manhã anterior.

— Pai nosso, fonte de bondade e de caridade imensa, luz das almas espalhadas pelos orbes, mágico ponto de apoio em cujo derredor giram os mundos, manifestações sublimes da tua grandeza, do teu poder, permite que venha a mim o Espírito protetor deste outro que, anelante, se arrasta pelo limo da terra, no incessante afã de libertar-se da sua hediondez; permite, se assim for da tua vontade, que em meio das minhas agonias eu tenha um consolo, para fortalecimento de minha alma. Tu, pai, intermediário dos meus anelos e do amor de Deus, chega-te a mim e me enxuga as lágrimas, se é possível, enquanto rogo por todos os desgraçados que no mundo somos.

Difícilmente se poderá explicar a sensação íntima, que Maria experimentava, desde o momento em que começava a sua invocação dirigida ao pai comum.

Se algum de vós outros, leitores meus, conheceis a ciência psicológica e, portanto, a mediunidade, sabereis também, seja por experiência própria, seja pelo testemunho de outrem, qual a sensação especial que experimenta aquele que, durante alguns momentos solenes, que conserva sob a influência de um Espírito benfazejo. Não é verdade que a alma transpira pelos poros? Não é exato que se vivem esses momentos num ambiente estranho, plácido e modorrento, embora não seja este o qualificativo que se lhe deva dar? E não é certo, também, que nesse insulamento em que fica, o médium sente a mágica atração de um poderoso ímã que o arrasta para o desconhecido? Pois, nesse estado vago, indescritível, nadava a alma de Maria, envolvida pela misteriosa atmosfera do extraterreno!

Os movimentos dos órgãos da sua substância material obedeciam, sim, às funções orgânicas desta, porém, sob a dependência do fio simpático e fluídico que a ligava à sua alma, que, então, descansava no seio do Espírito com quem ela se comunicava.

— Damos a conhecer aqui, por meio do diálogo seguinte, a interpenetração dessas almas, pois que assim é necessário, para que se compreenda, no mundo das formas, o que, sem estas, se verifica nos mundos superiores.

— Maria!

— Meu pai!

— Calma, minha filha. Tem fé, que ela te dará fortaleza, para chegares ao termo de tua prova e de tua missão.

— Todas as minhas dores nada são mais, compensadas pela satisfação que experimento ao achar-me no vosso amoroso regaço. Sou ditosa e a Deus peço quanto considere justo e oportuno ao meu progresso. Do mesmo modo vos rogo, meu pai, que não me abandoneis, pois, sem o vosso auxílio, sucumbiria na luta.

— Enquanto Deus o permita, estarei a teu lado, prestando-te esse amparo de que tanto necessitas, pois que te vi vacilar na cena com o Conde.!

— Vacilar a minha fé, não; o temor do sacrifício, esse, confesso, me fazia estremecer; porém, sempre esperei um auxílio providencial. Não me enganou o coração; esse auxílio me veio com a chegada do bom Gregório.

— Chamaste-o providencial e o foi, com efeito, embora o meu sucessor não haja acudido em tua defesa, mas para a sua própria.

— Como, meu pai?

— Não quero dizer com isto que deixes de ser- -lhe agradecida, pois o agradecimento que lhe dispenses é um tributo que nele prestas a Deus. Fica sabendo que Gregório se encontrou no bosque com o Conde; julgou que este último ia investigar-lhe o delito e, quando o viu dirigir-se para o teu asilo, imaginou que pretendia exigir de ti a delação de seus feitos, pois não ignoras que ele te propusera fosses sua cúmplice, para transportar pelo barco as madeiras cortadas, único lugar por onde essas saídas se poderiam fazer secretamente, visto que seria escandaloso transportá-las pelos lados de Mahora, dado que aos vizinhos dessa povoação está rigorosamente proibida a extração da lenha. Ao chegar à tua choça, Gregório te ouviu a voz alterada e pensou que o Conde exigia de ti, à força, a declaração testemunhal, tanto mais que não lhe deste certeza de que guardarias silêncio. Compreendeste ?

— Sim, meu pai; que por esta boa obra sua, Deus, se for para o bem e de justiça, lhe atenues as faltas.

— Vês como te acompanho, minha filha? Se eu não houvera sugerido tais ideias a Gregório logo que ele viu o Conde, certamente terias sido vítima do torpe furor deste.

— Obrigada, meu pai; obrigada, Senhor, por permitires que no seio de meu pai descanse dos meus temores, para recomeçar minhas tarefas no mundo.

— Sim, minha filha, tens razão em dizer — para recomeçar. Dias de duras provas te esperam. O valor que nelas demonstrares, a fé com que faças frente ao ímpeto malvado de teus inimigos, serão a égide e o amparo teus e deles. É preciso compreendas, Maria, que teus sacrifícios são o molde em que se vazará a felicidade dos seres que te cercam. Animo, minha filha! Não vaciles, não desesperes! Teu triunfo, tu o agradecerás a ti mesma, não só porque nele alcançarás a purificação, como também porque teu pai obterá a sua. Próximos vêm sucessos que não te posso dar a conhecer antecipadamente, porque, então, onde estaria o teu mérito, se eu o fizesse? Em compensação, indicar-te-ei alguns detalhes, que te servirão, se forem usados discretamente, para te poderes defender dos ataques que há-de sofrer. Está visto que, se os ponho à disposição da tua prudência, não é para que os utilizes em prejuízo de ninguém.

— Oh! sim, meu pai. Sabes que eu preferiria sucumbir a deixar que o mais insignificante ser exalasse um suspiro ou derramasse uma lágrima por minha causa. Estou pronta a ouvir-te, dando graças a Deus, por conceder haja recursos de que eu me valha, para benefício e progresso de todos.

— Alegra-me ver-te assim, minha filha. Escuta: Roque e Gregório, por suas delinquências e por efeito da soberba do Conde, entraram num inferno. Têm firmado o contrato que conheces e que não podem executar, porque o Conde os despediu a ambos de sua casa/

— De sua casa? Ai, pobres! Que irão fazer? Vão morrer de fome! São viciosos e é possível que se dêem ao crime.

— Sim, minha filha, estão mal, porquanto os que com eles contrataram hão-de querer vingar-se, se Deus não o evitar, por meio de suas leis naturais.

— E qual foi a causa, meu pai, se 'e' que a deva eu conhecer?

— Sim, minha filha. A despedida de Gregório decorreu da irritação do Conde, por ter sido ele teu salvador. A de Roque, por haver o mesmo Conde encontrado em seu quarto a carta que te escrevera.

— Como?

— Admiras-te? Verás. O papel escapou das mãos de Roque e foi parar ao rio. Leal o viu e o apanhou da corrente. Não tinhas nele tocado; o faro do cão percebeu na carta dois olores distintos: o de Roque e o do Conde. Sua inteligência lhe aconselhou que a levasse a este último, o que se verificou, sem que ninguém o notasse. O Conde, quando viu o papel em seu quarto, julgou que Roque o

havia enganado e, por desobediência, orgulhosamente o expulsou da famulagem.

— Pai, não sei se me atreva a perguntar-te porque se deu esse fato.

— Posso dizê-lo. Foi para que o Conde, agindo de harmonia com o seu caráter, desse causa a que esses dois desgraçados purgassem o seu delito, se, usando do livre arbítrio, optassem pelo caminho do bem, com o ficarem impedidos de executar o contrato que firmaram, teriam assim oportunidade de se arrependem. Deus, minha filha, põe sempre ao alcance daquele que tropeça um ponto de apoio para não cair. A questão está em que o homem aceite esse apoio, ou o despreze. A tal fim se encaminham as revelações que vou fazer-te, para que tu, oportuna e discretamente, impilas esses seres ao arrependimento e à emenda. Ouve, pois: o chefe dos contratantes dos cortes é o cura de Valdeganga, o qual, entretanto, fica a coberto de todo acontecimento infeliz, com relação a este ponto. Ainda mais: há cinco anos, um negociante de prata foi a casa do cura e do que falaram deduzirás pelos fatos. Dali saíram e foram à igreja, ajustaram o preço das alfaias de prata e ouro que nela havia e cujo valor representava soma bastante regular. O negociante receberia essas alfaias, à medida que fôsse remetendo outras análogas e de valor ínfimo, pois que muito longe estariam de ser de ouro e prata. Assim foi feito: o povo agradeceu ao cura seu interesse, porque este as apresentou como se fossem as verdadeiras, porém, limpas e melhoradas, havendo realizado seu negócio à sombra do zelo religioso e o comerciante o seu, fundindo umas e vendendo outras. Das vendidas, há na igreja E... um cálice e umas galhetas e na povoação K... está a custódia. O negociante de prata vive em Sevilha, rua... e é muito perito nestes negócios escabrosos.

Foi um desgraçado que por esse meio se ergueu da sua ruína, se bem ocultando o verdadeiro nome, porque o defunto Conde o houvera matado, onde quer que o encontrara. Chamou-se D. João; hoje se chama: casa de Esthewan & Companhia.

— Ah! meu pai! Quanto me pesa ter sido curiosa!

— O que deves sentir é o não poderes conservar esse pesar, pois no dia em que prescindisses dele, quanto perderíamos todos!

— Com a ajuda de Deus, meu pai, trá-lo-ei sempre em meu peito e dele não usarei senão nos momentos em que mo inspires.

— Assim o espero e não temo que uma imprudência venha alterar o caminho que deve seguir todo Espirito que tenda para o bem.

— Meu pai, será motivo de outro pesar para mim o te perguntar como se explica que eu tenha a pena de curar o inocente *Lea/f* Imaginei e temo que haja sido efeito de algum descuido meu, pelo qual me mande Deus esta pena.

— Maria, tudo tem sua razão de ser. Acresce que a cura de *Lea/* será uma prova geradora de fé para os incrédulos. Após esta, outra virá e, sobre este ponto, mais não te posso dizer, porque se prende ao que deves ignorar. Conformate com a ideia de que tens de sofrer muito; espera de ânimo sereno os acontecimentos; tem fé no coração e põe tua confiança em Deus.

— Meu pai, posto digas que a cura do meu *Lea/* tem já causa determinada, poderei saber que tratamento deva seguir para o curar?

— Sim; põe de infusão folhas de nogueira e casca de roble. Quando lavares a ferida, o que farás de quatro em quatro horas, decantarás uma porção desse líquido, misturando-lhe água magnetizada. Farei o resto.

— Obrigada, meu pai, obrigada. Tendo, como tens, mais possibilidade de o fazer, leva a minha súplica ao Eterno em favor de todos os que sofrem.

Consolada da sua tribulação, Maria reintegrou seu Espirito na forma perecível e entrou na vida transitória. Depois de alguns instantes de oração mental, retirou-se para a choça onde morava, a dar descanso ao seu organismo.

# 13 ACORDO DE FAMÍLIA

Na manhã seguinte aos sucessos que acabamos de relatar, no Moinho um acordo era estabelecido entre o cura, a Condessa e seu filho, referente às proposições do primeiro, mencionadas num dos capítulos anteriores. Depois do almoço, à sobremesa, eis como as três personagens se expressavam:

— Já faz alguns dias — disse a Condessa — que não me era dada a satisfação de ver-me entre os dois, como neste momento. Assim sendo e porque a ocasião é oportuna, tratemos de um assunto de alta importância, que não me atrevo a resolver por mim só.

— Esperamos impaciente, querida mãe, que exponhas a questão.

Enquanto o cura se entretinha a comer, com insaciável apetite, os doces que haviam posto na mesa, a Condessa, com certo ar de gravidade, falou deste modo:

— Soube esta manhã que o Senhor Conde, meu filho, despediu dois servidores desta casa. Não quero meter-me a averiguar o fundamento que para isso encontrou, tanto mais quando o senhor Conde sabe perfeitamente a proteção que eu a um deles dispensava: a Gregório.

— Gregório! — exclamou o cura, com um biscoito na boca, meio engulido.

— Sim, senhor cura — respondeu o Conde com voz firme. — Deixe que minha mãe continue.

— Senhor Conde, isto é uma iniquidade; um antigo servidor da casa!...

— Senhor cura, está feito e não tenho remorsos.

— Prossegurei, senhores — interrompeu a Condessa. E, dirigindo-se ao filho, acrescentou: — Não me oponho ao ato; eu esperava que, cedo ou tarde, o fato se daria. Já está feito, como dizes; agora, só nos resta ver de que modo remediaremos ao que seja remediável, com relação a um e outro, visto que não tenho predileção por ninguém. Não podendo Gregório viver desamparado, pois que já está velho, preciso é se lhe dê, até ao termo de seus dias, uma pequena pensão, que, se não sair da casa, senhor Conde, tirarei dos meus haveres particulares.

— Não sei porque hoje usas para comigo desse tom grave, severo.

— Então, não há motivo? — inquiriu o cura.

— A palavra ainda não foi concedida ao senhor cura — replicou o jovem. — Minha pergunta é feita à Condessa.

— Calma, meu filho; deixa que a discussão siga seu curso; o senhor cura também tem voto nesta matéria. Senhor cura, releve o temperamento do senhor Conde; é natural na sua idade.

— Senhor Conde, só o interesse que me inspira tudo que diz respeito à vossa família dita as observações que eu faça.

— Desculpe-me, senhor cura; mas, também tenho meu interesse. Continua, mamãe.

— Pois bem, dizia eu — ponderou a Condessa — que, se Gregório está despedido, tomo-o ao meu serviço particular.

O cura deixou escapar um suspiro, que só o leitor pode interpretar.

— Se os senhores Condes o quiserem — observou o pároco, dirigindo-se aos dois — eu lhes proporei um indivíduo, que é pai de família, para o lugar de coiteiro.

— Espere um pouco mais, senhor cura — retrucou a Condessa. — Com relação a Roque, o senhor Conde saberá o que fazer dele; porém, se insistir em não o conservar ao seu serviço, também o tomarei para o meu serviço particular. Não quero que haja alguém descontente em minha casa. Muitos são os pesares que trago comigo e não desejo amargar ainda mais os poucos dias que me restam de vida.

— Querida mamãe, cuidarei de Roque, uma vez que o desejas. Nenhuma pena te quero causar. Fá-lo-emos coiteiro.

— Como! Pois não serve, pelo seu caráter abusivo, para o lugar de camareiro e quereis utilizá-lo no de coiteiro? — obtemperou o cura, com manifestos sinais de prevenção.

— Senhor cura, isso entende com o meu interesse. Se fôsse do da Condessa, levá-lo-ia em conta.

- Repito, senhor Conde, se mo permitis, que só o interesse da casá me inspiraº
- Obrigado, senhor cura — disse o Conde.
- Meu filho — exclamou a Condessa — domina-te, ao menos por um instante, para concluirmos; temos que tratar de assunto mais importante do que este e é: o destino da barqueira. O senhor cura me convenceu de que é preciso afastá-la daqui.
- Que! Trata-se de Maria? — perguntou o Conde admirado.
- Sim, trata-se — respondeu o cura. — E' preciso absolutamente, porque convém aos interesses da religião, que essa feiticeira abandone estes sítios quanto antes.
- Tudo isso será condicional — acrescentou o Conde —; pois, segundo pensa a senhora Condessa, tal coisa não se pode dar. Maria tem o direito de permanecer aqui.
- E' exato; porém, este é um caso excepcional; mas, propendo muito para a opinião do senhor cura.
- Vejamos, mamãe, as condições.
- Penso, meu filho, em lhe ressarcir os prejuízos nos limites do que seja natural e justo. Desse modo todos ficarão satisfeitos.
- Se ela anuir, concordarei; de outra forma, serei o paladino de Maria neste caso.
- Que contraste! — exclamou o cura —; ontem, a Condessa defensora contra seu filho; hoje, o senhor Conde contra sua mãe!
- Não percamos tempo em digressões — interrompeu a Condessa. — Estou resolvida a ir esta tarde ter com Maria e desejo levar-lhe formulada a proposta. Por isso, pergunto: que é o que lhe devemos oferecer, para que ela aceite?
- Qualquer coisa, senhora; com o destiná-la a outro ponto distante daqui, creio que tudo se conseguira. Se não se conformar, faremos intervir a autoridade.
- Em meus domínios, não há outra autoridade além da minha e, se o senhor padre me apertar muito, direi que nem outra vontade tão-pouco.
- Meu filho — disse a Condessa — acalma-te; falas com um ministro do altar. Não se explica o teu interesse por Maria.
- Presumam-no, pois que não é caso de o declarar eu.
- E' suspeito o que dizeis, senhor Conde — ponderou o cura.
- Por sua conta, suspeite o que quiser; por conta minha, não há sequer o que externar.
- Como sacerdote, a minha missão me dá o direito de fazer sentir onde está a falta.
- Quem lhe pedir tal observação o poderá escutar; mas, officiosamente, não me é dado ter a paciência que a sua religião ordena.
- Vamos, meu filho — disse a Condessa pacientemente: — com as tuas observações, não concluiremos nunca. Creio que o que devemos propor a Maria...
- Isso é que é oportuno — interrompeu o cura.
- Fique a meu cargo escolher o lugar para onde ela vai e preparar-lhe a habitação — disse o Conde.
- E' meu esse encargo, senhor Conde — disse a mãe, intencionalmente.
- Oh! sim, isso toca à Condessa — observou o cura.
- Julgo seria bom que me acompanhasse para o meu retiro monacal — ponderou a fidalga.
- Não me parece mau — opinou o cura.
- Pois a mim não me parece bem — disse o Conde.
- Porquê, meu filho?
- Vais levar uma feiticeira para um convento ?
- Precisamente — explicou o cura — para que se arrependa e entre no caminho de Deus.
- E' isto — disse a fidalga.
- Também é o meu intento, mamãe; porém, antes, é preciso que entre nos meus cálculos.

— Causa-me estranheza essa tua maneira de falar. Quais podem ser os teus cálculos, respeito a Maria?

— E'-me indispensável, mamãe, declarar-lhe algo, com referência a ela. Não quero dizer que pretenda fazer de Maria uma condessa, se bem tudo possa acontecer.

— Jesus! — exclamou a dama.

— Ave Maria puríssima! — ajuntou o cura.

— Não há do que se admirem; o senhor Conde tomou por esposa minha mãe, que nenhum brasão tinha, além da sua beleza.

A Condessa baixou tristemente a cabeça e o cura ergueu os olhos para fitar o jovem.

— Não seria, pois, estranho que eu tivesse capricho idêntico ao de meu pai.

— Oh! não deixaria de ser um disparate — considerou o cura.

— Senhor cura, essa maneira de qualificar ofende a minha mãe; se eu o cometesse, apenas imitaria a meu pai.

— Não, meu filho; para mim, não há ofensa, porquanto a nobreza eu a recebi do Conde; não tens razão de recriminar o senhor cura.

— Bem — disse o Conde —; vejamos o que se resolve com relação a Maria.

— Qualquer coisa — disse o cura — menos o disparate que imaginais.

— Parece-me, senhor cura, que me verei forçado a dispensar-lhe o voto.

— Já que o senhor Conde se obstina em interpretar mal o meu interesse, calar-me-ei.

— Não faça caso do seu caráter violento, senhor cura. Quanta desgraça lhe acarretará ele, se o não modificar! Fica resolvido que nos entrevistaremos os três com Maria.

— Dando-se essa casualidade, prometo deixá-los livres; não desejo intervir de modo algum no ato — observou o Conde. — Entretanto, não declino do direito de assistir à entrevista. Do que faço reserva é da minha decisão particular.

Apenas acabara de proferir essas palavras, o Conde se levantou e dirigiu-se para o seu quarto.

— Senhora Condessa, estou sufocado! Sòmente por não lhe contrariar o desejo, consenti em meter-me neste assunto — exclamou o pároco ao ficar a sós com a fidalga.

— Não faça caso, senhor cura; o Conde é muito moço e de gênio vivo; com calma e paciência é como se logrará mudar-lhe as impressões.

O cura acompanhou a Condessa até à porta de seus aposentos, onde se despediu, encaminhando-se logo para o que lhe fora designado, a fim de dormir a sesta.

## 14 O DESPEITO DOS PERDIDOS

Ao dia seguinte, pela manhã, na choupana da barqueira, conversavam esta e Gregório.

Enquanto Maria preparava o almoço, dizia-lhe o coiteiro, em tom sombrio:

— Viste, Maria, que sorte... a que tive, por acudir em tua defesa?

— De nada sei, Gregório. Se não te explicares ...

— Despediram-me da casa.

— Isso temi eu que sucedesse.

— Porquê?

— Porque a tua conduta não é a melhor, nem a que merecem teus senhores.

— Não compreendo... Quando tiveram eles criado mais fiel do que eu?

— Se tens sido fiel servidor dos Condes, "pobres Condes!"

— Porque dizes isso, Maria?

— Porque precisamente acho que teus senhores nunca obraram com tanta justiça como esta noite.

— Onde está essa justiça? Eu, que fui o cão fiel da Condessa em mais de cem ocasiões compro-



metedoras; eu, que de continuo me sacrifiquei por eles! Ingratos! Nem com todo o seu Condado têm com que pagar os meus serviços.

— E tu, com que pagarias aos Condes a tolerância de que têm usado para contigo?

— Tolerância! Chamas tolerância a fatos como o da noite passada?

— Vemos sempre a palha no olho alheio.

— Maria, tu, com esses ares de feiticeira, queres ter razão em tudo. Poçém, por mais que te esforces, perdeste para mim todo o mérito, assim como o Conde todo o carinho que lhe dedicava.

— Lembras-te, Gregório, de quando quiseste associar-me a teus atos, com aquelas propostas que recusei aceitar? Se houveras desistido de teus criminosos propósitos, não te verias exposto a sofrer o que lamentas. A justiça de Deus se manifesta em tudo. Nada ocorre, nesta vida, não há passo, nem ação que não tenha sua consequência legítima. E o mais triste, Gregório, é o te encontrares em risco de comparecer perante um tribunal.

— Que estás dizendo, rapariga? Julgas que me aterrorizas com este ar de proteção que tomas para comigo? Não, tu não és adivinha, nem feiticeira, mas uma solene impostora.

Maria sorriu e dirigiu um olhar compassivo ao couteiro, ao mesmo tempo que dizia:

— Infeliz! Quem gosta do perigo nele perece. Supuseste que as tuas secretas maquinações nenhuma consequência teriam? O mais escondido é exatamente o que primeiro se pega e foi precisamente o que se deu contigo.

— Não te compreendo.

— Sim, Gregório, sim. Quem te manda dispor do alheio?

— Dispor do alheio!

— E quando te reclamarem o que vendeste e não puderes satisfazer ao compromisso que assumiste? Dificilmente vejo uma saída para o teu caso, se não tiveres o amparo divino. Deus castiga, como vulgarmente se diz, e não é a pauladas. Não mereces apenas sair da casa do Conde, mas um presídio.

— Maria, tu me estás insultando! Alegras-te com a minha desgraça?

— Pobre Gregório! A verdade é amarga. Quero levar-te ao bom caminho; quero tirar-te dos apuros em que te vês; quero matar a tua cobiça e o teu egoísmo.

— Não preciso do teu amparo. Que proteção me podes dar tu, que não pudeste sustentar-me antes que viesse o fracasso?

— Ah! Gregório! De que te servem os anos que hás vivido nesta miserável terra? Que é o que vais levar para a outra vida, capaz de te regozijar a alama?

— Para a outra vida! Largo é o prazo.

— Oh! Pois não estás muito longe de o veres vencido.

— Com que então, segundo pensas, breve estarei de viagem para o outro bairro? Tanto te acostumaste a profetizar, que te parece verdade. . .

— Ali vem o outro — interrompeu a moça, indicando Roque que se encaminhava para a choça.

— Bons dias, senhores — disse este último, ao penetrar no recinto.

— Bons dias — responderam ambos.

— Que tal, companheiro de desdita? Passou o susto?

— Arrasto sempre com firmeza o que ocorre.

— Depois do bom tempo vem o mau. Com o que, se este é bom, aplique o conto.

— Que diferença entre os dois! — disse Maria. — Um contente, sorumbático o outro. Que contraste!

— Tenho aprendido que tristezas não pagam dividas.

— Assim é... — acrescentou Maria. — Adormece na confiança, que dela terás a paga.

— Roque — perguntou Gregório — a que trabalho pensas dedicar-te agora?

— Ao mesmo, ao mesmíssimo em que vosmecê pensa.

— Eu não penso em coisa alguma.  
— Nem eu tão-pouco. Venho por isso pedir um conselho a Maria. Não dizem que é adivinha?  
— Se o conselho de Maria te sai como o que me deu a mim...  
— Tudo se poderia dar, senhores; nem sempre as coisas saem como as desejamos.  
— Pois, vejamos: estou impaciente por saber o que vai suceder.  
— Exatamente o mesmo que eu disse a Gregório: se não fores para um presídio, será por misericórdia de Deus.

— Presídio! — Isso é pior do que fumo.<sup>x" ^</sup>  
— Não entendo essa história de fumo — disse Gregório.  
— Não entendes? Pois não diz a copla:

*Atrás do fumo está a brasa  
Atrás do presídio a pena,  
Nos teus olhos o inferno,  
Onde a minha alma se queima.*

— Sempre leviano e imponderado — exclamou Gregório.  
— Leviano ou não, vejamos o que nos diz esta formosa adivinha.  
— Oh! se esperas guiar-te pelo conselho que ela te der, já podes ir pondo às costas a trouxa. O diálogo dos dois compadres fazia rir a jovem.  
— Eu — disse Roque — só quero que me digas onde vou comer hoje.  
— Eu — disse Gregório — saber o que vai ser de mim, depois de tantos anos de sacrifícios.  
— Ambos vão ficar satisfeitos, porque o horóscopo de um é idêntico ao do outro. Não ficareis desamparados; porém, deveis ter paciência e suportar os trabalhos que, para gozardes do bem e poderdes apreciá-lo, Deus vos mande.

— Do que seja esperar, nunca me devo ter cansado, pois estou esperando desde que nasci — disse Roque.

— Eu, para esperar, já estou muito velho; preciso de realidades e sem demora.  
— Consolai-vos, que não está muito distante a realidade.  
— Ora vamos: dize o que a mim me tocará — disse Roque.  
— Continuarás a ser empregado da casa dos Condes.  
— E eu? — perguntou Gregório.  
— Tu continuarás despedido da casa.  
— Homem, bela esperança me dás! Despedido da casa!  
— Em compensação, não te faltará auxílio: a casa te socorrerá com uma caridade que não mereces.

— Não me venhas com recriminações.  
— Muito bem: nada mais falta, senão que se cumpram as tuas profecias — disse Roque.  
— E se não se cumprirem? — observou Gregório .

i— Conformer-nos-emos.

— E' claro — disse Maria.  
— Eu não me conformo — declarou Gregório.  
— Qual nada: que te dêem o que tu deste.  
— Essa não é a questão, Roque; levas tudo de brincadeira.  
— Repito novamente que tristezas não pagam dividas.  
— Não sei que ideias tem este Gregório — observou Maria — que tão incontentável se mostra.

Sonhou ser rico e...

— A cobiça rompe o saco — concluiu Roque.  
— Assim é — afirmou Maria.  
— Ora, isto é a mesma coisa que nada — disse Gregório, levantando-se e dispondo-se a partir.  
— Aonde vai você, compadre? — inquiriu Roque, detendo-o. — Não vê que a terra afunda onde

quer que pisemos?

— Bem o vejo, com grande pesar meu.

— É preciso que tenhais a bondade de me não prender aqui por mais tempo, a menos que desejeis consultar-me sobre alguma coisa e eu possa servir — disse Maria.

— Senhor! a isto em minha terra se chama — pôr-nos na rua.

— Não é tal; é que tenho obrigações a cumprir. Há sempre gente à minha espera na barca. Por conseguinte, se quereis continuar em minha companhia, acompanhai-me até lá.

— Não é preciso; eu me vou. Vim somente a convidar-me para logo mais — disse Roque.

— Ficas convidado.

— Vamos.

E os dois, tomando por uma vereda, se afastaram da choça. Largo tempo andaram sem dizer palavra. Por fim, sentaram-se no lugar onde costumavam reunir-se. Depois de se olharem mutuamente, por um instante, perguntou Roque:

— Que vamos fazer?

— Mas, é necessário pensemos nalguma coisa. .. Nada te ocorre?

— Oh! sim; porém, o que imagino não pode produzir grande resultado.

— Desembucha! Dar-se-á que vamos ficar ricos?

— Quem duvida? Isto é; se me não enganam as minhas presunções. Faz-se mister saibas, Roque, que não longe de nós há tesouro, que o meu antecessor legou à sua filha. Fazendo-nos donos dele...

— Homem! Magnífico plano!

— Sim, sim — acrescentou Gregório, pensativo. — Coordenemo-lo entre nós.

— A ver como o executaremos.

— Para isso — continuou Gregório — indispensável se torna que aproveitemos a ausência da pequena.

— E como o faremos?

— Procurando levá-la para fora daqui.

| — Não te ocorre de que modo o poderemos conseguir?

— Não.

— Nesse caso, esperemos uma ocasião e, se não a perdermos, lograremos o nosso intento.

— Combinados?

— Combinados; sempre compadres, até ao fim.

## 15 A PROPOSTA

No dia seguinte, o cura e a Condessa foram à choupana da barqueira, com o objetivo de executarem o acordo de família.

Maria se achava no lugar do costume, porém não esperava a visita dos dois.

Ao vê-los chegar, saudou-os com estas afetuosas palavras:

— Senhores, Deus vos guarde e dê tanta ventura quanta vos desejo.

— Obrigado, menina. Vimos à tua procura para falar-te, porque nos interessamos pelo teu futuro.

— Muito agradecida, senhor cura; muito agradecida, senhora Condessa. Não mereço tanta atenção, nem tanta felicidade.

— Não, Maria; és digna de toda consideração e isso é o que nos traz aqui.

— Muito agradecida, repito, Senhora. Como tanta dita não cabe em mim, não deveis estranhar que de meus lábios se derrame gratidão.

— Como quer que seja, Maria — disse o cura — conviria que, feitos os cumprimentos, oferecesses um assento à Senhora Condessa.

— Sinto, senhor cura, não poder oferecer à Senhora Condessa mais do que um humilde tam-

borete.

— Tudo serve, pequena, quando oferecido de boa vontade. Vamos ver — disse o pároco, sentando-se noutro tamborete que a moça lhe apresentou — vamos ver se concordas com o que te vimos propor.

— Vejamos de que se trata; não devo esperar senão ventura, de uma tão honrosa visita.

— Tem a palavra, de direito, a Senhora Condessa, pois é quem faz a oferta.

— Sim, minha filha; causa-me dó ver-te nestes sítios, porque és digna de coisa melhor. Assim, pois, eu, que te quero fazer justiça, que aprecio a tua modéstia, venho propor-te que me acompanhes.

— Senhora, eu aceitaria de muito bom grado, se uma circunstância mo não impedisse. Sinto-o deveras, senhora Condessa, pois compreendo que iria ser muito ditosa.

Aproximando a boca do ouvido da Condessa, murmurou o pároco:

— Magnífico! Encontramo-la bem disposta.

— Estais enganado, senhor cura, pois já a ouviste dizer que uma circunstância lho impede. Espero que Maria nos explique qual é a circunstância — acrescentou a Condessa.

— Pois não, senhores. Essa circunstância fàcilmente a perceberéis, porquanto não ignorais que aqui morreu meu pai, e isso, como o haveis de compreender, é o que me retém nestas paragens.

— Maria, se houvéssemos de permanecer onde nos morreram os pais, nunca nos moveríamos do nosso lugar.

— Se eu houvera tido, senhor cura, a fortuna de o haverem levado para o cemitério, não me veria na necessidade de montar guarda ao seu corpo.

— Minha filha, muito o senti; porém ele morreu sem confissão.

— Não me queixo, senhor cura. Verdadeiramente, um favor me fizestes com isso e eu vo-lo agradeço.

— Não compreendo porque Maria.

— Sim, senhor cura, porque desse modo o tenho a meu lado.

— Bem; antes assim; se estás de acordo, não tens de que te queixares.

— Não me queixo; mas, nunca poderei olvidar o espírito de intolerância da vossa religião católica.

— Que é isso, Maria? Quem és tu para falar da religião.

— Uma "feiticeira", senhor cura — respondeu irônicamente a jovem.

— Por isso mesmo deves abster-te.

A Condessa se interpôs entre o cura e a barbeira.

— Não é esta — disse — a questão que temos de deslindar. — Queres ir comigo para Madrid?

— Senhora Condessa, é-me impossível. Meu pai consagrou-me aqui a sua vida; sinto-me obrigada a consagrar-lhe a minha.

— Mas, minha filha, tanto lha podes consagrar aqui, como em qualquer outra parte.

— Preciso, Senhora, viver neste lugar, pois, em qualquer outro, seria planta exótica.

— Senhora Condessa, esta pequena julga que com o dizer-se feiticeira está autorizada a nos insultar a todos.

— Onde os insultos, senhor cura? Não fiz mais do que manifestar meu sentimento por haverdes privado meu pai do direito comum. Se ele estivesse, como os outros, no cemitério, fácil me seria agora acompanhar a Senhora Condessa.

— Não te importes com isso — disse a Condessa. — Se quiseres, mandarei enterrá-lo no meu panteão.

— Obrigada, senhora, um couteiro não merece o lugar de conde.

— A senhora Condessa não vê inconveniente em dar a teu pai as honras de Conde, contanto que a acompanhes...

— De nada necessita quem tudo tem.

— Como é isso? — repetiu o cura. — Ainda te aventuras a dizer que ele goza da vida eterna?

— Não me entendeis, senhor cura! Espírito superior, segundo creio, aos que aqui nos achamos reunidos, nada lhe podem agradar as pompas humanas; o que agrada aos habitantes de outras esferas ultramundanas é o amor, o anelo à perfeição, numa palavra, o caminho do bem.

— Habitantes de outras esferas? — perguntou, admirada, a Condessa.

— E' uma blasfêmia, senhora — disse o cura.

— Blasfêmia! Onde aprendestes, senhor cura, que nós os habitantes da terra somos os únicos seres espirituais do Universo? Quem vos disse que todos os mundos, que observais nas noites serenas, rolam no espaço somente para diversão de nossa vista? Será, porventura, tão apoucada a ação divina que todo o seu poder criador se concretize nesta insignificante lentilha?

— Vistes, senhora, que atrevimento? Ousar negar a Bíblia!

— Quem assim fala, senhor cura, permiti-me dizê-lo, não conhece o livro que cita.

— Maria, é melhor sairmos deste terreno, disse a Condessa.

— Vai acabar nos infernos! — acrescentou o cura.

— Conforme, porque não estamos longe deles.

— Bem o creio.

— Mas, o caso é que me estais fazendo companhia.

— Como ê isso?

— E' que estamos neles.

— Não tens o temor de Deus!

— Senhor cura, bom seria puséssemos o temor de ambos nos pratos de uma balança.

— Maria! estás insultando o senhor cura — observou a Condessa.

— Não, senhora, pelo contrário, dou-lhe razão, pois que, efetivamente, não temo a Deus.

— Sacrílega!

— Devagar, senhor cura; eu o amo e é o que não fazeis. Se vossa reverendíssima e a senhora Condessa quiserem ter a paciência e a bondade de ouvir-me, serei mais explícita.

— Não, Maria — retrucou a Condessa, para cortar o incidente.

— Perdoe-me, senhora; deixe que fale essa filha de Caim; é preciso confundi-la; sou a sentinela avançada da religião entre os meus fiéis e estou decidido a acabar com a sua feitizaria. Fala, se te atreves.

— Senhor cura — interveio a Condessa — compadeça-se desta infeliz.

— Perdão, senhora — disse Maria — se crêdes que é falta de respeito, farei ao senhor o obséquio de calar-me; porém, se mo permitirdes e se ele se conformar, começaremos a primeira das nossas conferências, porque tenho pena do senhor cura.

— Tu! pena! E' a pena de Lúsbél! *Fugite mar ledicta.*

— Não mudei de ser, senhor cura; sou a mesma, a que não teme a Deus, a que não lhe tem a Ele senão amor e a todas as suas criaturas, que são minhas irmãs. E' o que vos vou provar, figurando que cada um de nós dois está no prato de uma balança.

— Maria! Olha que é um sacerdote!

— Ah! senhora! Assim parece; mas, é que não o conheceis.

— Que pretendes, miserável!... bramiu o cura, tremendo de raiva.

— Devagar. Vou provar-vos, que não ireis, mas que já estais no inferno e que, comparando-me a vós, devo estar na glória!

— Que descaramento!

— De fato, assim é: Deus me perdoe, porém sinto em mim alguma coisa que me diz ser preciso. Vós, senhora, vindes por fraqueza acompanhar a um homem que está desejoso de me afastar daqui, porque isso convém aos seus interesses particulares. Acreditastes nele com uma candidez que se origina da vossa fraqueza.

— Maria! — exclamou a Condessa.

— Esperai, senhora; se minto, mandai que me atirem ao rio. Quem assim pensa não pode ser irmão de seus irmãos e, muito menos, pai, ou égide dos seus sectários. Todo o vosso rancor, senhor cura, tem por única razão as minhas práticas cristãs de dar esmolas, curar os meus irmãos, aconselhá-los, tudo fazendo da mesma forma e maneira por que o fizeram a mim. Colhi o fruto que Jesus oferecia, quando aconselhava que assim fizéssemos. Esta a minha culpa toda. Não temo a Deus, porque Deus não me há-de castigar. Sua misericórdia infinita atinge o maior dos criminosos, porque junto aos delitos detes estão o meio e a oportunidade do arrependimento, força purificadora de seu Espírito. Deus não tem penas eternas para seus filhos, porque Deus não é soberbo, como este senhor cura. Se alguma vez tivesse eu de expiar um crime, senhora Condessa, por ditosa me daria, visto que esse é o meio de me aproximar de Deus.

— Não sei como tenho paciência para te ouvir. Com que então negas o inferno?

— Ora, senhor cura, estais equivocado. Não posso negar o que existe. O inferno e a glória se polarizam. Tirai daí a consequência.

— Então, que é o que entendes por inferno e por glória?

— Oh! vou dizê-lo, em que vos pese, com duas palavras. Não temais que a senhora Condessa seja testemunha, pois, saturada das suas próprias penas, não se sobrecarregará das alheias e as esquecerá. Escutai-me. A glória e o inferno estão aqui: aquela é a satisfação imensa que resulta da conformidade da nossa razão com a nossa consciência. Esta doce harmonia é que gera o bem-estar, que não é senão o amor, a paz e a fé. A desarmonia entre a razão e a consciência, efeito sempre das nossas tendências sensuais, é o inferno. Se não, dissei-me: o padre que adultera os princípios que professa, vendendo caridade sob o título de esmola; que substitui os teôuros que lhe confiaram, auxiliado por um Es-thevan & Companhia, que noutro tempo se chamou D. João...

A Condessa estremeceu; o cura ficou estupefato.

Maria prosseguiu:

— .. e residiu em Sevilha, na rua que sabeis, senhor cura, e eu, também; que com esse indivíduo confabula de noite, quando não há ninguém que observe, tratando de fraudes e contrabandos; que, a título de beneficiá-lo, vem expulsar do seu pobre asilo um ser humanamente desamparado, estará senhor cura, tranquilo? Dormirá sua alma, se é que a alma dorme, sem que o coração lhe palpite descompassadamente? Certo que não. Pois bem: esse é que está no inferno. Sim, senhor cura, quem assim sente se queima nas chamas que imaginais situadas nas maiores profundezas do globo. Estais enganado, senhor cura, porque elas ardem no profundo abismo do coração.

— Toma cuidado! Tu me insultaste e eu vou levar-te aos tribunais.

— Tanto pior para vossa reverendíssima, senhor cura. Tenho a certeza de que não o fareis. Estou certa disso, porque não tendes coragem para sofrer as provas que então vos conduziriam à glória.

— Maria — disse a Condessa — deves ter presente o ministério do senhor cura e ver que a tua atitude não é a que deveras guardar neste instante, em que vim para estabelecer a conciliação.

— Senhora Condessa, meu pendor para a harmonia é que faz me exprima eu deste modo. Ele me obriga a mim, mais humilde do que todos, a dizer à senhora Condessa que estaria pronta a lhe aceitar a proposta, se causas superiores à minha vontade não mo impedissem.

— Agradeço-lhe a intercessão, para pôr termo ao desacato desta pequena à minha dignidade. Porém, quanto ao que ela merece, deve a senhora Condessa deixar que me escute e obrigá-la a ter paciência, como a tive com a sua altivez.

— Não convêm disputas neste lugar e muito me desgostam, senhor cura. Da parte de algum de nós há-de estar a prudência.

— Senhora, eu sentiria ter sido importuna; mas, não havendo imaginado que o fosse e tendendo à harmonia, é que falei dessa maneira. Estou disposta a ouvir o senhor cura.

— Péssimas mostras dás de harmonia, quando comesças por atacar um sacerdote, esquecida do

respeito que merece e que se lhe deve.

— Rendo ao senhor cura, à senhora Condessa e a todos em geral, o respeito que reclamam e a atenção que merecem. Porém, saiba a senhora Condessa que, para tornar útil o animal nascido na selva, é preciso domesticá-lo.

Ao ver-se o cura comparado aos irracionais, chegou ao auge do furor e se dirigiu com olhos ameaçadores para Maria.

A serenidade desta, ao mesmo tempo que uma exclamação da Condessa, o contiveram em seu despeito.

— Já o esperava, senhor cura; bem se vê que depressa esqueceis a vossa mansidão.

— E' impossível; nunca cheguei a imaginar que eras tão atrevida. Dá graças à senhora Condessa, a quem, pelo respeito que lhe tenho, deves tu o não responder eu, como mereces, aos teus insultos. Quem te autorizou, grosseirona, a me chamar selvagem?

— Tal não disse eu, senhor cura; lastimável- mente vos equivocais. Ao demais, pedir-vos-ei perdão e as mãos vos beijarei, se esta demonstração for necessária. Dê-me o senhor cura suas razões e talvez nos entendamos .

— Razões! quem vai discutir contigo, com uma endemoniada, com uma feiticeira, como publicamente te chamam?

— Sinto-o, senhor cura. Desse modo vos verei distanciado da verdade e experimentarei o sentimento de verificar que, de vossa parte, não colaborais para a harmonia. Numa palavra, se não me ajudardes, senhor cura, impossível me será tirar-vos do inferno.

O cura se pôs a rir sarcásticamente e, voltando-se para a Condessa, disse:

— Está visto, senhora, não há meio de transigir.

— Sim, enquanto não apresentardes outras razões, que não as que acabais de expender, dificilmente convencereis a quem quer que seja.

O cura lançou-lhe um olhar de desprezo e lhe deu as costas, fingindo distrair-se com a corrente do rio.

— Fizeste-me passar um mau momento, Maria.

— Perdoai-me, senhora, toda verdade é amarga, quando em oposição aos nossos hábitos e maneira de sentir.

— Ainda quando seja certo isso, foste cruel e muito mal ficam em teus lábios essas palavras de reconvenção para com aquele que vem decidido a servir de intercessor para melhorar a tua sorte.

— Melhorar minha sorte, senhora! — exclamou Maria. — Para isso, é preciso que eu ambicione melhorar a minha situação, que não esteja satisfeita com ela.

— Está claro. E\* justo e natural que desejes melhorar.

— Senhora Condessa, sinto, em verdade, ter que vos tirar desse erro, pois acredito que, pelos vossos bons desejos, imaginastes estar trabalhando pela minha felicidade. Não estou descontente, senhora, mais ainda: sou ditosa. Nem a senhora Condessa, nem ninguém no mundo me poderá dar outro estado melhor. Porém, repito que agradeço os vossos bons desejos.

— Pois quê! és ditosa?

— Oh! sim! quem pode duvidar, senhora?

— Não entendo. Onde a tua dita?

— Aqui — respondeu Maria, pondo a mão no peito. — Este coração não bate pelas comodidades da vida; não anela pela nobreza e pelo fausto. Para ele, as riquezas são um peso enorme, tanto assim que, quando tem alguma coisa, logo a dá. Minha alma, senhora, só goza na paz e na tranquilidade do sonho. Em troca de tudo isso, que possuo, quereis dar-me azares, inquietações e lágrimas... Ah! senhora! guardai o vosso tesouro, que essas são as alfombras do inferno.

— Maria, estás em erro. Falas assim, porque não conheces outra coisa, nem outra vida, senão a que te é habitual e, segundo o teu exagerado modo de sentir, é inferno, na tua opinião, tudo o que

ainda não viste. Quem te disse que não há no mundo felicidade, senão para os seres que vivem como tu?

— Não pretendo que a felicidade também ali não exista; mas, apenas, que, já a tendo eu aqui segura, não me parece deva abandoná-la por uma eventualidade.

— Tudo isso, para mim, não significa mais do que propositada insistência na tua oposição. Experimenta-o, ao menos, e terás fundamento para o apreciar. Eu projetara que me acompanhasses a um retiro, onde juntas nos consagraríamos, em comum com as religiosas do convento, a honrar e adorar a Deus. Uma vez que gostas da vida retirada, não vejo que haja outra melhor, sobretudo quando lá estarás livre destes trabalhos rudes, em que agora te aplicas, e isenta dos perigos a que te achas exposta neste lugar.

— Agradecida, senhora, muito agradecida. Não encontro palavras com que exprima o meu reconhecimento; porém, como as minhas crenças se orientam por uma ordem de ideias diversas das vossas, é absurdo, no meu modo de sentir, que, tendo vindo a este mundo para ser útil e assim considerando em minha consciência, vâ encarcerar-me por prazer e vestir hipòcritamente meu corpo com os trajes do egoísmo. Digo-vos, por minha vez, senhora Condessa, que, não conhecendo senão a vida que vos é habitual, não compreendeis a satisfação e o imenso prazer que experimento quando, chegada a noite, reclino a cabeça na minha dura almofada, certa de que cumpro o meu dever.

— Então lá não se cumpre com o dever? — perguntou a Condessa.

— Não faça caso desta louca — interrompeu o cura, sem poder conter-se.

— Não, senhor cura, lá se está no inferno.

— Tudo, para ti, é inferno.

— Claro. Que significam, senhora, a discórdia, a divergência das ideias, a inutilidade, visto que lá nada mais se produz, além dos cânticos harmoniosos que em nada aproveitam aos desgraçados? Se me houvésseis convidado para ir tratar de enfermos nos hospitais, seria outra coisa; mas, vestir figuras de madeira!— Adquiro mais mérito aqui, senhora, transportando de graça o viajante.

— Está visto que te não deixarás convencer — disse a Condessa.

— Recorramos ao alcaide de Mahora, cujas razões serão mais convincentes.

— Ameaças, senhor cura! Faz-me pena! Estou tranquila; não temo que o alcaide me venha incomodar. Bem vêdes que o vosso intento se frustra de todas as maneiras.

— Não é ameaça, Maria — disse a Condessa — pois, é fácil que o senhor cura passe a te apreciar, apesar da ofensa que lhe fizeste. Cumprimos o nosso dever, praticando um ato de caridade. Pensa bem. Depois de haveres meditado,, comunica-nos a tua resolução.

— E' coisa resolvida, senhora Condessa, e vos exprimo todo o meu agradecimento por tanta caridade.

— Veja quão ingrata é, e grosseira — observou o cura à Condessa.

Maria, com a calma que lhe era natural, replicou :

— Senhor cura, permita que lhe diga que ou não sabe o que é caridade, ou está cheio de raiva.

— Essa é a tua enfermidade, endiabrada, que até a palavra caridade se te despega dos lábios.

— Vejamos, senhor cura — disse a Condessa — deixe que ela me diga o que é caridade.

— E' caridade o que estás fazendo comigo e a senhora Condessa?

— E será caridade o que o senhor cura e a senhora Condessa pretendem fazer comigo?

— Que dúvida! Vais agora ofender também a senhora Condessa?

— Não é esse o meu intento, porque a senhora Condessa obedece à vossa sugestão, ou influência, crente de que pratica uma obra meritória. Assim, pois, a lição de caridade, se estais disposto a recebê-la, é para vós, senhor cura.

— Vamo-nos, vamo-nos, senhora.

— Será melhor; o dedo está na ferida.

— Ora, que me podes dizer tu, estúpida e ingrata criatura?



— Pouca coisa, senhor cura; que, quando o mérito do ato caritativo se aprecia pela satisfação íntima da nossa consciência, os eflúvios de nossa alma ascendem para Deus; porém, quando o ato se verifica, sob dada condição, tácita ou expressa; quando necessitamos, para satisfação desse ato, de consentimento alheio; quando, por meio dele, julgamos comprar o esquecimento divino para a nossa hipócrita indiferença ou rebeldia, os eflúvios, a que há pouco me referi, não passam da esfera humana, árido deserto onde o vento, revolvendo-lhe as areias movediças, apaga os traços que deveram ser indeléveis. O alardear caridade, senhor cura, é mais pecaminoso do que o egoísmo francamente declarado. Este, ao menos, não se embuça com o manto da negra e traidora hipocrisia. Não é isto caridade, senhor cura.

— <sup>É.</sup>  
— Então, porque pretendeis tirar-me daqui? Porque vos sou um estorvo? Nem sequer tendes o mérito da franqueza.

— Adeus, Maria — disse a Condessa, dispondo-se a partir.

— Adeus, senhora Condessa.

— Estuda a proposta e depois falaremos.

— Estudé-a também a senhora e verá que no fundo não contém muita coisa de bom.

A Condessa deu o braço ao cura e ambos se encaminharam para o Moinho.

## 16 O NOVO ASSALTO

Três dias depois de sancionado o acordo de família, cada um dos indivíduos que a compunham sofria as consequências da última decisão do Conde. Este, aproveitando-se da escuridão da noite, se dirigiu para a primitiva -choupana de Maria, mergulhado em seus tristes pensamentos e receoso de um resultado fatal.

Com a ideia fixa de conseguir o seu objetivo, ia resolvido a tudo o que pudesse acontecer e a situação lhe impusesse. Sem rota determinada, caminhava por entre tojais, sem atender às observações que lhe fazia a sua própria consciência.

De pronto deu com a choça onde se ocultava o objeto de seus desejos.

Sepulcral silêncio, unicamente interrompido pelo movimento das folhas nas árvores, convertia em solene e sombrio aquele sítio amend, que só a mente louca de Xavier imaginava sinistro, talvez por harmonizá-lo com o reprovável intento que lá o conduzia.

Aproximou-se da porta e, depois de haver estado um pouco à escuta, hesitou em bater ali, onde a paz fizera morada.

Porém, decidido, deu, afinal, forte pancada na porta e, após breve pausa, três outras.

Logo ouviu a voz de Maria, a perguntar quem estava.

— Maria — respondeu o Conde — abre.

— Retire-se, senhor Conde. Não é possível.

— Maria, rogo-te, pelo que há-de mais sagrado, que abras.

— Repito-lhe que se vá embora.

— Maria! Com o bosque, a tua choupana está a arder.

— Não seja teimoso, senhor Conde: fuja daqui, que é o que mais nos convém a todos.

— Abre e despede-me, Maria.

A moça abriu a porta, certa da resolução que trazia o Conde, dominado pela força do seu empenho

— Maria! — exclamou o jovem, ao vê-la no umbral, severa, porém com uma tranquilidade de ânimo que lhe causava espanto ao desejo. — Maria, não me é possível resistir à atração que me arrasta aqui. Sei que perco o meu caráter, descendo até onde me acho e tu, Maria, deves elevar-te um pouco, para chegares até a mim.

— Vá-se embora, senhor Conde, que disso depende a felicidade de todos.

- A minha felicidade está aqui, Maria, e não me irei sem ela.
- Senhor Conde, quer que lhe fale de maneira que nos possamos entender? Liberte-se de seu furor e ouça-me com calma.
- Sim, Maria, farei o sacrifício que quiseres; rebaixarei a minha dignidade, se for preciso, desde que consiga a satisfação dos meus anelos.
- Escute; confesso-lhe que sinto no fundo de meu peito imenso prazer quando o vejo e lhe confesso que há momentos que o pesar me sufoca, quando me ponho a pensar no seu pertinaz intento!
- Maria, isso é amor.
- Não sei o que é, senhor; mas, se é amor, é o amor mais puro que a mente humana possa conceber. Anseio, senhor Conde, por o conduzir ao caminho do bem. Entretanto, com a sua teimosia, impossível lhe é entrar nele.
- Talvez que me venha a conformar com o teu desejo, se desistires de me desviar do meu intento.
- Nesse terreno, senhor Conde, nunca estaremos de acordo. Se se mantiver calmo, talvez algum dia nos vejamos com prazer.
- Maria, se for certo o que sente o meu coração?
- Não, senhor Conde, seu coração o engana.
- Não me engana. Maria; uma voz, aqui dentro, me diz que tu me queres.
- Sim; mas, essa voz é a voz da matéria e a que o senhor deve escutar é o doce sentimento de minha alma.
- Maria, muito é o fogo que aqui arde, para que eu apague a fogueira.
- Pois, é preciso, senhor Conde; de outro modo, perderá a amiga que lhe oferece fraternal carinho.

Reconhecendo que, a prolongar esse diálogo, pouco adiantaria, no sentido de realizar o que tinha em vista, o Conde cada vez mais se aproximava da jovem que, ao contrário, recuava.

— Não fujas, Maria; não te afastes; pois, se é verdade que lêes os pensamentos, deves saber que estou disposto a levar por diante o meu propósito .

— Bem o vejo e, vendo-o, choro amargamente, porque a minha voz não encontra eco em seu coração.

O Conde empurrou Maria para dentro e, como ele ficasse tomando a porta, a moça se foi refugiar num canto da choça, no lugar onde costumava sentar-se seu pai, quando lhe dava lições.

A obscuridade fêz que o Conde hesitasse, temendo penetrar no interior. Afinal, resolvido, caminhou com os braços abertos para o ponto onde imaginava que Maria se havia refugiado. O grito que ela soltou deu a ver que o mancebo a abraçara.

- Meu pai! — exclamou Maria, ao sentir-se entre os braços do Conde.
- Aqui não há nenhum pai, nenhuma vontade, nenhum amparo, senão somente o meu desejo. Vejamos o grande poder de uma feiticeira.

-- Deus de minha alma, dá-me forças!

Uma luz, a princípio fosforescente, depois viva, intensa, surgiu entre Maria e o Conde.

Aquela caiu de joelhos, ao verificar que lhe vinha a proteção que com fé esperava.

A luz se foi difundindo, ao mesmo tempo que aumentava o ponto opaco que lhe servia como de núcleo, até que a claridade se converteu numa auréola a circundar uma forma idêntica à que no mundo tivera a entidade que se chamara Francisco. Maria e Xavier exclamaram simultaneamente.

— Meu paif \_ . \*

— O Senhor Conde!

O mancebo não lograva compreender o que se estava passando. Viu a aparição pousar a mão direita sobre a cabeça de Maria e indicar-lhe a ele, com a outra, a- porta da choupana.

Uma voz que lhe retumbava nas profundezas da consciência, dizia:

— Saia, Conde; este não é o seu lugar.

Não podendo resistir a essa ordem e àquela visão estranha, Xavier precipitou-se, furioso, fora daquele recinto e sem consciência de si próprio.

Maria orava; tirou-a, porém, da sua abstração um grito agonizante e triste que lhe chegou aos ouvidos:

— Assassino! Valha-me Deus!

O Conde caíra ferido à porta da choça. Dele partira o angustioso grito que arrancou Maria à sua concentração.

Ela correu e o tomou nos braços. Seu primeiro ato foi rasgar a touca que trazia para estancar o sangue de seu irmão.

A ferida era terrível e mortal.

— Quem te feriu, Xavier? — exclamou, aflita.

A voz do Conde lhe morrera na garganta.

— Já não me ouves? Não me escutas? Deus meu, ampara-nos. Xavier, Xavier! Quem te feriu?

Uma gargalhada que lhe ressoou pelas costas fê-la desviar do Conde a atenção.

Voltou o rosto banhado em lágrimas e deu com a figura de Roque, tendo os braços cruzados e a rosar esta frase:

— Supusestes que me enganaríeis; assim como saboreastes o engano, eu saboreio a minha vingança!

— Foge daqui, miserável! Foge daqui... e que Deus se não esqueça de ti em teu caminho.

— Estás enganada, não mé irei; quero levar mais longe a minha satisfação.

Erguendo-se sobre um dos joelhos e sem abandonar o corpo do Conde, Maria repetiu:

— Foge daqui, foge, e que Deus te ilumine. Olha e chora de arrependimento. Pede a Deus vida e meios de purgares o teu delito.

Quando Maria proferia essas frases, apodera-va-se da imaginação de Roque a ideia de atirar-se a ela, sem consideração pela sua vítima. Mas, ao primeiro movimento agressivo, *Lea/se* lhe agarrou com os dentes à perna, a mordê-lo, com tal fúria, que o miserável assassino deitou a correr, tanto mais depressa quanto surgiam transeuntes pelo caminho.

Maria se pôs a gritar por socorro; os passantes se acercaram e a ajudaram a colocar o Conde no próprio leito em que morrera Francisco.

Depois, como não lhe ocorresse outra coisa, lavou a ferida do Conde com a mesma água de que se servira para tratar do seu cão e, em seguida, um dos transeuntes partiu a dar no Moinho aviso do que sucedera, enquanto outro saiu à procura de um médico em Valdeganga.

Inútil dizer que Maria chorava como louca, ao lado do Conde.

## 17 O DESENCANTO

Roque e Gregório procuravam uma ocasião em que pudessem levar a cabo o projeto que haviam arquitetado. Acharam-na desde o momento em que apuraram o tempo que Maria costumava passar, todas as noites, na primeira choça, a que vira desabrochar a sua infância. Verificado isso, só lhes restava pôr mãos à obra e assim o tentaram naquela noite mesma, antes que ali aparecesse o jovem Conde.

No sítio costumeiro de seus encontros, conferenciavam os dois sobre o modo de executarem o que premeditavam.

Dizia o couteiro:

— Primeiro nos garantiremos da gente que, estando próxima, poderia vir a notar alguma coisa.

— Tens razão. Vamos a isso — replicou Roque. — Rondarei por este lado (e apontava na direção do Moinho), e tu por este outro, observando se alguém vem pela aleia. Sé nada houver que nos

estorve, correremos os dois à choça, pela parte de trás da em que está Maria, e, uma vez aberta, graças aos teus pulsos a porta da em que ela dorme, entraremos, carregaremos e voltaremos aqui.

— Parece-me bem. Até logo — disse Gregório, pondo-se a andar.

Roque tomou pelo lado que ele próprio escolhera. Com todas as precauções possíveis, foi esgueirando-se por entre as árvores que sombreavam a vereda conducente ao caminho.

Daquelas bandas, ninguém absolutamente os observava.

Descambou para a direita, passando a imrna vinte varas da fonte onde a Condessa descansara no seu passeio, sempre com rumo à margem do rio.

À pequena distância da fonte, na direção que levava, lhe pareceu notar um como grupo de três homens.

Esteve um instante indeciso, sobre se continuaria, ou não, a andar. Aproveitando, porém, o ruído que o vento fazia sacudindo as árvores, disse consigo mesmo:

— Poderei esgueirar-me agachado por entre a mataria e chegar até junto deles, graças a este ventinho que sopra.

E, se assim pensou, assim o fêz. Foi deslizando até chegar quase defronte dos transeuntes, caminhando através da espessa ramaria.

Pela voz, se bem falasse baixo, julgou reconhecer num dos indivíduos o cura.

— Bravos! — disse consigo. — Sim, é o padre! A quem estará confessando neste lugar e â estas horas? Se eu pudesse perceber... Esta maldita erva me atrapalha. Mas, afinal, vê-se que estes não têm a intenção de passar onde estamos, pois quem aqui se vem ocultar não tem vontade de ser visto. Nada obstante, estarei alerta, para o caso de não ser assim.

E prosseguiu, até à margem do ria. Dali, tornou a cruzar para cima e, desviando-se sempre para o lugar combinado, chegou poucos segundos depois de Gregório.

— Aproxima-se alguém? — perguntou este ao seu camarada.

— Ninguém, Gregório. Embora eu tenha visto lá pela fontezinha o senhor cura e outros dois que não conheci, parece que nenhum deles terá ganas de vir aqui.

— Porquê?

— Ora! porque se estão escondendo;

— Demais, ainda que assim não fora, temos tempo de carregar com isso.

— Depressa, antes que chegue o Galho.

Gregório e Roque entraram na choça, dirigiram-se à arca de Maria e a suspenderam. Ao fazerem-n'o, exclamou Gregório:

— C'os diabos! como pesa!

— Melhor, assim dará para todos.

Com alguma dificuldade, Gregório conseguiu pô-la ao ombro, ajudado pelo companheiro.

Feito isso, saíram e, andando o mais cautelosamente possível, se foram refugiar no ponto das suas entrevistas.

Ao arriar a arca no chão, disse Gregório:

— Canários! estou rebentado.

— Creio e sempre disse que os pecados pesam.

— Hás-de ser sempre o mesmo?

— Homem, pus de minha parte quanto pude, senhor Gregório; e agora porei também o que me compita de boa'vontade.

— Bom, bom, aviemo-nos, que as chalaças roubam tempo. Um de nós dois tem que sair a rondar, enquanto o outro trabalha.

— Bem; mas que farei, se for o que ronde?

— Avisar, se houver tempo; se não, deixar mudo o intrometido.

— Mudo? e com quê? Em minha vida, nenhuma arma estraguei.

— Toma — disse Gregório, entregando-lhe seu facão de mato.

— Estou barruntando que vou honrar a sua prenda, Gregório.

Ao coiteiro, que era ganancioso, passou pela mente, como um relâmpago, a ideia de querer o outro levar tudo para si. Então, segurando a escopeta, respondeu a Roque, ao mesmo tempo que tomava uma certa distância:

— Também eu barrunto que vou descarregar a escopeta.

— Ora vejam, vejam o tio Malícia! Compadre Gregório, se eu tivera tido essa ideia, tempo me sobrou para executá-la, pelo menos quando você trazia a carga. !

— Que queres, Roque! A mim me soube mal o teu barrunto.

— Olhe que vosmecê não andou pouco!

Bom é ir inspecionar.

— Ao trabalho! — disse Roque e se pôs a percorrer as circunvizinhanças de onde se achavam.

Entrementes, ia Gregório arrebetando a tampa da arca, que saltava em estilhaços.

— Primeiro tabuleiro, livros! — exclamou. — Fora os livros!... Papéis! Fora os papéis!... Caramba! este homem devia ser um doutor!... Não haverá senão livros e papéis?... Bravos, aqui está uma caixa... (Abriu-a e deu com um estojo, dentro do qual havia um retrato) . Fora! — e o atirou ao chão.

Desesperado por não encontrar qualquer coisa que lhe satisfizesse à cobiça, pôs-se a puxar os cabelos, furioso ante aqueles objetos que para nada lhe serviam.

Deu um assobio, chamando Roque. Este, porém, não respondeu logo ao chamado.

— Terá acontecido algo? — murmurou o coiteiro, apanhando a escopeta e lançando-se na direção que Roque havia tomado.

A poucos passos, topou com este que, assustado e a correr, se dirigia para o ponto donde partira.

: — Que aconteceu? — perguntou o coiteiro.

— Quanto há? — inquiriu Roque, por sua vez.

— Nada. Estás assustado. Quem vem aí?

— Ninguém.

E acrescentou, depois de uma pausa:

— Com que então não há nada?

— Nada. Vem e verás.

— Não sou tão desconfiado como o senhor Gregório.

— Sem embargo, não acreditas.

— Certamente. Aquele peso devia ser de alguma coisa.

— Sim; mas, a meu ver, o que ali pesava eram as ideias de todos os que neste mundo hão escrito.

— Como é isso?

— É como vês — respondeu Gregório, quando ia a tropeçar no monte de livros.

— Jesus-Cristo! Parece mentira!

— Se parece!

— E que faremos com este montão de papéis?

— É o que eu pergunto.

— Tenho uma ideia.

— Qual?

— Queimá-los.

— É perigoso...

— Porquê?

— Porque as chamas atrairiam gente para aqui.

— Peguemos-lhe fogo e raspemo-nos.

E a ideia foi posta em prática. Com a arca armaram uma espécie de grelha, colocaram em cima os livros, tocaram-lhes fogo e se afastaram do lugar.

Em caminho, disse Gregório a Roque:

— Vai para o Moinho, que eu me vou por aqui. Adeus. E desapareceu.

Andando a passo, Roque hesitava em seguir o conselho de Gregório.

Ao que supunha, acabara de matar o Conde, que ele vira bater à porta da choça e entrar. O ciúme o cegou. Atirou-se para o lugar onde, segundo imaginava, o Conde lhe roubava a esperança e, ao retirar-se este, sem dúvida triunfante, num momento de alucinação, sem mesmo pensar no que fazia, o feriu com a arma que Gregório lhe dera.

Quando, depois, se viu atacado por *Leal*, considerando-se perdido, deitou a correr em direção à barca que, como de costume, estava amarrada.

Tentou cortar a corda e fugir na embarcação para o outro lado, mas, parecendo-lhe ouvir rumor de gente pelo caminho, concebeu outra ideia. Atirou ao rio a faca que ainda empunhava e procurou enveredar pela alameda, a fim de ir ter diretamente ao sítio onde Gregório o esperava.

Seus cálculos eram estes: obtida uma quantia qualquer, empreender a fuga. Como, porém, esse plano fracassara e Gregório lhe aconselhava que voltasse para o Moinho, parou um instante a formar suas conjeturas.

— Já que não tenho dinheiro — dizia — preciso de ousadia e serenidade. Se vais, Roque, para o Moinho, lá te agarrarão, pois que Maria te terá denunciado... Para onde, então, irei ? Para o Moinho. Assim fazendo, se a ingrata mugir, declararei que ambos o matamos e deste modo a terei por companheira de infortúnio. As mesmas testemunhas que há para ela, há para mim. Sim, sim, avante, com decisão. Em qualquer parte para onde for, acossar-me-ia a fome e mais suspeito me tornaria. Esse Gregório tem muito senso prático. Vamos ver se posso continuar fazendo, com toda a serenidade que as circunstâncias exigam, blandícias à moleira, enquanto não chega a notícia.

Ao cabo destes raciocínios, pôs-se resolutamente em marcha para o Moinho.

## 18 LAGRIMAS DE UMA MÃE

Assim chegou ao Moinho a notícia do que ao Conde sucedera, a Condessa desmaiou. Toda a gente, sem saber a quem inquirir e o que dizer, estava presa de terrível agitação e em todos os semblantes o terror se estampava.

Dentro de casa, nos primeiros momentos, todos os cuidados foram para a Condessa; enquanto que fora, uns por simples curiosidade, outros por interesse, se dirigiram ao lugar onde ocorrera o fato.

Depois que se achou um tanto consolada, naquele transe triste e fatal, as primeiras ordens da fidalga, ao voltar a si, foram no sentido de irem buscar o Conde. Apesar da sua fraqueza e abatimento, também ela se pôs a caminho, à frente dos que constituíam a sua criadagem, e, graças aos esforços da própria vontade e do amor materno, chegou ao lugar onde jazia o filho, pouco após dos que primeiro haviam partido.

Apoiando-se em Maria, que saiu a recebê-la, entrou na choupana, acercou-se da cama e, ao ver o filho, caiu, banhada em lágrimas, sobre o corpo do infeliz ferido, humedecendo-lhe o rosto ao lhe depor nos lábios um beijo.

— Filho de minh'alma! Eu já o pressentia! Meu consolo! Que vai ser de tua mãe abandonada!

— Senhora Condessa, não estais bem assim. Até para sentir, a gente precisa estar a cômodo.

A Condessa não fez caso das palavras de Maria, porém se submeteu docilmente ao que lhe ela dizia, indicando-lhe um assento à cabeceira da cama.

— Xavier! Meu Xavier!

Como era natural, entregue à sua dor e vítima da sua debilidade, a Condessa foi presa de uma vertigem.

Maria lhe soprou na fronte e fricionou os seios. Fêz depois um passe geral e longitudinal, da cabeça aos pés.

— Desperte, Senhora! — exclamou, em seguida, com autoridade.

A Condessa, depois de ligeiro estremeamento, abriu os olhos, suspirou e, apertando as mãos de Maria, reclinou a cabeça sobre a de Xavier.

Este começou a dar os primeiros sinais de vida. Maria lhe tomou o pulso e disse, com alegria:

— Vitória!

O Conde soltou um suspiro. Maria, chegando- -se-lhe ao ouvido, o chamou em voz branda:

— Xavier! Xavier!

— Ai — suspirou o ferido.

— Meu filho! — exclamou a Condessa sacudindo-o.

— Deixe-o, Senhora, deixe-o — interrompeu vivamente a jovem.

A Condessa se reprimiu por um momento, enquanto Maria tornava a chamar o Conde pelo nome.

— Xavier! Quem te feriu?

— Não... não sei.

— Foi um homem?

— Sim.

— Velho?

— Não.

— Moço?

— Não... sei.

— Meu filho! — exclamou de novo a Condessa.

— Silêncio, por Deus! — interrompeu Maria.

— Não tens nenhum indício de quem seja?

Não...

— Onde te dói. " , -

— Nada me dói.

— Poderás ver tua mamãe ?

— Onde está ela?

— Xavier!... meu filho, estou aqui — exclamou a mãe, lançando-se sobre o filho.

— Não te assustes... mamãe... isto... não é nada.

— E' verdade — acrescentou Maria — não é nada. Tenham ânimo todos.

— Ânimo! — disse a Condessa. — Quem tem ânimo para sofrer!

— Realmente, Senhora — replicou Maria — não há ânimo, se não há fé.

— Fé... que é fé ?

— Senhora... esta é uma questão para outro momento. Agora, o que importa é Xavier.

Ouvia-se, vindo de fora da choupana, um ruído confuso, um murmúrio, por entre o qual julgou Maria perceber vozes de fogo! fogo! Sobressaltou- -se; mas, para não alarmar a Condessa, dirigiu-se ao poviléu que invadia os arredores da choça e se lhe apinhava à entrada, logrando impor silêncio a todos.

O cura, que chegava naquele instante, a inteirou de que efetivamente havia fogo.

O bosque ardia e os curiosos, ao verificarem isso, se encaminharam para o ponto onde lavrava o incêndio.

Maria pediu ao cura que observasse se havia perigo em permanecer na choupana e, aparentando grande serenidade, apesar do perigo que previa, avisou a Condessa do que se dava, afirmando-lhe, porém, que não havia razão para sobressaltar-se.

A Condessa, abraçando o filho, respondeu:

— Que arda tudo!... Que importa ? Que arda tudo, desde que arda eu aqui com ele.

— Tal coisa não chegará a suceder, Senhora\* Felizmente, o vento sopra daqui para lá. Ao demais, há muita gente para apagar o fogo, que apenas principia.

Contudo, pressentindo mais desgraças, Maria aguardava com ansiedade o cura, que não se fêz esperar por muito tempo.

— Que há? — perguntou-lhe ela, assim o viu.

— Que vamos ser queimados vivos — respondeu —; que o bosque está a arder todo. Temos que fugir imediatamente.

— Então é preciso, senhor cura, ver como levaremos o Conde.

— Já o previ;. Olha.

Efetivamente, quatro homens entraram, trazendo um catre sobre o qual, com muito cuidado, colocaram o ferido, a fim de levá-lo para o Moinho.

Maria se encarregou da Condessa, acompanhando-a, juntamente com a camareira que ela trouxera consigo.

Afastaram-se, tão rapidamente quanto lhes foi possível, daquele *inferno material*, cuja intensidade devastadora cada vez mais aumentava, parecendo querer devorar a comarca inteira.

Marginando o bosque, pôde a comitiva chegar sem obstáculo ao Moinho aonde já havia ocorrido o cirurgião de Valdeganga, avisado pelo cura.

Deitado o Conde em seu leito, passou o cirurgião a inspeccionar a ferida.

Aflita, a pobre mãe não apartava a vista da fisionomia deste e seu coração se dilatava, ou comprimia, a cada contração ou dilatação dos sobre cenhos do operador.

Terminado o exame, perguntou-lhe ela com indefinível angústia:

— Que acha?

— Grave, Senhora, grave.

— Morrerá?

— Ainda é cedo para afirmá-lo — observou Maria, intervindo no diálogo.

— Menina — replicou o cirurgião — mais sinais há disso do que de outra coisa.

O cirurgião de Valdeganga, à vista da ferida e considerando a gravidade que apresentava, não quis comprometer a sua reputação, tanto mais quanto ainda era novo no lugar e precisava de atos cujos resultados lhe favorecessem aos propósitos. "Um fracasso, dizia mentalmente, poderia comprometer-me e me obrigar a sair da situação em que me encontro, para correr outras eventualidades. Por muito que a Condessa me dê, não poderá dar-me o pão de toda a vida". Firme nesta ideia, limitou-se a fazer ligeiras observações e a prescrever um tratamento usual. Ao entregar a receita à Condessa, disse-lhe:

— Se ele piorar, Senhora, aconselho que mande chamar outro facultativo, pois tenho que me ausentar de Valdeganga. Por enquanto, qualquer outro que viesse não diria mais nem menos do que escrevi nesse papel.

— Parece-lhe grave, na verdade?

— Sim, Senhora; mas, isto não quer dizer que o Conde morrerá. Estamos ainda muito em princípio e contamos com uma natureza virgem e privilegiada.

— Porque não se encarrega o senhor do tratamento ?

— Já o disse, Senhora; acresce que tenho três enfermos ainda mais graves do que o Conde e até que se resolvam as crises, em que os vejo, não poderei sair de Valdeganga, sem remordimentos da consciência .

— E não lhe dói deixar nesta aflição uma pobre mãe angustiada, uma mãe que sem vacilar daria quanto possui pela vida de seu filho? — interpelou a Condessa, chorando, em grande abatimento .

— Ah! Senhora, no mesmo caso se acham os que se interessam pelos doentes a que acabo de aludir. Não seria eu o médico de que meu povo necessita, se não me mostrasse firme ante as lágrimas e a cobiça. Sintp-o de toda a minha alma, porém não é possível.

— Meu Deus! Meu Deus! Abandonado o meu filho, em transe tão grave!

— Não, Senhora; só o está por alguns momentos. A Senhora tem tempo de sobra para .recorrer



a qualquer outro cirurgião.

— A quem poderei chamar?

— Em todos os distritos da comarca, encontrará quem possa incumbir-se do tratamento do ferido.

O cirurgião saudou a Condessa e saiu do aposento, satisfeito com o haver podido fugir ao comprometimento .

A Condessa abandonou-se à sua dor e, à força de derramar lágrimas, chegou um momento em que ficou sem poder respirar e a pedir água para beber, por meio de sinais, que a voz lhe não saía da garganta.

Maria, que presenciara toda aquela cena, dirigindo ao céu o olhar, implorou auxílio e se aproximou da Condessa.

Impondo a palma da mão sobre o lado esquerdo do peito desta, com os dedos voltados para cima e enlaçando-a com o outro braço, insuflava ligeiramente seu hálito na boca da Condessa.

— Água — pôde afinal dizer esta, passando o acesso.

— Não é preciso.

— Sim, que sufoco.

— Não, não, que lhe faria mal. Já a trarão, mas apenas para lhe molhar as fontes.

— Água, Maria!

-- Não — respondeu esta, levando os lábios aos da Condessa e fechando-os com um beijo.

vê! — inquiriu em terníssimo tom. — Não há necessidade. Agora, deixe que lhe molhe as têmporas.

E assim fêz, ensopando a ponta do avental na água de um vaso que trouxeram e aplicando-o às fontes da Condessa.

— Está melhor?

— Sim.

— Levante-se.

Não posso.

-- Sim, sim; levante-se.

A Condessa, à ordem de Maria, voltou completamente a si e esta a ajudou a levantar-se, dizendo-lhe :

— Ande um pouco; agora, sente-se e acalme- -se. Caso se repita o acesso e eu não esteja aqui, não peça água. Quando se encontrar em estado idêntico, chame-me e, se eu não vier logo, peça ar, em vez de água.

— Assim o farei; porém, sempre vi pedir água, pois que a necessidade desta é o que mais se sente.

— E' um erro, Senhora. Tanto assim que há grande risco em bebê-la alguém em tal estado e quem disser o contrário, ainda não pensou bastante sobre isto.

O Conde parecia dormir tranquilamente. *Lea*/se achava acocorado em cima da cama, aos pés do ferido.

A um olhar de Maria, desceu com cuidado impróprio de um animal, para se ir deitar debaixo do leito. Esse cuidado causou admiração à Condessa.

— Vê, Senhora — disse aquela — como até os animais se interessam pelo Conde? Fique certa de que o meu *Lea*/não se afastará daqui, não estando uma de nós duas.

— Pobre animal! — exclamou a Condessa a essa observação de Maria; e acrescentou, depois de pequena pausa, durante a qual esteve a contemplar o filho:

— Parece que respira bem, não é verdade? Está tranquilo —

— Sim, Senhora, dorme. Cobre ânimo e não se preocupe com o que haja deduzido da entrevista com o cirurgião. Tenha como certo que o Conde se levantará, dentro de bem poucos dias.

— Ah! Maria! Tu me dás a vida. Se meu filho morresse, eu enlouqueceria.

— Senhora, querendo-o Deus, tudo é possível. Nada mais podemos fazer, se não auxiliar ou facilitar os recursos naturais, não perdendo de vista que em nossas mãos está experimentar o efeito que o Criador há-de provocar, unicamente para o bem.

Mediante essa condição, obteremos o resultado que os nossos corações anelam.

— Sim, Maria; porém, como ouvi falar da gravidade do seu estado, não estranharás que duvide de tornar a ver meu filho com a saúde que tinha ontem.

— Esse é o mal — a dúvida. Tenha fé, senhora. Considere o seguinte caso: esse cão, que a senhora viu descer da cama com tanto cuidado para não incomodar o Conde, faz poucos dias chegou à minha casa ferido por um tiro que seu filho disparara. Ele foi um atestado do que pode a fé, pois que ficou são, sem outros cuidados além do tratamento que lhe pude dar. Entre a ferida que apresentava e a do Conde, a única diferença que havia é a de ser a do meu *Lea* mais grave do que a deste.

— E' extraordinário! Fazes-me duvidar, Maria!

— Pergunte-o a seu filho, quando despertar.

— Poderá ele falar? — inquiriu ansiosa a Condessa.

—: Que dúvida!

— Ah! Maria, temo tanto pela vida dele!

— Tenha fé, senhora.

— E pensas curar o Conde, como curaste o teu cão?

Maria sorriu e respondeu:

— Se assim fosse, senhora, revoltar-se-ia seu filho pelo ter sido curado com o emprego da mesma medicina que serviu para a cura do cão?... São preocupações essas de que a senhora Condessa precisa libertar-se, compreendendo que tanto é organismo um como o outro.

— Sim... mas o de um cão!... — observou a Condessa com certo desdém.

— Qual nada. Suponha, por um momento, que não há outra medicina além dessa. Deixaria a senhora que seu filho morresse por não a usar, devido aos seus preconceitos?

— Ah! não — respondeu a Condessa, sem vacilar.

— Então, deixe que assim aconteça, uma vez que vem de Deus, que uma única medicina tem para as suas criaturas e é: a sua vontade. Faça-se, pois, a vontade Oe Deus.

— Assim seja.

Começava o Conde a despertar. Seus lábios secos e o movimento da boca indicaram a Maria que tinha sede. Ela lhe deu de beber um copo de água magnetizada, que o ferido saboreou com prazer.

— Como está, senhor Conde? — perguntou a jovem.

— Bem; e minha mãe?

A essa pergunta, quis a Condessa responder, colocando-se diante do filho. Maria, porém, a deteve com uma das mãos, enquanto que com a outra puxava um pouco a colcha que cobria a cama.

— Espere — disse ao ouvido da Condessa e logo, dirigindo-se ao Conde, perguntou:

— Quer falar-lhe?

— Sim.

— Olhe que isso lhe vai fazer mal, não deve falar.

O Conde tinha os olhos fitos nela.

— Se me prometer que não dirá palavra, nem se alterará, ou comoverá, eu a chamarei.

, — Sim.

— Bom, vou chamá-la. Parece que não me está conhecendo.

— Conheço-te, sim.

— Olha-me de modo tão extraordinário!

— Não importa, conheço-te.

— Então, não está calmo.

— Estou, sim.

Maria pôs a mão sobre a fronte do Conde que, sob a sua influência, começou a baixar as pálpebras. Depois, afastando-a um tanto, a levou até aos pés, e, repetindo duas ou três vezes esse movimento, disse ao Conde:

— Pois bem, vou chamar a Condessa... Não esqueça que me prometeu não se alterar... Não é isto, senhor Conde?

— E Maria acabou de correr a coberta e foi sentar-se junto da Condessa, que chorava, ao sentir que lhe renascia a esperança.

— Mas, eu quero falar-lhe, Maria — dizia ao ouvido da jovem.

— Pode até gritar: ele agora não a ouvirá.

— Como não me ouvirá?

— Como vê, está dormindo.

— Mas, ainda há pouco mesmo estava acordado.

— Agora, entretanto, dorme.

— Não entendo isto, Maria.

— E' natural, senhora; já lhe explicarei. O senhor Conde despertou um tanto contrariado. A presença da senhora o teria alterado ainda mais do que já estava e, com mais razão, se lhe houvera observado as lágrimas. Para que seu colóquio com ele não se dê, senão quando possa verificar-se com a calma e a tranquilidade necessárias ao seu estado, adormeci-o.

— Adormeceste-o?

—| E' como vê; não pode achar-se mais adormecido do que está.

— Como que então, adormeces as pessoas?

— Faço-o, quando tenho em vista um bem e me é possível fazê-lo.

— Tu me estás espantando, Mana.

— Pois isso é coisa muito natural.

— Fazes-me vacilar e acabarei acreditando ser verdade o que o vulgo diz de ti.

— A senhora Condessa não deve ser apressada na apreciação. Quando vir uma série de efeitos, cuja explicação lhe parecerá depois natural, espero que retificará seu precipitado juízo.

— Dize-me, porém, algo que me satisfaça.

— Senhora Condessa, não a poderei instruir sobre esse particular, enquanto tenha o espírito cheio de preconceitos e propenso a encarar tudo de um ponto de vista extraordinário. Além de que, preciso para isso que a sua fé ou a sua confiança me ajudem, pois de outro modo jamais chegaremos a entender-nos.

— Conta com isso. Nada ouvirei com prevenção; tenho viva curiosidade de saber o que isto é.

— Muito me rejubilo, pois, dessa maneira, encetará a senhora um novo estudo.

— Um estudo?

— Pois quê! Julga que nos basta ver aberto o grande livro da natureza, para que lhe possamos ler as páginas? Ah! senhora Condessa! Tem que começar pelo alfabeto.

— Se é de tanta amplitude a questão, já não me move a curiosidade.

— Muito me alegra isso.

— Alegra-te? Porquê?

— Porque não lhe peço curiosidade.

— Que queres, então?

— Simplicidade e boa vontade. Só assim poderá compreender, porque então será o seu critério quem estudará e não a sua alucinação, porquanto não sou feiticeira, nem coisa que com isso se pareça. Não duvide de que há, na Natureza, agentes que ainda são, em geral, desconhecidos, porém cujo conhecimento está ao alcance dos que os queiram estudar, agentes esses que resolvem e explicam certos fenômenos, que nos parecem surpreendentes, por ignorarmos o que respeita à ação dos aludidos agentes. Por virtude dos meus estudos, da minha docilidade e boa vontade, cheguei a

conhecer um pouco mais do que geralmente se sabe. Isso me foi dado gratuitamente e para o bem; portanto, do mesmo modo e para igual fim, devo transmitir o que sei aos demais. Eis porque, senhora, me oferecia para auxiliá-la em seus sofrimentos morais e físicos, sem outras condições além das que expus. Dói-me vê-la desgraçada, podendo ser relativamente feliz neste mundo. Numa palavra, Condessa, tenho o maior empenho em tirá-la do *Inferno*.

— És para mim, 'um enigma, Maria. Tens ideias tão singulares! São tão estranhas e distintas das que todos temos, que não me posso decidir, por não conhecer a excelência da tua teoria.

— Senhora Condessa, quando lhe sucede ir de um lugar para outro, deixa a senhora por isso de beber da água do lugar para onde foi e de respirar um ar diverso do daquele donde veio?

— Certamente que não; mas, é porque a água e o ar em todos os países são iguais.

— Já não será assim, desde que nuns se dê mal e noutros se dê melhor.

— Está bem, mas todos possuem ar e águas apropriadas à vida.

— E' precisamente isto. O ar e a água de todos os lugares, a não ser que estejam infeccionados, são respiráveis e potáveis, porém, não iguais, porque uns são mais puros do que outros. Aqui está a comparação: em todos os sistemas, religiosos, políticos, econômicos, etc., se observa uma analogia; todos são, poderia dizer-se, *respiráveis e potáveis*. A questão está na pureza, ou, melhor, nas impurezas dos males, de que é preciso desembaraçá-los, para que perfeita se tome a harmonia. Aí tem tudo explicado.

— Parece-me distinguir alguma coisa em meio dessa obscuridade.

— Humine-a com a luz da razão e verá clara e distintamente, em tudo, a verdade. Nada me é mais satisfatório do que a convicção íntima de que faço o bem aos meus irmãos. Se a curar, senhora Condessa, estarei paga com o prazer que daí me resultará e que interiormente sentirei ao conseguí-lo. Aprenda a apreciar os atos de sua vida pelo prazer que experimente ao praticá-los e terá aqui o prelúdio da felicidade de além-túmulo.

— Tudo isso é consolador, Maria. Tuas teorias e crenças me atraem; porém, confesso-te que, para que te siga, necessário é desças a detalhes.

— Cerre os ouvidos ao interesse e condescenda com paciência...

Neste ponto, interrompeu-lhes a conversação a chegada do Cura. Ao vê-lo aproximar-se, Maria se dirigiu ao leito do ferido, para estabelecer relações magnéticas entre a Condessa e seu filho.

— Como vai, senhora?

— Bem.

Maria, voltando-se, disse ao cura:

— Espere um instante, pois necessário se torna algum silêncio, a fim de que o Senhor Conde desperte tranquilamente.

Não perca de vista o leitor que, à chegada do cura, *Lea* saiu às carreiras de sob a cama, grunhindo à irradiação desta personagem.

## 19 AS PRIMEIRAS DILIGÊNCIAS DO SUMÁRIO

Como era natural, o médico de Valdeganga, assim teve conhecimento do sucedido, deu aviso ao Juizado.

O Alcaide e o escrivão de Mahora, com as testemunhas que os quiseram acompanhar, logo se puseram a caminho para o lugar da ocorrência.

O respeito, que lhes infundia a casa do Conde, os pôs embaraçados à entrada, pelo que fizeram que o moleiro os anunciasse.

A Condessa se mostrou pronta a recebê-los e, assim, o Alcaide, com seu séquito, penetrou no

salão, onde aquela os esperava, juntamente com o cura.

— Senhores — disse-lhes a Condessa — aqui estou às ordens da autoridade. Ninguém mais do que eu anseia pela descoberta do assassino de meu filho.

— Todos alimentamos igual desejo — respondeu o Alcaide, fazendo uma saudação respeitosa.

— Sim, todos, todos vimos animados de igual desejo — acrescentaram em coro os assistentes.

— Obrigada. Não encontro maneira de os recompensar dignamente.

— Senhora — disse o Alcaide — mister se faz nos designe uma sala onde possamos agir com liberdade.

— Nesta mesma podereis exercer as vossas funções e, se não bastar este velador, mandarei trazer uma mesa que vos permita desempenhar sem constrangimento a vossa missão.

— Ao demais, Senhora — observou o escrivão — precisamos de um porteiro, que impeça a entrada aqui de quem não for chamado e pedimos nos ponha um à disposição.

— Assim será feito.

Por intermédio do cura, deu a Condessa as ordens necessárias para que fôsem satisfeitos os desejos daquele tribunal que se constituía em sua casa e, em seguida, retirou-se para os aposentos do Conde.

Perguntou o Alcaide ao pároco:

— Diga-nos, padre, por quem se soube aqui do fato?

— Não posso precisar — respondeu o cura — porque no momento me achava fora. Mas, o moleiro deverá sabê-lo, pois foi quem o participou à Condessa.

— Chamem então o moleiro.

O porteiro partiu a cumprir a ordem. O cura se retirou e o escrivão, depois de dobrar a margem do papel, segundo as prescrições regulamentares, se dispôs a escrever o cabeçalho daqueles interrogatórios, severos prelúdios da ação judiciária.

Dali a pouco entrou o moleiro. Perguntou-lhe o Alcaide:

— Como se chama?

— Antônio Gomes, para servir a vossamercê.

— Que idade tem e qual a sua profissão?

O moleiro respondeu a estas novas perguntas, assim como a todas as demais do formulário, e fêz, em síntese, a declaração seguinte:

— Se o senhor cura disse ter sido eu quem avisou a Senhora Condessa, não se enganou, embora ele não se achasse no Moinho quando isso fiz, pois que daqui saíra alguns momentos antes do senhor Conde. Tive conhecimento do fato por um desconhecido, que me trouxe o recado de parte de Maria e que me disse: *Assassinaram o senhor Conde*. Fui sem demora, como o quis Deus, comunicá-lo à senhora e, quando sai, a notícia já circulara por todo o Moinho e o homem que a trouxera se fora embora. Encontrei-me, porém, com Roque, criado da casa, sobressaltado e todo confuso, que nos trazia a mesma notícia. Depois, vi o Conde ferido, na choupana, de onde o trouxemos, por causa do incêndio que se manifestara no bosque, pouco antes de havermos chegado.

— Nada sabe sobre esse outro fato, nem quem o possa ter ocasionado?

— Não, senhor.

— O Senhor Conde tem inimigos?

— Ignoro-o.

— Nunca viu alguma pessoa suspeita pelos arredores do Moinho ou do bosque?

— Sobre este ponto quem melhor poderá informar é o coiteiro Gregório, pois que daqui não saio por causa do meu ofício. Esta noite, quando fui dar água ao Moinho, pareceu-me ver dois ou três homens em grupo, perto da fontezinha; porém, não tendo tido a curiosidade de saber quem eram, não fiz caso.

— Isso se deu muito antes da ocorrência?

- Cerca de uma hora.
- Já o senhor Conde havia saído?
- Sim senhor.
- E o senhor cura?
- Também.
- Quem mais saíra da casa?
- Não posso dizer, porque não sei.
- Tem alguma coisa a acrescentar ou que retificar, relativamente ao que acaba de declarar?
- Nada, senhor Alcaide.
- Está bem — disse este e? dirigindo-se ao porteiro, ordenou: — Faça entrar Roque.

O criado se apresentou sem se fazer esperar, porquanto, conhecedor da casa, estivera escutando as declarações do moleiro, por detrás da porta envidraçada do quarto da Condessa. Inútil aditar que se apresentou aparentemente sereno, confiante no plano que já arquitetara, à vista do que dissera o primeiro inquirido.

- Como te chamas.
- Roque. | P<sup>o</sup>

Fazendo o sinal da cruz, jurou e respondeu a todas as primeiras perguntas do senhor Alcaide e logo avançou que voltava de banhar-se, quando se encontrou com um desconhecido, que julga ser o que levara ao Moinho a notícia, de que se inteirou ao chegar lá, pelo clamor e assombro gerais, visto que o referido homem passara por ele sem dizer palavra; que viu o Conde ferido onde e como todos os demais o viram.

- Estavas em casa quando o senhor Conde saiu?
- Não, senhor
- E quando saiu o senhor cura?
- Tão-pouco.
- Onde então estavas a essas horas?
- Preparando-me para o banho ou a banhar-me.
- Em que lugar?
- Na parte próxima da fontezinha.
- A ninguém viste por aquelas bandas?
- Quando regressava, pude ver, apartados do caminho, dois ou três homens que falavam e um deles, sem que o possa afirmar, me pareceu o cura.
- E porque deduziste que era o cura?
- Pela corpulência e pelo negror do traje; mas, não juro que fosse ele.
- E não te pareceram conhecidos teus os que o acompanhavam?
- Os outros... a sombra da ramaria os ocultava de tal maneira à minha vista, que apenas lhes divisei os vultos.
- Não te pareceu que algum fôsse o Conde?
- Não, senhor.
- Não ouviste uma frase qualquer?
- Não parei e as folhas, açoitadas pelo vento, faziam muito ruído.
- Sabes quem poderá ser o que feriu o Conde?
- Se eu soubesse, estaria ele vivo, senhor Alcaide?
- E do incêndio?
- Nem patavina.

O Alcaide resolveu chamar a Condessa. Esta logo veio e se sentou junto dele que, com a deferência que lhe era devida, pediu dissesse ela o que sabia da ocorrência de que se tratava.

A pobre mãe, numa caudal de lágrimas, confirmou ter sabido do fato pelo moleiro. Disse que,

quando chegou à choça, encontrou o filho assistido, com zelosos cuidados, por Maria, a barqueira, que chorava ao lado do Conde como se fora sua irmã; que pelo cirurgião de Valdeganga soubera que seu filho estava em perigo de vida; que dos lábios do Conde ouviu, com voz entrecortada, que o ferira um homem, a quem não pudera reconhecer; que a barqueira a informara de que o Conde fora ferido ao sair da choupana; e, por último, que o haviam trazido à pressa para o Moinho, quando se manifestou incêndio no bosque.

- Tinha inimigos conhecidos o senhor Conde? — perguntou o Alcaide à Condessa.
- Não, senhor; meu filho é muito bom.
- Sabe a Senhora Condessa a que horas saíram o Senhor Conde e o Senhor Cura?
- Não sei, mas não creio que tenham saído juntos.
- Porquê?
- Por não haver muita harmonia entre os dois.
- Estavam então brigados?
- Não, senhor; apenas em oposição de ideias.
- Políticas ou religiosas?
- Nem uma coisa, nem outra: questões... domésticas, de família.
- Suspeita a Senhora de alguém?
- De ninguém. Todos, a meu ver, o estimam na comarca.
- Senhora, pode retirar-se, quando lhe apraza.

A Condessa inclinou ligeiramente a cabeça, em saudação, e se retirou, enxugando as lágrimas que lhe assomavam aos olhos a cada observação.

Mandou o Alcaide chamassem, ato contínuo, a barqueira, a quem se dirigiu, dizendo:

- És a feiticeira?
- *Vox populi!* Assim me chamam.
- Que queres dizer? Porque te chamam assim?
- Pergunte Vossamercê ao vulgo donde se originou essa opinião.
- Mas, além de consentires na alcunha, ainda fazes dela garbo?
- Nada disso, senhor. Consinto e relevo que ma dêem, do mesmo modo que consinto e relevo me esteja a interrogar sobre assunto estranho ao objeto destas pesquisas. Quanto ao garbo, o senhor se engana; jamais faço garbo de coisa alguma e, muito menos, dessa estupidez.
- Quando e para que foi o Conde à tua choupana?
- Quando? Ontem, ao anoitecer. Para quê? Para falar comigo.
- Mas, para que horas fora marcada a entrevista?
- Ousada é a pergunta; nada obstante, direi que, entre dois amigos, as *entrevistas*... não precisam ser marcadas.
- Eh! Isso não é responder à pergunta.
- Pareceu-me impertinente.

' — Que dizes?

— Digo que o Senhor Conde, para me ver, não precisa combinar entrevistas, nem eu concedo entrevistas a ninguém. Acrescentarei que, tendo querido avistar-se comigo, o Senhor Conde o fêz quando bem o entendeu. Não posso, pois, precisar com exatidão, como parece que Vossamercê deseja. Já disse que foi ao anoitecer.

- E como se deu a agressão?
- Não o vi. O Conde saiu da minha habitação e logo me vieram aos ouvidos os gemidos que soltava. Lancei-me a ele e procurei estancar o sangue que lhe corria da ferida; gritei por socorro, acudiram alguns transeuntes e me ajudaram a colocá-lo no meu modesto leito. Pedi fôsem avisar à Condessa, ao médico, e creio que um daqueles bons aldeãos se dirigiu para o Moinho, enquanto outro comunicava o fato ao cirurgião de Valdeganga, por ser o mais próximo. Contudo, fiz o primeiro

curativo e, pouco depois, chegou a Senhora Condessa, trazendo os seus servidores. Acompanhei-os em seguida a esta casa, fugindo ao incêndio que nos surpreendera quase no mesmo instante.

Direi ainda para esclarecer as investigações a que Vossamercê preside, que, num momento de lucidez, o Senhor Conde, respondendo a perguntas minhas, disse que fora agredido por um homem, a quem não pudera reconhecer, o que também a Senhora Condessa ouviu, pois que estava ao nosso lado.

— Sendo tu amiga do Conde e, ao demais, feiticeira...

— Obrigada — interrompeu Maria, secamente.

— .. não te disse ele — prosseguiu o Alcaide — nem adivinhaste quem lhe poderia ter ódio?

— Entre o Conde e mim, senhor Alcaide, apesar do nossa amizade, não há confiança em grau bastante elevado, para que ele me houvesse posto a par dos pormenores da sua vida íntima.

— Antes da chegada do Conde, viste, nas proximidades da tua habitação, alguma pessoa suspeita?

— Não, senhor.

— Quais foram as últimas pessoas com quem falaste, conhecidas do Conde?

— A Senhora Condessa e o pároco de Valde-ganga, que também me visitaram à tarde.

— A que causa atribuis o incêndio do bosque?

— Ignoro-a. Percebemo-lo, quando estávamos prestando socorro ao Conde, ao qual, como já disse, acompanhei até aqui, donde não mais saí por um instante sequer. Creio que o couteiro e os que acorreram para extinguir o incêndio é que poderão dar informações acerca de tal incidente, também bastante fatal.

— Como é que, sendo tu adivinha, não podes indicar os autores de semelhantes delitos?

— Ah! senhor Alcaide! Eu julgava peculiar ao vulgo a insensata crença na minha feitiçaria.

Vejo, porém, com pesar, que Vossamercê participa do mesmo erro, desde que me faz semelhante pergunta. Compreenda, senhor, que não posso saber mais do que aquilo que leio, do que o que se me diz e do que o que experimento.

— Entretanto, dizem que adivinhas ou lêes o futuro.

— Nunca! O que poderei fazer, como o senhor e como todo aquele que disponha de regular critério, é ver ou ler o passado, tocar e sentir o presente e pressentir ou conjecturar o futuro. Ver ao mesmo tempo os três períodos, só é dado a Deus, não aos homens.

— E aos santos — observou o Alcaide.

— Se o senhor Alcaide não tem mais o que me perguntar sobre o assunto que diz respeito ao Senhor Conde, há-de permitir que me retire, pois faço falta ao seu lado.

— Estás tratando-o?

— Cuido dele, assisto-o, procurando contribuir para seu alívio, segundo o meu desejo e o de sua mãe.

— E' que dizem por aí e há mesmo quem se queixe de que és uma intrujona em matéria de curar.

— Pois dizem e se queixam mal e sem motivo. Eu jamais daria crédito a quem tal dissesse, porquanto, para que alguém se expresse de modo tão absoluto, precisa estar na posse de uma destas duas coisas; a certeza, ou a petulância; para a primeira, Deus; para a segunda, os ignorantes.

— Como quer que seja, daqui por diante deves abster-te, porque mal te sairía o- te atribuíres uma faculdade que não possuis.

— Noutra ocasião, senhor Alcaide, responderei a essa observação, visto que hoje só se trata dos agressores do Conde e destruidores da sua propriedade.

— Está bem, mas não o esqueças. Podes retirar-te.

Maria saiu e se encaminhou para o quarto do Conde, enquanto o porteiro chamava o cura e o alguazil partia em busca do couteiro.

O pároco entrou e se foi sentar no lugar onde estivera a Condessa.

Disse-lhe o Alcaide:



— Senhor cura, bem sabemos não ser este o Tribunal a que deve comparecer para se faça luz sobre o assunto que nos preocupa. Se entretanto, para maior auxilio e esclarecimento nosso, não vir inconveniente em dizer o que sabe, agradecidos o ouviremos.

— Nenhum inconveniente há, senhor Alcaide.

— Nesse caso, senhor escrivão, trace o cabeçalho para as declarações do senhor cura.

Depois de garatujar algumas linhas no papel, o escrivão leu: Disse — e o Cura se exprimiu desta forma:

— O alvoroço, que observei entre a criadagem e agregados da senhora Condessa me levou a querer informar-me do que o motivava. Soube então que o Senhor Conde fora agredido e que a Senhora Condessa partira para o sítio onde o fato se dera. Sem de mais nada procurar saber, para lá também me dei pressa em seguir. Vi o Senhor Conde na choça da feiticeira, que lhe fizera, conforme lá se dizia, o primeiro curativo. Depois, como se declarasse o incêndio, tratei de ir conhecer a sua gravidade e, sendo esta extrema, voltei à choça a comunicá-lo e regressámos com o ferido a esta casa... E' tudo o que posso dizer sobre o assunto.

— Senhor cura, a que horas saiu de casa o Conde ?

— Ignoro-o

— Vossa reverendíssima estava aqui quando ele saiu?

— Não sei.

— Havia o Senhor cura saído antes de receber notícia do acontecido?

— Não, senhor.

— Pois há quem diga que viu o Senhor cura a falar com dois outros homens junto a fontezinha...

O sacerdote empalideceu e, dissimulando a sua contrariedade, se apressou a dizer:

— E' falso.

— Mas, que é o que é falso?

— Isso.

— Isso quê? O que eu disse foi que há quem afirme tê-lo visto.

— Que haja quem o diga, não nego, embora me cause estranheza; que eu tenha estado ali, não é verdade.

— Entretanto, dois são os que o sustentam.

— Assim será senhor Alcaide; porém, o senhor mesmo reconheceu não ser este o tribunal que me deva interrogar; conseqüentemente, não acrescentarei mais palavra alguma ao que já deixei dito.

— Como queira, Senhor cura; lembre-se, porém, de que se ofereceu...

— Para fazer declarações — interrompeu o pároco—; não para ser interrogado.

— Perfeitamente — disse em tom de certa gravidade o Alcaide. — Tem ainda alguma coisa a dizer ou a retificar?

— Nada.

— Pode retirar-se. '

— Adeus, senhores — disse o cura, manifestando no semblante o desgosto que lhe haviam causado as insistentes perguntas do Alcaide.

Apenas o cura desapareceu, foi chamado Gre-gório. Como este, porém, ainda não houvesse chegado, expediram-lhe uma citação para comparecer.

Tomados mais alguns depoimentos, que não mencionaremos por não serem de interesse, e juntada aos autos a declaração facultativa do cirurgião de Valdeganga, passaram os inquiridores ao local do delicto, para anotarem os detalhes que pudessem observar.

Viram, coagulado no ângulo direito da choça, o sangue do Conde, um pequeno rastro até à cama e algumas folhas utilizadas no primeiro curativo. Formaram a suposição de que a barca houvesse transportado o assassino em fuga, da margem esquerda para a direita, porque as amarras que a seguravam apresentavam sinais do corte que lhes fora feito e os transeuntes que auxiliaram a Maria,

segundo o que declararam, se achavam na margem direita, o que explica lhe tivessem podido vir em auxílio, sem que ela se visse forçada a afastar-se do Conde.

Não obstante essa opinião, era suspeita a negativa do cura, contradizendo as declarações que falavam da sua saída do Moinho antes da do Conde, e, igualmente, em contradição com os depoimentos de Roque e do moleiro.

Como ainda se estava apenas em sumário, nada se pôde saber de positivo sobre esse ponto, que ficara obscuro. Tudo eram unicamente conjecturas. Não faltou quem acreditasse, embora sem fundamento, que fora o cura quem ferira o Conde, ou, por ordem sua, algum dos que estiveram em conciliábulo com ele. Também se atribuía a queima do bosque a uma vingança de Gregório, por ter sido despedido da casa.

O leitor, que sabe perfeitamente de tudo o que ocorrera, terá ensejo de apreciar a força dos incidentes que se deram, para produzir a atmosfera que pesava sobre o pároco. Mais adiante se verá claramente a solução do caso.

## 20 A PROVIDÊNCIA

Antes de descrevermos a cena do capítulo precedente, falámos de Leal. Convém agora acompanhemos em sua marcha o fiel e inteligente quadrúpede.

Saiu, conforme dissemos, rápido como um relâmpago, de sob o leito do Conde; atravessou com a mesma celeridade a distância entre o Moinho e a fontezinha, onde ia matar a sede; porém, topou com Roque e parou a poucos passos deste, grunhindo e arreganhando os dentes, como se alguma coisa o espantara.

— Diabos! — disse Roque — este animalejo declarou guerra às minhas panturrilhas... Se te aproximas — acrescentou, pondo-se em atitude de defesa — garanto que não mais quererás voltar. Passa fora! Já! — disse, acompanhando as palavras com um forte estalido da língua.

O cão, porém, continuava a grunhir e, apoiado nas patas trazeiras, esperava momento oportuno para escapar dali e salvar-se da agressão de Roque.

Este se abaixou para apanhar uma pedra; foi o momento que Leal aproveitou para fugir ao seu inimigo.

— Este bicho há-de ser a minha perdição. Se estou em casa, olha o diabo do cachorro; se saio para o campo, lá está o cachorro; se durmo, vejo o cachorro; se como, o cachorro está presente. Ah! que vou morrer danado! Isto de não viver tranquilo em parte alguma! Mais valera ter-me atirado ao rio... Quando perpasso o olhar e vejo tudo isto arrasado, deserto, reduzido a cinzas, deparo com o retrato de minha alma. Desgraçado de ti! Como te cegaste, Roque! Mas, quem não cegaria mirando os olhos daquela traidora? Mais contente eu estaria, se houvera sido ela... Cruel!

Esteve um momento pensativo, até que, surgindo, Gregório lhe bateu no ombro, para o tirar da sua abstração, e lhe disse:

— Mau lugar é este para pensar.

Roque se voltou surpreendido e exclamou:

— Ah! é vosmecê? Deus o guarde, Senhor Gregório.

— Que ele também te guarde, Roque.

M— Sim, que nos guarde a ambos.

Depois, intencionalmente, ajuntou:

— Não sei, Senhor Gregório, que é o que sinto quando o vejo.

— Que sentes?

— O mesmo que quando vejo o cão de Maria.

— Bem, homem; mas, que é o que sentes?

— Frioleiras!... o tê-los conhecido a ambos.

- Pesa-te tanto isso?
- Tanto, que não posso dormir, nem viver.
- Afogas-te em pouca água.
- Quisera ter a sua coragem.
- Isto não se consegue, senão quando se h& nascido com valor bastante. Só os covardes se asustam.

— Ah! sim, sim... pode cuspir pelo colmi- Iho... Como se atreveu a vir aqui ?

— Que tem isso de estranho? Não estás tu aqui?

— Pergunta: que tem? Senhor Gregório...

Tem que vimos à terra do espanto!

— Do espanto!... porquê ?

— Porque aqui não há bicho vivente que coma à vontade.

— Só os que não tenham estômago como tu, Roque. Vejo-te brando e, como não tenho confiança em <sup>16</sup> preciso será que me certifique.. •

— Porque diz isso?

— Vejo-te como nunca julguei e é muito fácil que, se eu não remediar ao caso, nos comprometamos os dois.

— Compadre Gregório, vosmecê pensa que sou um bezerro, que berro sem mais nem mais?

— Tenho meus receios.

— Deveras, Senhor Gregório?

— Não duvides e, se não me deres de teu valor mostras que me convençam de que estou em segurança, vejo que te farão *emudecer*.

— Deveras, Senhor Gregório? Pois, quem eu vejo enforcado, se vosmecê não se vai daqui, é o guarda daquele bosque... daquele bosque... está ouvindo? — repetiu Roque com malícia.

— Porquê? — perguntou com fria calma o antigo coureiro.

— Porque, pelo que tenho ouvido, ao Senhor Gregório e ao Senhor cura é que atribuem o milagre.

— Onde o deduzes?

— Não sei; mas certos rumores dizem que o assassino deve ter-se escapado pela barca, cuja amarra acharam cortada.

— Bem, pode tê-la ele cortado e não haver fugido — respondeu Gregório, em tom despreocupado.

— Bem podia dar-se que, depois dela solta, a correnteza a arrastasse para a outra margem.

— Ora! vosmecê, para tirar todo o valor de uma suspeita à sua ausência, quer dar a entender que não se raspou na barca.

— Não é por isso que o digo.

— Então, porque é? — perguntou Roque com certa emoção secreta.

— Por nada... Disse-o casualmente.

— Bem, a verdade é que vosmecê não se apresentou para fazer suas declarações.

— E quem me chamou?

— Anda por aí à sua procura o alguazil.

— Quando me encontrar, cumprirei o meu dever. E o Senhor cura, porquê? j

— Porque dizem que o viram a falar com dois facínoras, antes que o fato se desse, e, como o Senhor cura nega isso, torna-se suspeito.

— E quem eram os facínoras?

— O Senhor cura deve saber.

— Que coisa extraordinária! Vê-se por aí que o pobre pároco vai pagar culpas alheias.

— Homem, está vosmecê certo disso?

— E quem não o está? O Senhor cura é um infeliz, incapaz de semelhante felonía.

— Pois, Senhor Gregório, aos infelizes costumam enforcar. Vosmecê deve crer-me: ou ir ao

tribunal, tendo antes estudado o que vai dizer, ou pôr pé no mundo, porque onde as dão as tomam.

— Nada temo .

— Homem ditoso é vosmecê, Senhor Gregório. Diabos! Peste de cão — acrescentou Roque, irrefletidamente, ao ver Leal passar-lhe pela frente, mais rápido que um raio.

— Que é isso? — perguntou Gregório, fleu- maticamente.

— Que há-de ser!... seguramente vou morrer de raiva.

— Mordeu-te algum cão?

— Que me lembre, não senhor — respondeu, dirigindo olhar esquadrinhador para os olhos do seu interlocutor. — Porém, de uns dias a esta parte, só vejo cães de todos os lados.

— Bebes água?

— Agora bebo, senhor Gregório. Desde que deixei de depender diretamente da dispensa do Senhor Conde, minhas tripas se transformaram em tanque.

— Então, não ficarás hidrófobo.

— Assim o creio!... Faço votos a Deus! Não vê vosmecê o maldito cão outra vez ali?

— Onde?

— Perto da barca.

— Sim, vejo. E' o cão de Maria.

— Ah! vosmecê também o vê, senhor Gregório?

— Vejo, sim.

— Vamos! então não é mania.

— Sabes, Roque, que te vais pôr louco?

— Melhor fora, Senhor Gregório, porque louco ou estar no limbo é a mesma coisa.

— Pois, filho, isto a mim não me convém.

— Porque, Senhor Gregório?

— Porque os loucos e as crianças dizem as verdades.

— Como anda vosmecê escamado!

— Assim devo estar, vendo o poltrão que és.

— Se sou poltrão, que será qualquer outro? Imagina porventura que não é preciso valor para que uma pessoa esteja vendo constantemente as cenas daquela noite e para que o susto que me revolve o estômago não venha a se manifestar na cara? Julga que estar ouvindo constantemente, em todos os recantos do Moinho, as conjecturas que se fazem sobre o sucedido não é bastante para turbar a qualquer um? Bem se vê, Senhor Gregório, que vosmecê não anda por aqui. Por isso foi que ainda há pouco eu lhe disse que vosmecê viera à terra do espanto. Confesse... com toda a sinceridade, não se lhe aperta o coração, quando pisa as cinzas deste bosque? Não se lhe falseiam os pés e não lhe foge a vista, quando passa por cima desse mato carbonizado? Senhor Gregório, se depois de todo o ocorrido, vosmecê nada sente, bem pode dizer que é de pedra.

— E' verdade, Roque, que tenho o coração mais duro do que o cristal; porém, temo a tua valentia e te aconselho que venhas comigo e deixes estes sítios, porque, do contrário, muito fácil é que tonteies à vista do perigo e caias no abismo.

— E aonde iremos, sem que a nossa fuga se torne suspeita e a mão da justiça não nos agarre?

— Não tenhas medo.

— Eu... medo! Não o tenho senão da fome e desse maldito cão — Esse animal será meu castigo!

— Mas, homem, porque te preocupas tanto com o cachorro? Que há de comum entre ti e esse animal?

— E\* que me mordeu as panturrilhas — exclamou Roque sem vacilar, porém preocupado com Leal, que acabava de passar de relance por diante dele.

— Não me disseste há pouco que nenhum cão te mordera?

.— Ah! sim, é verdade, senhor Gregório — respondeu Roque, voltando a si da abstração em que estava.

— Afinal, em que ficamos?

— Em que não!

— Mas, se não te mordeu, alguma coisa te fêz, ou tu lhe fizeste a ele.

— Que poderia eu ter-lhe feito?

— Nada... não sou curioso; o que importa é que te resolvas a vir comigo.

— E para onde vamos?... Que vai ser de nós?... Com que contamos?

— Não te aflijas por isso. Vou ter agora com a Condessa e fica certo de que não voltarei sem dinheiro. Com o que ela me dê, ir-nos-emos, antes que nos impeçam de fazê-lo.

— Tem vosmecê certeza disso?

— Tanta certeza... como de que, se não vieres, será preciso, para segurança de um dos dois, que o outro fique tão frio com os que são enterrados — disse Gregório com firmeza e em tom algo fatídico.

— Desde que tem essa certeza, ir-nos-emos;

porém, se o plano fracassar, tenha vosmecê por entendido, Senhor Gregório, que a mim não me assustam ameaças. Nada mais temo senão àquele cachorro... Maldito seja!

Leal acabava de passar novamente, com a mesma rapidez e receoso, por diante deles.

— Não há dúvida — disse Gregório de si para consigo — de que o cão tem alguma coisa que mete medo a este covarde, porquanto esta subjugação não se explica, desde que o animal não o mordeu. Enfim... seja o que for. — E logo, dirigindo-se a Roque e entregando-lhe a escopeta, disse:

— Guarda-ma e espera-me aqui, que vou ter com a Condessa. Enquanto isso, podes matar o teu cão.

— Bom, esperá-lo-ei aqui. Vosmecê tem razão; se eu tiver a fortuna de que elle passe por aqui, dou-lhe um tiro.

Sentou-se Roque no tronco de uma das poucas árvores que haviam escapado ilesas do incêndio, a esperar que Gregório voltasse e, ao mesmo tempo, de tocaia a Leal.

O ex-couteiro, passo a passo e endireitando a roupa, meteu-se pela senda que conduzia ao Moinho.

— Caspitè! — ponderava consigo mesmo — deixei a escopeta com aquele animal, quando pode vir a fazer-me falta... Vou voltar atrás e, a menos que me dê o facão... porque, homem prevenido...

— Voltou e, quando se viu perto do outro, gritou:

— Roque!

— Que é isso? — Arrependeu-se, Senhor Gregório?

— De forma alguma.

— Então...?

— E' que me lembrei que vou sem arma, o que não é muito conveniente ao passo que vou dar.

— Diabos! — exclamou Roque. Tenciona vos- mecê matar alguém?

— Não; mas, é bom não andar desprevenido.

— Porventura, julga o Senhor Gregório que a Condessa é algum tigre?... Ora, vamos! Ter- lhe-á vosmecê tanto medo, com eu ao cão?

— Seja como for, entendo não convir que vá desarmado.

— Pois bem, tome a sua escopeta. Má figura fará vosmecê com ela, falando a uma senhora.

— Não; não quero a escopeta.

— Que quer então?

— O facão que te dei aquela noite... que já sabes.

Roque esteve um momento perplexo, buscando na imaginação a desculpa que daria a Gregório.

— Como! Vosmecê não mo presenteou?

- Não fiz tal, mas, não importa; empresta-mo por tua vez.
- Senhor Gregório, vejo-o com más intenções e bom será que não ponhamos mais lenha no fogo.
- Não te preocupes, Roque. Preciso ir armado, para o caso de ter que bater em retirada forçada.
- Quel... Para pedir dinheiro a quem sempre lhe tem aberto a bolsa, vosmecê não precisa do meu facão.
- Bem, Roque, não sejas maçador; empresta-me essa ferramenta.
- Bolas! Vosmecê é mais pesado do que o sol na canícula.
- Vamos, despacha-te, que o tempo urge.
- Ora, acontece que não o tenho aqui.
- Bom; dize-me onde está e o irei buscar.
- Não!... Vosmecê não o pode tirar donde está.
- Então, vai tu; esperar-te-ei aqui.
- Que azar! É o caso, senhor Gregório, que... eu tão-pouco não o posso tirar.
- Mas, homem, onde está ele?
- Onde? Não sei.
- Não entendo.
- É muito fácil. Perdi-o.
- Quel... Perdeste-o?... — disse cadenciadamente Gregório e fazendo sua uma ideia que lhe atravessou a mente qual relâmpago, acrescentou: — Pois, agora, exijo que me digas onde o perdeste, ou, pelo menos, quando.
- Naquela mesma noite.
- Onde?
- Na choça de Maria. Sem dúvida caiu, quando carregávamos a canastra.
- Não pode ser; estive lá depois disso.
- Então, foi pelas vizinhanças.
- Não me digas mais nada, Roque. Já sei o bastante e nasci antes de ti. Apenas te previno de que sentirei do fundo d'alma que esse facão esteja em mãos de algum pássaro de mau agouro. Se assim for, dar-me-ás conta dele.
- Compadre, tenha calma. Baste lhe diga que o facão está em lugar seguro, onde ninguém o poderá apanhar. Digo-lhe isto para sua tranquilidade.
- Mas, onde está?
- No fundo do rio. E não me pergunte mais coisa alguma.
- Também de mais coisa nenhuma preciso saber — disse Gregório, dando-se por inteirado do que ocorrera, e voltou de novo as costas a Roque, sentindo não ir armado, para o que pudesse suceder.

Poucos passos adiante, voltou-se, visto haver escutado o estampido de sua escopeta.

- Aí vai! aí vai! — gritava Roque, possesso de raiva.
- Que diabo de mania! — ponderou Gregório, ao ver o cão que passava aos pulos, não muito distante dele, levando na boca um objeto escuro que, pela velocidade com que corria o animal, não lhe foi possível distinguir o que era. Preocupado, porém, com o plano da sua entrevista, não tomou a pensar no caso e seguiu caminho, sem mais se deter.

## 21 ASSOMBRO CONFUSÃO E CONFISSÃO

- Pode entrar, senhor cura, e sentar-se, se lhe aprouver — disse Maria, dirigindo-se à Condessa,

como a pedir licença. — Estamos prontos a principiarmos o nosso colóquio com o Conde.

O cura se sentou defronte da Condessa, à esquerda de Maria, que se conservou aos pés da cama do Conde, a cuja cabeceira se recostou sua mãe.

— Que tal, senhora Condessa — perguntou o pároco, fazendo uma saudação.

— Parece que não vamos mal — respondeu esta.

— Muito me alegro com as melhoras.

Depois de uma pausa, durante a qual cada personagem procurava na imaginação a frase com que rompesse o silêncio, Maria se dirigiu ao Conde, dizendo-lhe:

— Xavier!

Este não respondeu, se bem estremecesse ligeiramente.

— Xavier! — repetiu Maria, em tom mais forte.

— Que é?

— Preciso se faz que desperte, abra os olhos, demonstre naturalidade, para inspirar confiança aos presentes. Está disposto a isso?

— Estou.

— Vejamos.

O Conde retirou os braços de sob as cobertas, esfregou levemente as pálpebras, passou a mão pelo peito e inquiriu:

— Vamos, que queres?

— Antes de tudo, infundir confiança à sua mãe, para que ela possa sair do abatimento em que está. Depois... o que Deus quiser.

— Bem, que quer minha mãe?

— Que posso querer, meu filho, senão o teu completo restabelecimento? Que outro pode ser o anelo de tua mãe, quando tão perto se viu de perder para sempre a jóia do coração?

— Ainda quando a minha cura fôsse impossível — ponderou o moço — tu te equivocas, supondo que para sempre me apartaria de todos vós. Nesse caso, entre nós somente se daria uma separação por tempo mais ou menos longo. Fala tu, Maria, deste assunto à minha mãe: dize-lhe que apenas mudamos quanto à maneira de nos manifestarmos, dize-lhe que toda forma é destrutível, enquanto que, na proporção do progresso que lhe é peculiar, a alma conserva seus sentimentos; dize-lhe que, destes, o imperecível é o amor, fonte de consolo, amplo caminho de bem-aventurança, termo ditoso dos nossos desejos; dize-lhe, finalmente, que pelo amor se unem inteiramente as almas presas à terra com as que povoam os outros mundos e os espaços; que todos, sem exceção alguma, nos veremos junto de Deus.

— Se não entendi mal — observou o cura — o Senhor Conde está proferindo um sacrilégio e, ante a gravidade dos momentos que ora atravessa, é de meu dever, como sacerdote e como ministro do Altíssimo, fazer-lhe compreender que deve abandonar essas ideias, lembrando-lhe que lá poderia estar no outro mundo, na glória de Deus, nas angústias de sua Mãe Santíssima, na solicitude dos santos e santas da corte do céu, diante dos quais o Senhor Conde deve exclamar "mea culpa", dado que Deus haja por bem chamá-lo a juízo após este penoso transe.

Fácil será ao leitor compreender que, não estando em relação com o cura, como o estava com sua mãe, o jovem nada ouviu da observação do zeloso pároco. Maria, que esperava dar, por intermédio do Conde, uma prova do que eles chamavam feitiçaria, se permitiu dizer àquele:

— Senhor cura, o Senhor Conde, neste instante, não pode perceber senão o que lhe fira os sentidos, por intermédio de sua mãe, ou por meu intermédio. Assim, pois, se quer observar os fenômenos que se vão produzir aqui, permita que o ponha em relação com o Senhor Conde.

— Que história é essa de relação?

— Não me causa estranheza a pergunta. Veja, ouça e palpe.

Maria se colocou à igual distância do pároco e do Conde e disse em seguida ao primeiro:

— Senhor cura, dê-me a mão.

E lhe estendeu a destra.

— Para que tanta cerimônia?

— Pelo que mais o senhor ame no mundo e pelo respeito que tem à Senhora Condessa, ousou rogar-lhe que me dê a mão.

— Bem, mas que quer dizer tudo isto?

— Senhor cura, aceda; veja, ouça, toque.

Tais foram a insistência de Maria e o seu

olhar súplice, que o pároco não pôde deixar de ceder ao que considerava um capricho.

Uma vez com a mão do cura em sua mão, a barqueira falou assim ao Conde:

— Xavier, estenda sua mão.

O moço a estendeu, colocando-a na mão esquerda de Maria que, nessa atitude, disse:

— Compreendeis que estais unidos, desde o momento que faço ir de um ao outro o meu olhar (ambos estremeceram). Não é verdade? E soltou as mãos dos dois. O cura retirou a sua como quem foge de uma àscua ardente; a do Conde caiu pesadamente sobre a cama.

Agora, que todos estamos em relação, que todos nos podemos compenetrar reciprocamente, ouvi-me: Deus é o poder absoluto; a missão do Espírito é o poder relativo; quando a missão se executa, quando a missão é sincera, quando a missão tende a seu fim, a vontade de Deus se cumpre.

Não é Maria que neste momento vos fala. Espíritos, que vindes da parte de Deus, firmai a fé nos seres que me escutam, derramando neles os vossos eflúvios e dizei-lhes quão fora da minha missão eu estaria, se externasse tudo o de que tenho conhecimento. Quando se haja concluído este ato, quando termine o fenômeno que ides presenciar, não guardareis dele memória para relatá-lo; sua recordação se conservará dentro de vossas consciências, para servir de base às decisões que ulteriormente haveis de tomar. Que vêdes?

Os três permaneceram mudos. É indiscreto o que se lhes apresentava diante dos olhares. Ninguém poderia decifrar a realidade visível, não estando a par da história de cada um.

O Conde suspirava com amargura; a Condessa derramava lágrimas de contrição; o cura, confundido, tremia como um condenado.

Maria, extática, com o olhar posto no céu, entreabertos os lábios e secos de ansiedade, estendendo os braços, como se os quisesse abraçar a todos, caiu de joelhos, exclamando:

— Deus nosso! Pai universal, ajuda os bons Espíritos que tentam a fusão dos seres que tão heterogêneos em tendências pululam na terra. Oremos todos.

Durante aquele momento de oração, entrou Leal, deixando aos pés de Maria os objetos que em suas idas e vindas transportara do lugar onde fora queimada a arca.

— Conde, que vê?

— Um livro, um medalhão, um pacote e um papel dobrado.

— Onde estão?

— Aqui.

E, voltando-se para a Condessa e para o cura, interrogou:

— Tendes consciência disto?

— Sim, responderam ambos.

— Conheceis-lhes a origem?

— Não — disseram todos.

— Não o esqueçais nunca. Seja um sonho para todos vós e ouvi, que o Conde vô-lo vai dizer: despertai.

Ao pronunciar esta frase, Maria, tomou de novo assento aos pés da cama.

Ela conjugara sua influência própria à de seu pai, para que se criasse a situação que acaba de ser



descrita, porém, não conhecia o objetivo, nem, muito menos, o resultado que havia de produzir a referida situação. Assim é que, quando viu Leal depositar a seus pés os objetos que trouxera nas suas idas e vindas por diante de Gregório e de Roque, teve um ligeiro estremecimento e as lágrimas lhe assomaram aos olhos, sendo-lhe precisa toda a força de vontade para parecer serena.

Aqueles objetos Leal não os podia ter tirado da arca. Esta, conseguintemente, devera ter sido quebrada por alguma mão criminoso e o animal, conhecendo o que pertencia à sua dona, os trazia.

Subiu de ponto a sua dor quando, entre os ditos objetos, deparou com uns restos carbonizados: era um dos livros de seu pai.

— Que será isto? — dizia consigo mesma. — Como parece queimado este livro e intactos os outros objetos? Quem terá ousado tocar no sagrado espólio que me deixou meu pai? Dá-me forças, meu Deus, para ouvir a triste notícia que espero receber, à vista destes despojos, que outra coisa não parecem. Serei indiscreta, refletia, se me atrevo a desejar satisfazer a esta curiosidade, a este anelo que me oprime o peito? Perdoa-me, Pai, se, interpretando mal a estranha influência que me impeliu a criar esta situação, me permito inquirir do sonâmbulo a razão de tudo.

Após um instante de profundo recolhimento, disse ela ao pároco:

— Senhor cura, quando, fora daqui, recordai o que ides saber, não pronuncieis, com ódio em vosso coração, o meu nome.

— Senhora, do mesmo modo lhe suplico que não guarde ressentimento de mim, se alguma coisa for aqui revelada, que a senhora esconde no mais fundo do seu coração. Compreendi ambos que essa é a porta que, ao lado do caminho do vício, abre passagem à virtude.

Antes que ao sentimento da ira, abram-se vossas almas aos do arrependimento e do amor.

A Condessa e o cura escutaram penosamente a moça, como bem o indicavam a respiração oprimida de ambos e as convulsivas contrações de que eram presa.

Dirigindo-se ao Conde, Maria o chamou:

— Xavier, está disposto a ajudar-nos a resolver o problema que a todos nos poderá levar ao bom caminho.

— Sim.

— Responda: porque se acha a meus pés, queimado, este livro?

— Porque foi tirado das cinzas do bosque.

— Porque se encontrava entre essas cinzas?

— Porque Roque e Gregório roubaram a tua arca e, não encontrando nela o que a cobiça de ambos esperava, puseram-lhe fogo, que se comunicou ao bosque.

— Que outro objeto é esse e a quem pertence?

— É o retrato que minha mãe ofereceu ao Conde, antes do matrimônio.

A Condessa foi presa de forte convulsão, que Maria se viu obrigada a conter com a só imposição de suas mãos.

— Tranquelize-se, senhora; é o preço da purificação. Ao demais, do que ora os três ouvís, fora daqui nenhum se recordará, exceto do que particularmente lhe diga respeito, enquanto um olhar meu não vos faça lembrar, quer vos acheis juntos, quer separados, o que ides saber. Estando, como está, nas minhas mãos, bem deve a senhora compreender que não serei cruel.

— Que pacote é esse atado com fitas amarelas — perguntou Maria.

— Uma série de documentos — respondeu o sonâmbulo — probantes da tua identidade e da de teu pai, com relação à Condessa.

— Sem o desatar, nem quebrar o selo que nele se vê, poderá dizer-nos quais são, cada um de per si, os documentos que o formam?

— Sim.

— Somente você é quem os há-de ver?

— Não.

- Quem mais?
- Todos.
- Como faremos isso?
- Submetendo o pacote ao contacto de todos e mandando-o tu.
- Está bem. Senhor cura, apanhe-o.

.O pároco, como ' se o impelira uma mola, se encaminhou para o centro do quarto, apanhou o objeto citado e ficou imóvel qual estátua, aguardando as ordens de Maria.

- Já o tem?
- Sim — respondeu, com voz quase imperceptível.
- Mire-o bem. Está vendo?
- Não com muita clareza.
- Leve-o aos olhos.

O cura assim fêz.

- Agora o vê?
- Sim.
- Pode lê-lo?
- Sim.
- Pois bem, entregue o pacote à Condessa.

O cura se aproximou desta para fazer a entrega, porém uma nova convulsão que a agitou o impediu de fazê-lo.

— Condessa, é o seu "Purgatório". Não quer curar-se? E' o seu remédio. Valor e calma, resignação e fé em Deus. Tome os documentos.

A Condessa estendeu as mãos, numa crisperação horrorosa, e arrebatou, convulsiva e freneticamente, o pacote que o cura lhe apresentava.

- Está bem; acalme-se. Chore... Chore mais.

A Condessa soltou rédeas ao seu pranto, desafogando assim o coração, do sentimento que o oprimia.

— Está agora mais tranquila? — perguntou a moça.

— Estou; mas, tira isto, que me queima.

— Não o segure com receio. Se não quer curar-se de seus sofrimentos, lance-o fora. Ninguém a obriga. Deus lhe deu um Espírito, uma alma inteiramente livre. Se assim não fora, onde estaria a sua pureza e como manifestaria a sua misericórdia, atributos ambos infinitos? Lance-o fora, Condessa, se quer renegar dessa mesma bondade divina.

— Oh!... não... quero curar-me quero o perdão porém, isto me pesa horrorosamente sobre o peito e, com seu ardor, me queima as mãos, os lábios e os seios.

- Bom, dê-mo, Condessa.

Quis esta entregar rapidamente a Maria, mal a barqueira proferira aquelas palavras, o pacote que tinha entre as mãos.

— Oh! não, devagar — disse a moça. — Quero que, ao entregá-lo, exprima toda a resignação de seu Espírito, pois, de outro modo, a senhora ficaria certa de não ter coragem para ler esses documentos.

- Sim, sim.
- Julga ter coragem para a leitura?
- Sim.
- Faça-o.

— Cumprindo mentalmente a ordem dada, as lágrimas e suspiros que a leitura lhe arrancavam regeneravam a alma da Condessa.

— Dê-mo agora.

Recebendo o pacote, Maria o entregou ao Conde e lhe disse:

— Tome, Xavier; examine isto e vá dizendo- -nos o que contém.

O Conde recebeu o objeto que Maria lhe colocara sobre o estômago e se dispôs a começar a enumeração pedida.

— Qual é o primeiro documento?

— Uma carta amorosa de um D. João a Luísa.

— Conhece algum dos presentes esse D. João — perguntou Maria.

Ninguém respondeu.

— A franqueza — disse Maria — e a espontaneidade são propriedades características da verdade. Assim sendo, o silêncio não satisfaz a essa virtude. Xavier, conhece-o você?

Após breve pausa, disse o Conde:

— Vi-o certa vez, mas nunca lhe falei.

— E a Senhora, Condessa?

— Sim — respondeu secamente.

— E o Senhor cura?

— Também — balbuciou o padre, mau grado seu.

— Nesse caso, fico dispensada de o descrever e de lhe indicar o paradeiro, pois parece natural saibais que, lá na Andaluzia, vos esqueceu o vosso amigo comum D. João Estêvão & Companhia.

Uma comoção elétrica agitou os membros dos magnetizados. Inútil dizer que essa magnética força galvânica não era da mesma intensidade, nem da mesma qualidade nos três, pois, nas manifestações a que os impeliu, distintamente se podiam observar as sensações que cada um experimentava de per si.

— Perfeitamente — concluiu Maria. — E essa Luísa também a conheceis? Perdoai, Condessa, se sou cruel..

— Sim — disseram os três a uma voz.

— Passe, Xavier, ao documento que se segue.

— Qual é ele?

— A minuta de uma carta em que o Senhor Conde anuncia à Condessa: primeiro, sua viagem, por tempo indeterminado; segundo, a decisão de que nessa viagem o acompanhe sua filha, que se lhe juntaria ao passar ele por Extremadura; terceiro, recomendação para que a Condessa cumpra e faça cumprir as ordens e disposições exaradas no documento 27, letra H, de seu arquivo; quarto, que, como seja possível não regresse ao lar doméstico, por ter necessidade tomar parte num encontro de honra, com o maior cuidado lhe recomenda que não procure rastro algum, nem dele, nem de sua filha, porquanto, prevendo tudo, já tomou resoluções sobre encargos e acordos, para obviar a todo perigo da maneira mais conforme com o decoro; que ela não vacile em dar cumprimento às determinações que faz, atendendo às altas teorias e modos de ver aristocráticos, em matéria de honra e de grandeza; sexto, que parte confiado e satisfeito por haver procedido como era dever daquele cavalheiro que lhe estendeu a mão para elevá-la à sua altura, ignorando o que ela valia.

— Que mais há?

— A firma.

— De quem?

— De meu pai.

— Está certo disso? Veja bem.

— Ira de Deus!... — exclamou Xavier.

— Calma! Lembre-se de que está sob a férula de um poder que lhe é desconhecido! Acalme-se — acrescentou, depois de uma pausa —; isso prejudica o seu ferimento.

Voltando-se para a Condessa, disse-lhe:

— E' preciso, senhora, passar do "Inferno" à jllória. Recorde-se de que Jesus disse:

confessai-vos uns aos outros e, como a matéria é sempre rebelde.. \_\_\_JI

Maria teve necessidade de interromper o que ia dizendo, para, com seus fluidos, acalmá-la um pouco.

Pode continuar, Xavier, a dizer-nos o que contém o documento seguinte?

— Sim; é também uma cópia de carta, dirigida essa a D. João, dizendo a este que lhe perdoa a ofensa, mas que, em compensação, lhe roga que procure não divulgar o seu crime, se nalguma conta tem a honra do seu amor. Aconselha-lhe, ao mesmo tempo, que dali por diante evite colocar-se-lhe ao alcance da vista.

Que é o que se segue?

— Uma das notas das disposições constantes do maço letra H de seu arquivo n. 2T.

— Leia as notas.

"Primeira: Testamento cerrado, em que deixa "ao filho póstumo todos os seus bens e títulos, ficando para a Condessa viúva o usufruto e a tutela, durante a menoridade.

"Segunda: Declara ser sua herdeira a Condessa, no caso de morte, ou de aborto do nascituro.

"Terceira: Usufrutuária, no caso de contrair segundo matrimônio, passando depois tudo ao primogênito mais próximo da família.

"Quarto: Ordem para que seus descendentes "respeitem o contrato que celebrou com Francisco A... couteiro em Bolinches.

"Quinto: Condições deste contrato".

— Leio-as?

— Não é preciso. Que se segue?

— Duplicata, pertencente a Francisco, do contrato que firmou com o Conde.

— Que mais?

— Nomeação de Francisco A. para couteiro Mayorazgo de Bolinches.

— Que mais? — tomou Maria a perguntar.

— Ultimo pedido do couteiro de Bolinches à sua filha. Leio?

Leia.

"Sempre julguei, minha filha, que jamais se "daria o caso de, conhecida a história e os desígnios de teu pai, vir ele, por despeito teu, a sofrer "um anátema, ou uma maldição, indigna dos bons "Espíritos. Conte sempre que tua alma, embebida "e saturada de minhas ideias e sentimentos, seria, "pelo menos, misericordiosa para comigo. Se me "enganei, Maria, perdoa-me, que sou duplamente "digno de compaixão, pelos erros em que vivi.

"Quando chegues a ler este manuscrito, terás "percebido claramente, através dos números anteriores, o que fui, o que és e o que deveras ser. Se "não te conformares com a situação em que vives, "para desfazer todas as dúvidas e para comprovar "o teu nascimento, dir-te-ei: A imagem que se encontra no medalhão é a de tua mãe; Deus lhe "perdoe e nos perdoe a todos, pois cada um sofre "no mundo a prova que lhe cabe. Quanto a mim, "é muito provável que, ao leres estas linhas, haja "um indivíduo que, no teu lugar, representa a tua "casa; não o odeies, como eu também não o odeio; "compadece-te do seu estado, seja qual for. Dado "queiras por acaso recuperar, com escândalo do "mundo e da caridade, tudo o que, por satisfação minha, e por erro, te roubo, numa Bíblia acharás "um papel encarnado, pregado à folha 80, com o "qual te poderás utilizar de quinze mil pesos, para "recuperar o que perdeste, ou para sair da situação em que te deixo. Sujeitando-me à tua vontade e desejo, mais não te posso dizer, senão que "este será motivo para mim de satisfação ou de "prova. Quando contemplares o retrato de tua mãe, "quando sobre ele derramares tuas lágrimas, dá-lhe "um beijo por mim, que não lhe guardo rancor. Ele "te fará saber que tua mãe foi de origem humilde, "porém formosa como nenhuma outra, altiva como "uma rainha, leviana como uma andorinha. Quem, "não obstante conhecê-la, a fêz sua companheira, "merecia saborear toda a virtude de tão belo fruto. "Isso é tudo, minha filha; culpado é o que toca a "maçã mitológica, que nos representa > os

tempos "primitivos. Beija-a, repito; chama irmão ou irmã "àquele que consideres usurpador dos teus direi- "tos, pois a culpa é minha, de ninguém mais . A "culpa tenho-a eu, que não soube suportar o senti- "mento inqualificável que não descrevo, para te não "encher mais de amarguras o coração".

— Há uma invocação — disse o sonâmbulo — e depois a assinatura.

— Que mais há?

— Carta de Luísa ao Senhor Conde, em que implora perdão e roga que lhe não arrebate a filha, carta que tem junto a minuta da resposta, em que o Conde diz que lhe perdoa, mas que a sua resolução é definitiva.

— Que mais?

— Várias notas explicativas de diversos acordos que se prendem ao que fica lido.

— Então, basta.

E, dirigindo-se à Condessa, disse a moça:

— Luísa, ouviu bem?

— Ouvi: <sup>1</sup>

— Faz confissão sincera àquele a cujo amor correspondeu com ingratidão?

— Faço — respondeu a pobre senhora, quase sem voz e com um estremecimento nervoso.

— Sente a mesma dor que por espaço de vinte e dois anos suportou em sua alma aquele Espírito, que tanto roga por todos nós?

— Sim — respondeu do mesmo modo a Condessa.

— Oh! senhora! diga comigo o "Pai Nosso" — acrescentou Maria, caindo de joelhos, bem como a Condessa, e juntas elevando suas preces ao céu.

— Falta agora — exclamou Maria, erguendo-se e dirigindo-se ao cura — a sua confissão.

O pároco estremeceu.

— Xavier, deixe esse pacote; olhe para aquele papel dobrado que se acha no chão. Está vendo-o?

— Estou.

— Que é ?

— Um contrato entre dois tratantes.

— Sabes quais são?

— Sim, pois ambos o assinaram.

— O meu predileto e o predileto de minha mãe, isto é, Roque e Gregório.

. — Sabe, Senhor cura, o que reza esse contrato? senão, o sonâmbulo o lerá.

— Sei sim.

— Xavier, Condessa, sabeis que relação tem isso com algum dos presentes? Não há estremecer, Senhor cura. A confissão o senhor não a tem que fazer através das grades de um confissionário. Se for franca e se do fundo dalma testemunhar a Deus o pesar que lhe causa o seu pecado, a absolvição é o fruto que imediatamente colherá o pecador.

Voltando-se para o sonâmbulo, perguntou-lhe:

— Tem esse contrato relação com outro ou outras personagens, embora seja mediata essa relação?

— Sim, tem com outros dois homens que estiveram com o cura, falando secretamente, perto da fontezinha, na noite do crime.

— Quais eram essas personagens, Senhor cura?

O pároco guardou silêncio.

— El' inútil esforçar-se por calar; todos o sabemos. A pergunta é apenas para seu bem. Tenha caridade de si mesmo: entendo a caridade de Deus de modo diverso desse sob o qual tem pregado. Diga.

— O alcaide de Valdeganga e o secretário — respondeu o cura, com voz sumida.

— De que falavam os três?

— Da destituição de Gregório, que impossibilitava o nosso negócio.  
— Bem vê, Senhor cura, que são transcendentais todos os nossos passos nesta vida. O senhor está exposto a pagar o seu delito, dada a complicação em que se acha no atentado contra o Conde. Entretanto, esta é a ocasião em que um arrependimento sincero poderá tornar útil o tempo que desperdiçou, quando o aproveitou de modo contrário, por satisfazer à sua cobiça. Peça perdão a Deus e rogue-lhe comigo que, dentro das leis naturais, o salve, se for conveniente, desta terrível circunstância.

O cura e Maria oraram fervorosamente. Depois, esta se dirigiu ao Conde:

— Xavier, visto isto e cabendo-lhe a vez de confessar-se, quer dizer-nos quem é você?  
— Um miserável!  
— Não, Xavier: um irmão meu. Lembre-se deste sucesso e estará regenerado. Tenha presente, e não esqueça, que todos somos filhos de Deus, todos irmãos! Ore comigo, Xavier, e acompanhe-me no rogar por aquele que provoca tanta concórdia e tanto amor!

Maria se lançou sobre o leito do irmão, cujo rosto cobriu com um turbilhão de lágrimas e de beijos. Em seguida, tomando uma atitude digna e indescritível e acenando a *Leal*, para que retirasse os objetos, disse:

— Despertem!

Os três despertaram, sem ter consciência, naquele instante, do que acabara de passar-se.

## 22 O AMOR METÁLICO

Uma vez terminada a estranha revelação de Maria, apareceu no umbral da porta um criado, anunciando à Condessa que Gregório lhe desejava falar.

A senhora se levantou, depois de haver dito ao criado que mandasse entrar para o seu gabinete o antigo couteiro.

Maria a advertiu de que, durante a sua entrevista com Gregório, tudo fizesse para se recordar de um fato que já conhecia.

A Condessa saiu, ficando no quarto o cura, Maria e Xavier. Quando aquela chegou ao seu gabinete, já ali a esperava Gregório, de pé, estudando o lugar e a atitude que deveria conservar durante a entrevista. Assim é que, dissimuladamente, se colocou entre a porta de entrada e a Condessa.

— Deus te guarde, Gregório — disse a dama, sentando-se e indicando a este que fizesse o mesmo.  
— Obrigado, Senhora Condessa — respondeu aquele, dirigindo o olhar para a porta.  
— Que é isso? — perguntou ela, ao notar o gesto de Gregório. — Parece que estás receoso?  
— Na verdade, Senhora Condessa, o caso não é para menos. E' de tão alto interesse o que lhe vou comunicar, que conviria, se mo permitisse, cerrar a porta e verificar que nenhum curioso importuno nos ouve.

J. F. COLA VIDA  
206

Embora estranhando essas precauções, a Condessa anuiu ao que o servo queria, crente de que lhe ia declinar o nome do assassino de seu filho, ou coisa do mesmo gênero. Esqueceu-se, no entanto, de ter o mesmo cuidado com uma pequena porta que comunicava com um passadiço por onde se ia ter aos aposentos do Conde.

Gregório tão-pouco notara essa saída perfeitamente dissimulada que estava, na parede, pelas decorações do gabinete. Assim é que, julgando-se seguro, falou da maneira seguinte:

— Pois bem, Luísa..). :=

A Condessa que se desacostumara, havia muito tempo, de ouvir alguém chamar-lhe dessa forma, ficou perplexa e o seu olhar investigador esbarrou no de Gregório que, mais forte, a fêz baixar a vista.

— Parece que receias?  
— O que parece é que esqueceste que sou tua senhora, a Condessa de X.  
— Perfeitamente; mas, não venho falar à Condessa; venho falar a Luísa, àquela Luísa que, na campanha da

nossa Galícia, pela primeira vez palpitou de amores e vendeu o seu amante .

Atônita ante o rumo que a conversa tomava e sem poder presumir a causa de tão singular mudança, dado o embaraço da situação, resolveu-se a esperar, para conhecer o verdadeiro intento do seu antigo amante.

— A que vem recordares isto? Não és tu quem tem o direito de evocar passados deleites.

— Oh! sim, senhora. Prova evidente de que tenho direitos é que deles uso.

— Não é uso, mas abuso.

— Deixemos de lado as qualificações. Quero resultados mais positivos. Desde que olvidaste aquela proteção que me prometeste, venho cumprir a minha promessa.

— Gregório!... — disse espantada a Condessa.

— Calma, Luísa; não tens de que te assustares. Ainda te resta um recurso e, pelo que venho propor-te, verás, mais uma vez, que sou generoso contigo.

Depois de uma pausa, exclamou a Condessa:

— Explica-te.

— Farei antes uma breve resenha, para te lembrar o que me deves.

— Não há necessidade disso.

— Há, sim; não quero que digas que avanço demais, apoiando-me nos teus sacrifícios. Verás quão pouco é o que de ti reclamo.

— Oh! lá — disse de si para si a Condessa. — Trata-se de dinheiro. Mas, não compreendo — continuou a refletir, enquanto Gregório se sentava — que precise desta forma para uma exigência que lhe é ordinária. Outra coisa haverá.

— Serei breve; não cansarei muito a tua atenção. Éramos felizes — prosseguiu Gregório — e arrulhamos nossos amores por aquelas brenhas em que pasciam meus gados, na propriedade de teu pai. Sabes que um dia lá se apresentou guapo mancebo que, preténdendo caçar aves, caçou a Luísa. Eu, para te não perder de vista, porque em meu peito ardia sempre por ti a mesma chama, me resignei a seguir-te, sem poder realizar a nossa união, que tornaste impossível. Asseguraste-me, em compensação, que me terias sempre a teu lado. Levado por essa esperança, segui-te, apesar do muito que me repugnava ver-te nos braços daquele Conde. Vieste cumprindo até aqui o prometido, porque imaginaste que a vontade de teu filho seria desculpa bastante para esqueceres teu compromisso. Ao demais, aquela formosura louçã de teus anos juvenis já murchou, findando-se para ti a vida que iniciaste como Condessa. Já não esperas amantes e, por isso, não mais precisas de meus sacrifícios. Isto fêz que estendesses sobre o passado um espesso véu, com o qual julgaste cegar-me. — Enga- naste-te, porém, Luísa. Apareço através do véu, exigindo, como se deve fazer com toda ingrata, o cumprimento da promessa.

— Bem; que queres?

— Satisfazer ao teu desejo, que é o de afastar-me de ti. Afasta-me, porém, deves compreender que para tanto não me bastam os pés; que necessito de mais alguma coisa, a fim de voltar para a minha terra, a recordar, naqueles prados, as horas que tão tristemente perdi contigo, como pobre incauto.

— Bem; mas dize o que queres.

— Muito simples: ouro.

— Será possível, Gregório, que não te hajas cansado de pedir? Não posso perceber como encontras sempre fundamento para fazê-lo.

— Pois a explicação é natural. Sempre que me dás um motivo, como presentemente, devo pretender afastar-me de uma senhora que, entre os perfumes de seus salões, olvida a miséria dos que por ela se sacrificam. Fundamento!... Ainda que outro não houvesse, não seria bastante, Luísa, o ver-te sempre desdenhosa e muito longe de satisfazer ao sentimento do meu coração.

— Abdicaste desse direito, ao consentires no meu casamento com o Conde e ao trocares, por um lugar na sua criadagem, as vantagens materiais que eu te oferecia.

— Ainda que assim fôsse, Luísa, não terias razão. Abdiquei, porque a isso me forçaste; mas, responde-me: deu-se o mesmo, quando me obrigaste, chorosa e aflita como uma Madalena, a servir de

confidente àqueles amores, por efeito dos quais, se não fora o carinho que te consagro, houveras perecido trinta vezes? Então, "Senhora Condessa", nem eu abdiquei, nem abdicou o Conde. E com que recompensaste, a mim, os meus sacrifícios e, àquele estúpido senhor, a sua cegueira? Vamos, vamos, Luísa; muito diferentes e pequenos se vêem os objetos, quando são observados do alto. Os que de baixo os observam notam-lhes todos os detalhes; percebem-lhes a verdadeira grandeza e não se enganam. Achas que te servi bem?

— Sim.

— Julgas ter-me recompensado?

— Julgo;

— Pois te enganas, tanto numa, como noutra coisa. Má recompensa é, para mim, o me ver proscrito da tua companhia; e, para te servir bem, antes que assistir à tua descida até ao pântano em que hoje te agitas, devera ter-te privado dessa existência que ainda me causa despeito.

— Gregório!... Acaba depressa, ou sai daqui.

— Não pode ser, "Senhora Condessa".

— Sai, ou te entrego aos tribunais, como incendiário e ladrão.

Gregório estremeceu, compreendendo que a ameaça de Luísa podia cumprir-se, feita que fora com tanta firmeza. Nem por isso, entretanto, se lhe alterou de modo visível a calma.

— Diabos! — disse consigo. — Isto vai pior do que me parecia! E estou sem arma! Ah! veremos se as minhas forças me abandonaram. Não me pode dar muito trabalho a resistência de uma mulher quase tísica.

— logo, cruzando os braços, disse em voz alta: — Luísa, deixa que me ria. Que pretendes com ameaças inúteis e infundadas? Se julgaste poderes evadir-te, caíste em erro. Reflete um instante que seja, pois, do contrário, irei, sim, aos tribunais, porém tu terás ido mais depressa do que eu.

A Condessa caiu de joelhos, com as mãos cruzadas sobre o peito, a orar mentalmente, enquanto que com lágrimas abundantes desafogava o coração oprimido.

— E' isto. Vê o que são as mulheres: muita altivez, muito poder, quando exigem; muita fraqueza também, quando apelam para as lágrimas! Não "Condessa", há muito tempo estou acostumado a vê-las; já não me enternecem. Dá-me o dinheiro de que necessito.

A Condessa não respondeu, nem mesmo o ouviu, tal a abstração em que se encontrava.

— Calas-te?... — disse ele, sacudindo-a por um braço.

Arrancada ao seu êxtase e querendo afastar de si aquela influência terrível e asquerosa, pôs-se de pé e disse, com dignidade:

— Saia... perdoo-lhe; perdoe-me, por sua vez, se não é um miserável.

— Miserável, eu! — disse ele, atirando-se à Condessa que, a um empurrão seu, caiu no sofá, soltando um grito de horror, ante a atitude e o olhar de Gregório.

A porta dissimulada se abriu e Maria apareceu com toda a gravidade que lhe era peculiar. Acompanhava-a o cura.

Gregório mediu as forças e compreendeu que se achava encurralado; por detrás daquelas duas figuras, via forças superiores às suas.

— Não se assustem, senhores — disse por fim, fazendo grande esforço sobre si — é um desses acidentes que a Condessa costuma ter: um pouquinho d'água.

— Gregório, abra aquela porta e vá você mesmo buscar água — disse Maria. — Tenha presente que neste mundo não se deve desprezar nenhum conselho dado de boa fé. Vá sem medo. Lembre-se de que lhe prometi a minha proteção. Se deixou de ser coiteiro, foi porque por si mesmo destruiu todas as esperanças. Não se pode queixar de mim.

— E quem és tu?

— A Condessa!... — disse o cura, avançando até ao meio do aposento.

— A Condessa!...

— Sim, minha filha — exclamou, a seu turno, a Condessa viúva, voltando a si do estupor em que caíra.

É impossível descrever a perplexidade de Gregório, que, compreendendo que não devia perder a ocasião e



fitando o cura, disse:

- Desde que o senhor mo afirma, terei que acabar acreditando.
- Sim, Gregório, tudo está sabido e, em presença de tanta caridade, o melhor é a confissão. Resta-te agora fazeres a tua penitência. Pede a Deus seja curta e leve.

Gregório permaneceu afundado em indizível caos.

- Que devo fazer, Senhor cura? Porque, a mim me cabe seguir o mesmo caminho que o senhor.
- Sim, meu filho, faze como eu: pede perdão e arrepende-te, já que não podemos indenizar tanto dano que causámos.

Gregório olhou para Maria, depois para a Condessa e saiu do gabinete, murmurando de si para si:

- Valha-me Deus!

## 23 A VERDADE E' UNA

Vimos que, antes da cena que acabámos de narrar, a Condessa saíra do quarto do filho, deixando ali Maria e o cura. Parece que este só esperava essa saída, tal a pressa com que disse à moça:

- Que pena não creres em Deus!
- Está em erro; Senhor cura; creio nele e não compreendo o porquê da sua exclamação.
- E' muito simples, Maria. Não posso explicar o que se acaba de passar, senão te considerando adivinha por efeito do que presenciámos. Uma de duas: ou te protege o diabo, ou te protege Deus.
- Isso quer dizer que o Senhor cura nunca se deteve a observar e, muito menos, a estudar o que devera ser objeto de suas cogitações. Em primeiro lugar, o "diabo" não existe.

- Jesus! Maria Santíssima!...

— Nada disso, Senhor cura. Ponha de lado todos os preconceitos. Se em tal coisa acredita de boa fé, escute-me. O diabo não é mais do que tuna figura simbólica do mal e das contrariedades, figura de que o homem se utilizou para representar, desde o advento da Doutrina de Jesus, o princípio que dessa doutrina separa as criaturas. Dando-se o caso de ser este princípio, como de fato é, muito relativo, nenhuma representação real comporta. O bem e o mal nós o apreciamos material, física e moralmente. Materialmente, quando não chegamos a resultado prático em nossas operações e mal nos saem os cálculos, mal que, entretanto, segundo os cálculos dos outros, lhes agradaria. Logo, o mal em si mesmo é, neste caso, muito relativo, pois que depende do objetivo e da nossa tendência. Vou apresentar-lhe um exemplo, Senhor cura. Lembra-se de quando a Condessa e vossa Reverendíssima me foram propor que eu a acompanhasse a Madrid? Não se altere, porquanto, ao recordar esse episódio, faço-o como ideia prática; longe de mim querer ferir-lhe a suscetibilidade. Segundo os cálculos de vossa Reverendíssima, seria um bem para o senhor, para Gregório, para os cúmplices deste e também para mim, que eu deixasse de trabalhar na minha barca; sê-lo-ia para aqueles, porque lhes satisfaria ao desejo; sê-lo-ia para mim, porque melhoraria de condição. Verá agora como o mal material depende do modo de conceber e apreciar as coisas. O que o senhor e os outros consideravam um bem era, para mim, um mal, porque importava em romper os afetuosos laços que me ligam à terra da paz e tranquilidade em que vivo. Para vós outros, segundo o meu modo de ver, era também um mal o que julgáveis um bem, porquanto o senhor está verificando que, a não se dar o que se deu, não teria a ventura de experimentar a satisfação íntima que resulta da decisão de tomar o caminho prático da moral e de nele atuar. Compreendeu? Como vê, o que outros consideravam um bem, era, apreciado por mim, um mal.

- E' verdade — observou o cura.

— Mal físico. Este se explica singelamente, bastando para isso nos lembremos de que os temperamentos não são todos iguais. Assim é que um médico há-de notar que, para diferentes enfermos, diferem os tratamentos, na razão direta do temperamento de cada um dos ditos enfermos, porquanto o que dá alívio a um pode agravar em outro a enfermidade, ou provocar outra doença, em virtude do desnível, ou, melhor, da desigualdade dos temperamentos no organismo humano.

Exemplo: Ao cair enfermo o Senhor Conde, ante3 que eu o tratasse com o mesmo medicamento com que

tratei do meu cão, precisei levar em consideração a diversidade dos organismos. Assim é que tive de atenuar ou dinamizar as infusões e que a ação magnética o .Conde a recebe pela imposição da palma da minha mão; pela minha voz, pelo meu olhar e pelos passes a distância e, ultimamente, para provocar a cicatrização da ferida, tive necessidade desse bálsamo que vê em cima da mesa, destinado a formar a película sob que se restabeleça a rápida união dos tegumentos. Meu cão, ao contrário, não necessitava de tanta delicadeza; em seu organismo, como nos de quase todos os animais, é mais viva a faculdade de assimilação e reparação. A Condessa, assim haja obtido a calma indispensável, não precisa de outra ação magnética além da que sobre eia posso exercer com o olhar e a voz. Entende, Senhor cura?

— Sim, compreendo, se bem não perceba o que seja esse magnetismo de que falas. Vejo, porém, a analogia do sistema ordinário da medicina atual.

— Bem; resta-me tratar do mal moral. Para apreciarmos o mal debaixo deste prisma, precisamos saber o que é o bem e travar conhecimento com ele, para, por oposição, conhecermos aquele. Todos os nossos atos, que perfeitamente se conformem com a lei do amor, pois que dela derivam a caridade, a justiça e o sacrifício, tendem ao bem. A observância dessa lei nos dá uma satisfação íntima, que constitui a fruição de um gozo que se não pode explicar, por ser uma como irradiação do desejo que o Pai comum alimenta com relação a todos os seus filhos. De sorte que, cumprindo-se os preceitos do amor, se cumpre a vontade de Deus. Faltando a esses preceitos, a criatura provoca o sentimento de pesar em Deus, ante a ingratidão de seus filhos, visto que todos recebemos a sua misericórdia e os frutos da sua bondade, para nos amarmos recíproamente. Consequência imediata, Senhor cura: obramos mal, quando contravimos aos sublimes preceitos a que me tenho referido e, ao obrarmos assim, experimentamos e fazemos experimentar a outros a sensação triste, desconso- ladora e desesperadora da nossa ação.

— É verdade.

— Pois, então, o mal é apenas o que deixo dito. A representação desse mal, uma vez que necessitamos dar a tudo uma roupagem, foi personificada em um ser a que chamamos diabo. Aquele que não aprofunda esta verdade se contenta com o símbolo, criado sem dúvida por uma imaginação poética, visto que o mal não se rege por leis, é a consequência, como eu disse há pouco, que experimentamos, quando nos divorcamos do nosso dever e da vontade divina.

Sempre que sofremos, em certos casos, as consequências lógicas do nosso proceder e, noutros casos, os efeitos das leis naturais, costumamos dar a essas experimentações o nome de calamidade e, para não termos o trabalho de perquirir a causa primordial ou produtiva de tais calamidades, atribuímos, porque assim nos apraz, aqueles efeitos a um mito, que serve então de desculpa viva aos nossos erros. É a fraqueza humana: não temos valor suficiente para conhecer, confessar e corrigir os nossos defeitos.

— Maria, alguma coisa de verdade há no que acabas de dizer; mas, devemos convir em que, crendo desse modo, apagamos o princípio da fé, que deve ser indestrutível em todo cristão católico apostólico romano.

— Não vejo que seja assim, Senhor cura, a menos que vossa reverendíssima entenda a fé por maneira diversa da minha, maneira de a compreender.

— Talvez seja isso, Maria; porém, quando tantos homens eminentes, mesmo sem recorrermos às palavras do Cristo e às do próprio Evangelho, hão convindo e crêem, com mais razão do que nós, na existência de Deus e do diabo, assim como na do inferno...

— Já sei, já sei, tudo são frioleiras que *esses eminentes* inventaram, a título de revelações de Jesus e de seus Evangelistas...

— Que estás dizendo! Por Deus, Maria!

— Senhor cura, enquanto não deixar de espantos e exclamações, não nos entenderemos.

— Mas, se não se te pode ouvir, mulher! Estás delirando e na realidade me dói, porque não desejo o mal a ninguém.

— Muito me alegra que o Senhor cura pense assim; esse é o caminho do bem; por ele nos aproximamos de Deus. Esse o caminho que nos indicou Jesus e que alguns egoístas ambiciosos apagaram das vistas humanas. Contudo, os seres que ao mundo chegam e do mundo partem não realizam inutil- mente suas peregrinações.

Aquele que daqui ou de qualquer outra esfera saiu, para voltar novamente e purificar o seu Espírito, traz consigo, a cada encarnação, um átomo a mais do gérmen do progresso. O Senhor cura pensa hoje assim; quando voltar a este mundo, pensará de modo diverso e, se topar com outro Espírito como o meu, estará mais disposto a lhe escutar o aviso.

— Jesus, que disparate!

— Se, por dizer ele estes mesmos disparates, crucificaram o Cristo, que há-de estranhável em que o Senhor cura me considere louca, como o julgaram a ele, quando declarou que ninguém é profeta em sua terra?

Explico-lhe o que é o bem e o que é o mal e vossa Reverendíssima se obstina em conservar-se surdo. Pior para o senhor. Nada lhe dizem os fatos positivos que vem observando desde alguns dias?

— Sim, que és uma bruxa.

— Bolas! Voltamos ao princípio da questão. Nada obstante, aceito o qualificativo, pois que não passa de simples questão de nome. Não pretendo granjear honras, nem me exaltar, trazendo-o ao terreno da prova; acredita o senhor que o diabo pode mais do que Deus, admitida a ideia, a que se mostra aferrado, da existência desses dois poderes?

— Não, isso não pode ser.

— Então, como concebe o senhor que o diabo se oponha à vontade divina e anule os desígnios da divindade? Não são inalteráveis as leis de Deus?

— São.

— Como é que o diabo as altera? Vale ele tanto quanto Deus ?

— O que Deus permite...

— Não pode ser! Sendo Deus, como é, infinitamente misericordioso e justo, não pode consentir em que se verifiquem semelhantes hipóteses, nascidas tão somente de um falso, ou, pelo menos, duvidoso critério.

— Nesse caso, como explicas as inspirações perversas de certos homens ? E a dureza de coração que às vezes, demonstram os grandes talentos?

— Muito simples e, sobretudo, muito natural.

— Bem, vejamos.

— De duas maneiras. Suponho que o senhor admite a existência da alma e da matéria, não?

— Certamente.

— Pois bem: tanto um como o outro desses dois princípios obedecem a leis que lhes são peculiares, porquanto, sem essas leis, não veríamos agregada a matéria e afetando as formas dos reinos animal, vegetal e mineral. Da mesma sorte, outra ordem de leis, leis espirituais, faz que o Espírito, de maneira análoga, apresente uma escala hierárquica, digamo-lo deste modo, da sua mesma essência. Assim como vemos a matéria progredir na complicação orgânica, por exemplo, através das suas sucessivas transformações ou modificações, também o Espírito progride, purificando a sua essência. Diferença outra não há, senão que a matéria, criada para conter o Espírito, não conserva eternamente a sua individualidade.

Agora, os seres funcionam, em a natureza, de duas maneiras, ou sujeitos a duas tendências — a material, ou orgânica, e a espiritual. Como as funções destas se acham na razão do progresso dos seres, resulta serem elas mais ou menos harmônicas entre si, donde se segue haver homens cujos progressos não se acham no mesmo nível, ou, melhor, cujo adiantamento intelectual é superior ao moral, conforme frequentemente se vê.

— Muito bem; mas, tudo isso não me diz coisa alguma.

— Como não? Não se deduz daí que o homem, por exemplo, que não tem um certo desenvolvimento moral, obra de conformidade com o seu atraso?

— Imaginas então que Deus fêz imperfeito o homem ?

— Não há tal; Deus fêz iguais todos os Espíritos, porque é irradiação sua a essência que os constitui. Mas o Espírito, para apreciar a sua felicidade, tem que a merecer, consciente dela. Poderia o Senhor cura ter consciência de um prazer, se o não conhecesse previamente? Não se deseja aquilo que se não conhece. <sup>1</sup>

— Certamente que não.

— Vê, pois, que os Espíritos não são imperfeitos; que, simplesmente, nascem para merecer a felicidade que todos anelamos. Segundo a sua crença, o pobre inseto, comparado ao homem, como o simples musgo, comparado às árvores, seriam criações imperfeitas. Entretanto, assim não é. Nada sai imperfeito das mãos do Criador. Tudo cumpre o seu destino, ainda que a complexidade da respectiva organização nos escape à vista.

— Muito bem; mas, assim sendo, não estás de acordo com o *Gênese*, quando diz que tudo, ao ser criado por Deus, surgiu perfeito. Não acreditas, tão-pouco, que essa perfeição ficou perdida, por efeito do pecado original?

— Creio que tudo nasceu perfeito; porém, nunca, nos diversos períodos dos passados tempos, o homem foi mais adiantado do que o é hoje. Seu desenvolvimento ficaria sem razão de ser, depois que ele houvesse perdido o que já realizara.

— Difícil é isso de provar-se.

— Oh! senhor Cura, muito simples, muito fácil. Que pena não seja propícia a ocasião para que eu me demore em demonstrar-lho, de modo a sair daqui convencido. Dê-me tempo e, se eu não conseguir o meu propósito, consentirei em comungar nas suas crenças.

— Combinado, Maria.

— Muito me rejubilo; porém, assentemos desde logo que, na nossa controvérsia, só terão parte a razão e a sinceridade.

— E a fé também — disse o cura.

— Aceito; mas, não a fé por artigos. Não poderá ser de outro modo, se o senhor atentar um pouco, como já lhe fiz sentir, nos acontecimentos destes últimos dias. Verá tudo tão palpavelmente, que não lhe restará dúvida. O progresso confere, a quem o realiza, superioridade, com relação aos menos adiantados. Por exemplo: vossa reverendíssima, a julgar pelos óculos de que usa, é presbita; pois bem, figure-se que sou míope, que os dois nos achamos em cima de um outeiro e que ao longe há um objeto que só o senhor vê. Minha vista não o alcança. Ele avança para o ponto em que nos encontramos e o senhor, por um cálculo aproximativo, verifica que, dentro de meia hora, o dito objeto estará junto de nós. Feito isso, o senhor me diz: Maria, daqui a pouco, tal coisa se achará aqui. Eu, que desejo a chegada de tal coisa, exclama: — Será verdade, senhor Cura? O senhor me responderá: *Afirmo-o*, guardando reserva sobre a causa que determinará o fato. Que haverá de estranho em que eu me assombre, ao ver cumprido o vaticínio, se à minha vista curta se junta a curteza do meu critério? Pois, aí está tudo, pode crer.

— Caramba, Maria! E' muito fácil explicar as coisas. E' muito bonito o dizer: a verdade é uma só.

— E' evidente, reverendo, que não basta se lhe apresentem exemplos práticos; é preciso se lhe chame para eles a atenção. Volto a perguntar-lhe: Há diabos?

— Há.

— Os diabos vêm quando os chamamos?

— Muitas vezes isso se dá.

— E, quando se chama por Deus, vem o diabo! Quando se implora a ação divina, o que se obtém é essa ação a que vossa reverendíssima chama satânica?

— Oh! não!

— Muito bem! Se, orando ambos, o senhor e eu pedimos com toda fé o auxílio de Deus para que se produza o bem e esse bem se verifica, oferecendo satisfação ao nosso desejo, poderemos dizer que foi o diabo quem no-lo proporcionou!

— Oh!'!!

— Se o senhor duvida até da sua fé para chamar por Deus, não prossigamos! Que mais diabo haverá, além do senhor mesmo? Por outras palavras: como entende o senhor cura que se deva produzir (na sua opinião) o fenômeno que está certo de provocar, quando pronuncia a frase sagrada: *Hoc est enim corpus meum*? Que é o que faz nesse momento? Não chama por Deus?

— Certamente.

— Com que, então, ao senhor lhe parece mais fácil que Deus baixe em corpo e sangue, sob forma distinta da que imagina, a que Ele nos conceda seu auxílio, por efeito unicamente da sua vontade? Duvidar, senhor Cura, de que Deus atende à invocação de suas criaturas, quando o invocam para o bem, é negar e deitar por terra o Evangelho e a Doutrina de Jesus. Porque ora o senhor? Porque oramos todos?

— Sim, não o nego.

— Não? Então, prepare-se para orar a Deus comigo, a menos que persista em crer que será o diabo quem nos responda.

— Não é preciso, Maria, pois isso seria brincar com Deus e nós não nos encontramos nesse caso, nem eu o permitiria.

— Diga antes, senhor Cura, que tem preguiça ou medo de reconhecer que o que lhe digo é a realidade.

— Talvez seja isso; talvez Deus nos castigue, permitindo que venha o diabo.

— Não há pior surdo, senhor Cura, do que aquele que não quer ouvir. Que perde o-senhor em convencer-se? Nada absolutamente. Que ganhará, ao contrário? Tudo, pois que matará o seu egoísmo, sua gula, sua avareza, suas fraquezas enfim, porque, diante de um fato evidente, palpável, que nos demonstre a existência de Deus e a sua grandeza, seu imenso amor e sua misericórdia infinita, o menos que podemos fazer é mudar a nossa maneira de ser. Abjurará o senhor por isso de tudo o que é bom e agradável ao Ente Supremo? De modo algum, pois que isso constitui a base. Não tenha preguiça de orar; mas, já que não o faz de bom grado, não o obrigarei. Entretanto, observe o fato que se vai dar, se Deus o permitir.

Maria caiu de joelhos e se pôs a orar mentalmente, rogando que, se tivesse cabimento, se fôsse conveniente, o cura presenciasse e compreendesse o fenômeno que ela desejava se operasse. Em seguida, após breve pausa, perguntou:

— “Estás aqui, meu pai?”

— “Estou, Maria.

— “Poderá dar-se o que desejo, a favor do senhor cura?”

— “Pode, sim.

— “De que modo?”

— “Olha para ele”.

O cura, com a consciência da sua torpeza e na maior atrapalhão, efeito do susto, não conseguia atinar com a aldraba da porta e, desanimado se encostara a esta, persignando-se e sem poder soltar o grito que o pânico lhe afogou na garganta, ante a aparição do defunto couteiro.

Maria se levantou, ao ver o estado do pároco, e lhe disse, com voz meiga e carinhosa:

— Não se assuste, acalme-se; venha, sente-se.

O cura repelia a mão que a moça lhe estendia,

para o conduzir a uma cadeira.

; — Não... não... — disse, a tartamudear, com voz trêmula.

— Venha; não lhe acontecerá nada.

M@[Fugite... Jesus, Maria, José!!!

E alongava os braços, fazendo cruces com o polegar e o indicador, para a visão de Francisco.

— Senhor cura, não vê com que carinho e com que solicitude meu pai o chama?

, — Ai de mim! Desfaleço!

— “Anime-se. Que tem a temer, quando venho fortalecer-lhe o Espírito?”

— Tu... Lúsbel de Avemo!

— Venho em missão e deve escutar-me”.

Maria conseguira segurar os polegares do pároco e conduzi-lo à cadeira que antes ocupava.

— Está mais calmo?

O cura, voz voz ainda trêmula, respondeu:

— Estou.

— Pois descanse um pouco e tranquilize-se. Acima de tudo, é para seu bem.

— De que maneira poderei convencê-lo, senhor cura, de que não sou o "diabo?"

— Indo-te embora.

— "Pois bem, ir-me-ei; mas, indo-me eu, nem por isso deixará de me ter visto e, se eu ficar mais um instante, nem por isso estará menos livre de conservar as suas crenças. Não é assim?"

i. — E\

— "Claro que é: quem tem fé e foge do mal, dado que o diabo exista, não lhe deve temer a influência. Pobre das almas que tão pouco pudessem contra a influência maléfica. Aceito desempenhar o papel de diabo. O senhor deve resistir-lhe, chamar por Deus em seu auxílio, pois só esse auxílio o pode salvar da minha influência. Diga comigo, senhor Cura... Não está ouvindo?"

— Estou.

— "Então, diga comigo — *Deus* (o cura repetia as palavras que percebia como ditas pela visão), *Criador do orbe, faze, com o teu poder infinito, que se ausente este espírito satânico, cuja influência me é perniciosa*".

— Senhor cura — disse Maria — ore mentalmente, do modo que entender e com fé, para que lhe venha o auxílio divino.

Passado um momento, durante o qual o pároco orou fervorosamente, perguntou-lhe a moça:

— Que sente? Está mais tranquilo?

— Estou.

— Ainda vê com a mesma prevenção o Espírito de meu pai?

— Não — respondeu ele, hesitante.

— "Porque essa hesitação? Não é para seu bem o que o ajudei a dizer? Peço-lhe em recompensa alguma coisa?"

— Não, porque nada conseguirias. Se me exigisses a alma, não a terias, porque ela é de Deus.

— "Certo e, pela mesma razão, deve ser digna d'Ele. Se quer uma prova de que nada pretendo contra a sua alma, ouça-me sem prevenção, com calma e resignação".

— Estou ouvindo.

— "O senhor veio à terra para expurgar-se um pouco das impurezas que trazia de existências anteriores".

— Quem te deu permissão para me chamar impuro ?

— "Não é isso. Todos mais ou menos o somos, relativamente ao grau do nosso progresso. Para essa purificação, trouxe, determinados pela sua livre escolha, tempo, forma e modo. Perto, muito perto está o primeiro de concluir-se; se não o aproveitar, o senhor irá encontrar-se no mesmo grau em que se achava, pois nem a forma, nem o modo da sua disposição se cumpriram até agora. Vários avisos já recebeu indiretamente e, por desgraça, os desprezou. O meu conselho o senhor esquecerá até certo ponto, porém não até ao extremo, de maneira a não guardar dele reminiscência alguma. Para servir de base a essa reminiscência, lembrar-lhe-ei que nada há oculto aos olhos de Deus, como o provou a cena que se desenrolou neste mesmo aposento, antes que daqui saísse a senhora Condessa. Para o mesmo efeito, recomendo-lhe\* que preste atenção ao fato que vai presenciar, salvando uma vítima das mãos do seu verdugo. Faça o bem, mas amorosamente, porquanto os atos sem amor não sobem ao sólio do Senhor. Não esqueça, como até aqui, o — *ama a Deus sobre todas as coisas e o teu próximo como a ti mesmo*&

A visão desapareceu e Maria, tendo a intuição da cena descrita no capítulo anterior, arrastou o cura para a porta por onde os vimos entrar.

## 24 DOIS BIRBANTES SEM SAÍDA

Saindo, a mandado de Maria, a buscar água para a Condessa, Gregório antes cuidou de afastar-se dali, do que de cumprir o que lhe fora ordenado, fconvicto de que, na ordem que recebera, havia mais um aviso, do que uma função doméstica a desempenhar. Cabisbaixo e pensativo, como era natural, meteu-se pelo caminho que conduzia à fontezinha e não deu com Roque que se sentara ao pé de um salgueiro.

— Também esse velhaco me terá abandonado? Era só o que faltava! Deixar-me sem a escopeta! E delatado por ele! É precisamente o que mereço, para não ser estúpido. Isso, porém, não me convém. .. Tenho que o procurar a todo transe.

Despertando, nesse momento, das suas reflexões, viu o salgueiro, a cujo tronco se recostara Roque, o qual, ao vê-lo chegar tão preocupado, exclamou:

— Compadre!

Gregório estremeceu.

— Não se assuste — tornou Roque. — Vem muito sobrecarregado?

— Bastante.

— Muito me alegro. Mais temos assim que repartir.

— Como, se são pesares!...

— Que quer dizer com isso? Não disse que vinha carregado?

— E muito carregado! — respondeu Gregório — porém não de dinheiro.

— Santa Brígida! de desgosto, hein? de mau humor?

Claro que sim!

— Isso na minha terra não se chama estar carregado.

— Como então se chama?

— Estupidificado.

— Dá no mesmo.

-- Há sua diferença entre contar as *pelegas* e ter que dar sebo às *canelas*.

E o mais depressa possível; toda demora será perigosa.

— E' assim, compadre? Conte-me o que há.

— Noutro lugar mais seguro, que aqui não estamos bem.

— Jesus-Cristo! Já chegou a hora de nos rasparmos? Ouça, compadre — observou Roque — teremos pão para a viagem?

— Tripas é o que não devêramos ter.

— Mau! O *pandulho*, Senhor Gregório, não fia nunca ao estômago: é um cavalheiro muito intransigente. Fede contas a todos os membros do corpo e mal vamos, se não tivermos com que o contentar.

— O caso não é para pilhérias, Roque. Anda.

— Canastras! Parece-lhe então pouca pilhéria irmos assim tão leves? Bolas!... Eu, que a quatro passos suo tanto como um cavalo de pista!... Eu sim é que não estou para troças.

— Vamos, anda — disse Gregório, tomando-lhe a escopeta que antes lhe havia confiado.

Ambos se puseram a caminho em direção à barca. Poucos passos adiante, porém, Roque de novo se plantou defronte do companheiro e, fitando-o, interrogou:

— Quer isto dizer, compadre, que se embuça no segredo? Diga ao menos alguma coisa, para que eu possa pensar...

— Alguma coisa? Pois lá vai.

— Venha.

— Maria é a Condessa de X.

— Arre, que depressa vai o negócio! O senhor se equivocou, Senhor Gregório -- observou Roque, passado o assombro que o tomara.

— Não estão maus os equívocos, Roque.  
— Com que então, diz isso formalmente?  
— Muito formalmente.  
— Pois, homem, a coisa me enche de contentamento. Afinal de contas, é uma moça que bem o merece.

— Nenhum mal há, de fato, senão que agora se precisa pôr oculos para olhá-la.  
— Ocorre-me uma coisa, Senhor Gregório; vamos pedir-lhe proteção?  
— Pois não. Aproxima-te!... -  
— E' verdade, meteu-se entre gado bom e ainda por cima... o cachorro!...  
-r- Bem, Roque; é preciso que definitivamente nos disponhamos a resolver o nosso destino.  
— Mau negócio, Senhor Gregório! Dois cordeiros entre tantos lobos! Difícil me parece a coisa.  
— Mais mérito teremos, se chegarmos a ver- -nos livres.  
— Bem; nesse caso, pensemos.

Dita essa frase, muito tempo passou, sem que qualquer dos dois pronunciasse palavra. Cansado Roque de dar voltas ao miolo infrutiferamente, pois para ele nada se resolvia sem dinheiro, disse:

. — Compadre, não lhe ocorre o como ?  
— Não, homem. E a ti?  
— Tão-pouco.  
— Mas, é necessário que achemos uma solução.  
— Já viu, Senhor Gregório, que a ninguém

nada ocorre sem dinheiro?

— Não é verdade.  
— A quem ocorre então, Senhor Gregório? — perguntou Roque, admirado.  
— Aos homens de talento.  
-- Ah!... pois sim! Eu não me tenho por *peco*; entretanto, nunca pude fazer frente à fome.  
— Isso não é verdade; sempre se disse que mais estuda um faminto do que cem letrados.  
— Venha com essa! Tantas coisas se dizem que não sucedem. Esse estribilho que repete deve tê-lo inventado algum *licurgo* que morreu de fome. Tenho uma ideia.

— Vês, como afinal é o que eu digo?  
— Pode ser, mas não confio.

Bom, bom, qual é a ideia?

— Que vamos à choça de Maria.  
— Muito bem! Mas, para quê?  
. — Assim, teremos de pronto onde meter-nos.  
— Ora! grande coisa! Lá nos soltam um sa- bujo.  
— E nós nos atiramos ao rio.  
— Já não estou em idade de tomar banhos; prefiro dar às gâmbias.

— Então, nada me ocorre. O braço da justiça é muito comprido e, sitiados pela fome, teremos que nos entregar. Sabe você que isto é pior do que o *inferno*?

— Assim o creio: lá, pelo menos, os que estão se acham livres da justiça daqui.  
— E divertidos, porque lá deve estar toda a gente alegre.

Gregório não respondeu. Começava a ver-se, como Roque, cercado por todos os lados.

Perdi o meu contrato — dizia consigo mesmo — e o demônio com certeza há-de fazer que vá cair nas mãos da justiça. Onde o terei perdido? Procurei-o na choça, pelo bosque, no Moinho, por toda parte. Como hei podido ser tão descuidado? Maria, agora Condessa, que nos poderia dar proteção, abandona-nos à nossa sorte. O cura me aconselhou a também confessar!!... Como é possível que haja homens tão bárbaros, tão estúpidos? O Alcaide de Valdeganga e seu companheiro hão de safar-se, e eu vou ficar pagão. Está muito bom! E onde irei, que não venham a saber pela bruxa o lugar em que me



ache? Cáspite! Estou perdido!

. — Não há tal, Senhor Gregório — disse Roque, interrompendo as considerações do companheiro.

— Se eu fora bruxo!!!

— Para quê?

— Canastras! Para fazer-me Conde. Parece- -lhe insignificante a bêbera que Maria vai chupar?

— E' exato?-<sup>1</sup>

— Sobretudo, assim saberíamos onde comer, sem nos custar *cheta* e por onde viriam em nossa perseguição os lebréus da justiça. Porém, que mais lebréu que esse maldito.. — exclamou Roque, ao dar com Leal que à porta da choça se pôs a ladrar à aproximação dos dois.

— Vamos, anda — disse Gregório com significativo desdém. — Não te detenhas por causa de ninharias.

— Ninharias! Bem se vê, Senhor Gregório, que esse cão não fêz relações de amizade com as suas panturrilhas.

— Sai, Leal! — disse Gregório, fazendo-se de desentendido à observação de Roque e pretendendo penetrar na choça.

A pretensão era difícil de executar, porquanto o cão de Maria, no limiar da choupana, se opunha, ameaçando-os com seus latidos, aos desejos dos dois compadres.

— Veja como se põe bonito! — observou Roque.

— Vamos, já não me conheces? Também tu, como a tua dona, me esqueceste? Vem cá — dizia Gregório, fazendo menção de acariciá-lo.

Mas, o cão não dava atenção ao ex-couteiro.

— Não disse o Senhor Gregório que eu lhe tenho medo? Pelo que vejo, não está muito longe de mim.

Nesse momento, Gregório pôs o pé na soleira da porta e Leal, como nm leão, lhe pulou ao peito.

— Ira de Deus! — exclamou aquele, levando a escopeta à cara. Como, porém, Roque a houvesse descarregado, Leal teve tempo de lhe dar duas ou três mordeduras nas mãos, quando se defendia. Quis carregá-la, mas a dor lho impediu.

*Prist*, ao ver atacado o dono e incitado por este, se atirou contra *Leal*, mas debalde. Saiu uivando, à primeira carícia do outro.

Roque, imóvel, com os olhos fitos no animal furioso, não se atrevia a castigá-lo e muito menos a correr, de medo que ele o atacasse.

Dando com ele naquela atitude, bradou-lhe Gregório:

— Covarde, carrega-me a escopeta!

Roque, porém, não se atrevia a aproximar-se de Gregório, porque o cão se colocara entre os dois.

— Que fazes parado? — perguntou o antigo couteiro.

— Você não vê que ele não me deixa passar?

— Apanha um punhado de pedras.

Quis Roque executar a ordem do outro, porém, **ao abaixar-se, Leal avançou para ele e lhe deu uma dentada na orelha.**

Foram tais o pavor e o atordoamento do homem, ao sentir a dentada, que fugiu às carreiras e se precipitou no rio, cujas águas cobriram o corpo do desgraçado.

Leal voltou para a choça, onde já Gregório havia penetrado, fechando a porta que ficara livre.

Uma vez dentro, pôs-se a carregar a escopeta, não obstante as dores da mordedura.

— Ah! assim te ponhas ao alcance de tiro! — gritou, dirigindo-se ao cão.

Mas, o inteligente animal, compreendendo as intenções do seu adversário, escondia o corpo, co-sido à parede junto à entrada, e continuava ladrando com todas as forças dos seus pulmões.

Não logrando uma ocasião de lhe fazer fogo, Gregório se desesperava, pois não se atrevia a sair, temendo um ataque.

— Estou entalado. Maldito cão! Que hei-de fazer?

Pensou um instante e se pôs a procurar tuna manta, para escapar-se envolto nela. Inútil, porém, foi a busca, porque os objetos de Maria tinham sido todos trasladados para o Moinho.

Quedou-se novamente a pensar e lhe veio a ideia de sacar pelas caneluras o cano da espingarda e, quando fôsse atacado pelo cão, fazer fogo.

Tentou-o, mas em vão, porque Leal, naquele momento, tinha mais instinto do que ele inteligência.

— Estou encurralado! — exclamou, depois de tentar a experiência. — Aqui me agarram, não há dúvida. Mais feliz do que eu foi Roque! Dele ao menos ninguém rirá. Não o verã enforcado, como é muito provável que, por incendiário, me suceda a mim! Mas, senhor, para que tanto pânico? Não é preferível ser mordido trinta vezes, a servir de espetáculo aos curiosos? Acalma-te, Gregório... pensa.

Sentou-se e entrou a refletir, enquanto Leal continuava a latir desafortadamente.

— Este bicho me descobriu as intenções; bem esperto é para se pôr ao alcance do meu tiro; é cão de bruxa. Nada, saiamos: abrirei um pouco a porta e ele há-de querer entrar; aplico-lhe um golpe certo na cabeça com a coronha da escopeta e assim, pelo menos, o atordoarei. Entretanto, tranquiliza-te, Gregório: tem tino porque, se não deres o golpe, vais ficar comprometido.

Dispôs-se a realizar o seu intento. Entreabriu a porta com cuidado, preparou o braço armado da escopeta, à espera que o cão se aproximasse, e tudo se passou como ele previra; a espingarda resvalou pelo focinho do animal e foi bater na soleira de pedra da porta.

Inútil dizer que a arma ficou sem culatra, pois que esta se desprende da caixa, partida pela garganta.

— Maus raios te partam, cachorro de bruxa! — Soltando esta maldição, Gregório tomou a fechar apressadamente a porta e de novo se abismou em reflexões.

Um ruído de passos o veio tirar de sua abstração. Qual não foi o seu espanto, quando ouviu que diziam:

— "Aqui está Leal"

— Valha-me Deus! já estou na forca! — exclamou, julgando-se nas mãos de seus perseguidores. — Tenhamos brio! Assim não será.

Tirou o sapato e a meia com precipitação nervosa, apoiou o dedo grande do pé no gatilho da arma, já apontada com a irreflexão própria do medo e do remorso, e disparou o tiro, arrebatando o crânio e caindo por terra, morto em poucos segundos.

As pessoas que se aproximavam pararam, ouvindo a detonação.

Passados alguns instantes, a curiosidade as fêz forçar a porta e deram com o suicida alagado em sangue.

Todos exclamaram a um tempo:

— "Ai, Gregório, que pena! Como o anunciava o pobre cão! Ah.' que os animais barruntam as desgraças! Leal, Leal!"

Leal desaparecera na direção do Moinho. Os dois criados, que tinham saído a procurá-lo, voltaram com a notícia da catástrofe ocorrida na choça.

O conde continuou a melhorar sob os esforços que Maria empregava para lhe restituir a saúde.

O mesmo, entretanto, não se dava com o pároco de Valdeganga. Oji em virtude dos acontecimentos, que lhe exaltaram o ânimo, ou por efeito de algum dos seus costumados e sempre frequentes excessos no comer, o certo é que, em consequência de uma persistente gastrite, a saúde se lhe tomara precária. Teve que confiar sua paróquia a um Ecónomo e sair de Valdeganga, em busca de molhoras, o que, por infelicidade, já fêz muito tardiamente, tanto que, poucos dias depois de chegar a Villarobledo, faleceu, ao cabo de bem cruel agonia.

Maria permaneceu ao lado da Condessa, que resolvera passar em Boliches o resto de seus dias.

Completamente restabelecido, o Conde partiu para Madrid, com o encargo especial, que lhe

deram sua mãe e sua irmã, de estudar a fundação de um hospital e de várias escolas, devendo aguardar, para a execução desse projeto, as ordens que Maria ficara de dar-lhe oportunamente.

Os fundos, com que seriam levados a efeito essas obras, eram os a que se referia o documento secreto que o Conde deixara entre as folhas da Bíblia, como atrás ficou dito.

O Alcaide de Mahora, por prêmio do que fizera para pôr termo à causa que se iniciara com o atentado contra o Conde e o incêndio do bosque, teve os agradecimentos da Condessa, que o nomeou, em seguida à morte do cura, administrador e procurador geral do morgado.

Roque, salvo quase milagrosamente da correnteza do rio, ficou com o juízo um tanto perturbado. Não obstante, Maria, alma boa e caridosa, pagando o mal com o bem, lhe concedeu os mesmos direitos que o Conde havia outorgado ao barqueiro e couteiro de Bolinches. Desse modo, o pobre filho do Guadalquivir purgou o seu desvairamento.

A Condessa e sua filha desciam todas as tardes a orar na choga de Francisco.

Aí debatiam questões morais, que a primeira, depois, transmitia, sob a forma de conselhos, a Xavier, como lições.

Mau grado à resolução de continuarem a viver naqueles sítios, tiveram mais tarde que a revogar, para se consagrarem a cuidar dos enfermos do Hospital que fundaram.

Isso fêz que a Condessa deliberasse, com grande pesar de Maria, trasladar os restos de seu esposo para uma humilde uma funeraria, na capela do Hospital.

Os dias da Condessa transcorreram com mais resignação de sua parte, quase com prazer, ante o exemplo prático que lhe dava Maria. Os últimos, contudo, foram bastante atribulados, pois que teve de passar pela prova de separar-se de sua filha carinhosa e solícita, por assim o exigirem os cuidados de que precisavam os doentes da epidemia que irrompera e cujo tratamento a moça tomara a si.

De acordo com a vontade expressa do Conde, a Condessa, por sua morte, foi ocupar a mesma uma modesta que ela mandara construir: ' para o esposo.

Os despojos deste e os de Maria foram colocados debaixo do cenotáfio que se erguera para sustentar a uma.

Época veio em que, por não intervir o Conde na administração e conservação dos estabelecimentos fundados pela sua casa, eles entraram em decadência, até deixarem de ser o que eram na época em que a Condessa e Maria os administravam.

O tempo mostrou que também a esses estabelecimentos cabia uma parte de desgraça, ou de *Inferno*, pois que, absorvidos pelo governo, parece que não deixado de existir.

O leitor, à vista do papel que desempenhou o inteligente Leal, há-de querer saber qual foi o seu destino. Ficarà satisfeito quando saiba que, até morrer, já muito velho, foi o companheiro fiel de Roque, o barqueiro.

Louvado seja Deus! Que Ele nos dê forças para lutar e sair vitoriosos da série de provas a que voluntariamente nos submetemos, no nosso constante anseio de avançar sempre, pela senda do progresso e do amor